

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim**

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO  
MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE  
ALAGOAS: O PROGRAMA JOVEM  
EMPREENDEDOR DA ESCOLA  
PÚBLICA**

Maceió – AL

2008

Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim

**EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO MÉDIO  
DA REDE ESTADUAL DE ALAGOAS: O  
PROGRAMA JOVEM EMPREENDEDOR DA  
ESCOLA PÚBLICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Educação Brasileira, orientada pelo Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado.

Maceió – AL

2008

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
**Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale**

J62e Jobim, Daniela Ribeiro de Bulhões.  
Educação à distância no ensino médio da rede estadual de Alagoas : o programa jovem empreendedor da escola pública / Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim.  
– Maceió, 2008.  
117 f. : il.

Orientador: Luís Paulo Leopoldo Maarcado.  
Dissertação (mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2008.

Bibliografia: f. 111-117.  
Inclui anexos.

1. Educação à distância. 2. Empreendedorismo – Ensino médio. 4. Jovem empreendedor. I. Título.

CDU: 37.018.43(813.5)

Universidade Federal de Alagoas  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE  
ALAGOAS: O PROGRAMA JOVEM EMPREENDEDOR DA ESCOLA PÚBLICA

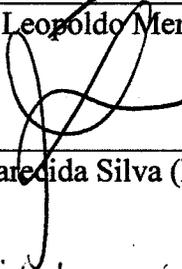
**DANIELA RIBEIRO DE BULHÕES JOBIM**

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação  
da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 14 de fevereiro de 2008.

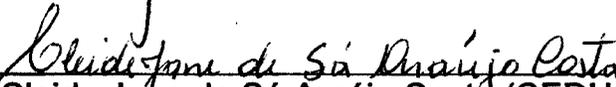
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Luis Paulo Leopoldo Mercado (CEDU-UFAL).....(orientador)



Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Silva (FEAC-UFAL)..... (Examinadora Externo)



Prof.ª Dr.ª Cleide Jane de Sá Araújo Costa (CEDU UFAL).....(Examinadora  
Interno)

## **AGRADECIMENTOS**

### **Dedicatória**

Aos meus pais, filhos, irmãos e tios que me instigaram, na intimidade, a extrair o máximo da vida. Que me apoiaram nos momentos mais difíceis e me fizeram superar os obstáculos. Todo o meu amor e carinho.

### **Gratidão**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luís Paulo Leopoldo Mercado, que me proporcionou a oportunidade de compartilhar sua experiência e conhecimento, me ajudando a superar minhas limitações. Minha profunda gratidão e sincera admiração;

Aos amigos Maria Simone Bispo, Keli Rey, Adail Amorim, Délia Maria Fonseca, Maria de Fátima Rocha, José Aparecido, Aristóteles, Deise Sant'Ana, Lílian Kelly, Maria Eunice, Nitecy, que no acolhimento me permitiram descansar em várias etapas da jornada e que com apoio e palavras de encorajamento me ajudaram a prosseguir, muito obrigada;

A Rosângela Fonseca, Sônia Azevedo, Carmem e aos colegas do PTE e NTE da SEE-AL, meus sinceros agradecimentos pela fundamental colaboração;

Aos alunos, instrutores e coordenadores do JEP e a todos que ajudaram a tornar possível a realização desse trabalho, meus profundos agradecimentos.

### **Homenagem Especial**

A minha avó, Maria Luzia Santos Ribeiro, que se orgulharia ao me ver concluindo o mestrado, uma presença constante e marcante em minha memória;

A Eraldo Marques Prezado, meu compadre e grande incentivador, profundo admirador do conhecimento, que não teve a oportunidade de ver-me concluindo esse curso. A minha eterna saudade.

## RESUMO

Este estudo descreve a experiência do Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública (JEP) em Alagoas, que utiliza a Educação a Distância, via Internet, com alunos do Ensino Médio nas Escolas Públicas Estaduais. A pesquisa focaliza a questão sobre o modo como o JEP tem contribuído para a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas estaduais alagoanas no mercado de trabalho. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, na perspectiva do estudo de caso, envolvendo a pesquisa bibliográfica e documental, além da observação participante e não-participante em duas escolas da rede pública estadual, que constituem o universo da pesquisa. Os depoimentos dos alunos, instrutores e coordenação do programa, juntamente com as entrevistas e os questionários aplicados, foram os instrumentos utilizados na coleta de dados durante a investigação, que teve como objetivos analisar as contribuições do JEP, através da EAD, para a qualificação e a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio no mercado de trabalho; bem como investigar as potencialidades da EAD no Ensino Médio e as possibilidades fornecidas pelo JEP para a diminuição da exclusão digital. A Educação a Distância no Ensino Médio e o Empreendedorismo na educação são abordados no desenvolvimento do trabalho.

**Palavras-chave:** Educação a Distância, Jovem Empreendedor, Empreendedorismo, Ensino Médio, Escolas Públicas.

## ABSTRACT

This study describes an experience about the Young Enterprising Program in the Public Schools in Alagoas. It uses the education at a distance with High School students in the Public Schools. The methodology of the qualitative research has a perspective of a study of case. It focuses the question of the contribution of the program to the digital inclusion in the state school in Alagoas, and also it is to insert the concluded young students of High School in the labor market. The research includes the Education at a Distance and how to use the Entrepreneurship in the Education. The student's depositions, instructors and the coordination of the program are some instruments in the collect of data, during the investigation. This investigation has aimed for to analyze the contribution of Young Enterprising Program, through of the Education at a Distance, to the qualification and introduction of the concluded young students of the High School in the labor market. The Education at Distance in the High School and the entrepreneurship in the Education are broached in the development of the study.

**Key-words:** Education at a Distance, Young Enterprising, Entrepreneurship, High School, Public Schools.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I - A EAD NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>12</b>
1.1- EAD: definição .....	13
1.2- As origens da EAD e sua evolução .....	14
1.3- A interatividade na internet e a formação de comunidades virtuais de aprendizagem .....	17
1.4- Aprendizagem na educação on-line .....	21
1.5- A EAD na formação de professores e a sua atuação nas comunidades de aprendizagem .....	23
1.6- Desenho didático para construção de ambientes de aprendizagem na EAD .....	26
1.7- Uma base jurídica para a EAD .....	30
1.8- As TIC e a EAD nas escolas públicas .....	33
<b>CAPÍTULO II - O EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>37</b>
2.1- O que é empreendedorismo? .....	38
2.2- A necessidade de uma formação empreendedora .....	45
2.3- Todos podem ser empreendedores? .....	47
2.4- O empreendedorismo pode ser ensinado? .....	53
2.5- O empreendedorismo nas escolas .....	56
<b>CAPÍTULO III - O MÉTODO .....</b>	<b>61</b>

3.1- O universo da pesquisa .....	61
3.2- O problema e a hipótese .....	61
3.3- Os objetivos .....	62
3.4- A metodologia .....	62

#### **CAPÍTULO IV - PROGRAMA JOVEM EMPREENDEDOR DA ESCOLA PÚBLICA: O CASO JEP- AL ..... 65**

4.1- O Portal Geranegócio .....	65
4.2- O Programa JEP-AL .....	70
4.3- O atendimento aos alunos .....	71
4.4- A assistência dos instrutores .....	72
4.5- A inclusão virtual, o itinerário formativo e a aprendizagem no JEP .....	76
4.6- Premiação e incentivos aos alunos .....	84
4.7- Dificuldades encontradas e a interatividade no JEP .....	87
4.8- Depoimentos de instrutores e alunos .....	92
4.9- As contribuições do JEP na formação dos alunos .....	96
4.10- Resultados da aplicação dos questionários e análise dos dados .....	99

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 108**

#### **REFERÊNCIAS ..... 111**

#### **ANEXOS ..... 118**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Portal Geranegócio .....	20
Figura 2 – Mapa do Geranegócio .....	67
Figura 3 – Ger@pesquisa .....	68
Figura 4 – Atendimento Online: ger@tendimento .....	69
Figura 5 – Página do JEP-AL .....	70
Figura 6 – Instrutora do JEP e Alunos .....	74
Figura 7 – Instrutora em Treinamento .....	75
Figura 8 – Instrutor em Treinamento .....	75
Figura 9 – Página do Módulo Internet .....	79
Figura 10 – Página do Módulo Empreendedorismo .....	80
Figura 11 – Página do Módulo Navegando .....	80
Figura 12 – Página do Módulo Plano de Negócios .....	81
Figura 13 – Página do Módulo Elaborando o Plano .....	82
Figura 14 – Introdução de um Plano de Negócio elaborado por aluno do JEP. .....	83
Figura 15 – Festa de Encerramento do JEP-AL 2004 .....	86

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados Pessoais: Idade .....	99
Quadro 2 – Dados Pessoais: Sexo .....	99
Quadro 3 – Renda Familiar .....	100
Quadro 4 – Empregados e Desempregados .....	100
Quadro 5 – Utilização do Computador .....	100
Quadro 6 – Acesso a Internet .....	101
Quadro 7 – Locais de Acesso .....	101
Quadro 8 – Contribuição para a Inserção Digital .....	101
Quadro 9 – Pretendem montar o Próprio Negócio .....	102
Quadro 10 – Contribuição do JEP para Melhoria dos Conhecimentos .....	102
Quadro 11 – Ferramentas do Curso .....	102
Quadro 12 – Contribuição do Instrutor .....	103
Quadro 13 – Relacionamento com o Instrutor .....	103
Quadro 14 – Qualidade do Curso .....	103
Quadro 15 – Dificuldades nas Etapas do Curso .....	104
Quadro 16 – Contribuição do JEP para a Inserção no Mercado .....	104

## INTRODUÇÃO

Na sociedade capitalista e neoliberal, na qual é fundamental conquistar vantagens competitivas no mercado de trabalho, a Educação a Distância (EAD) e o Empreendedorismo vêm se tornando fenômenos irreversíveis.

A cultura empreendedora se dissemina por todo o mundo com a contribuição das universidades e setores ligados à pesquisa e ao desenvolvimento. Um indício da explosão do empreendedorismo no Brasil é a criação, a partir de 2000, de cursos de empreendedorismo em várias faculdades do país.

A EAD, por sua vez, tem se propagado muito no campo da capacitação e qualificação de profissionais de diferentes áreas, sendo ofertada em diversas universidades e, gradativamente, na educação básica. Esse crescimento da EAD deriva do seu potencial de democratizar o acesso a educação, podendo proporcionar melhorias na aprendizagem, principalmente para a grande parte das classes trabalhadoras que encontram dificuldades como adequação de horário e problemas de deslocamento, para cursar o ensino convencional. Além disso, algumas experiências de EAD vêm mostrando que esta pode coexistir com o ensino convencional, contribuindo para seu aperfeiçoamento.

Cada vez mais se evidencia a necessidade de uma educação básica e obrigatória voltada para a formação de cidadãos e cidadãs capazes de dar prosseguimento a sua formação. A preocupação com o desenvolvimento dos alunos em diferentes contextos educativos é muito importante, e a escola é apenas um deles. Deve-se ter a consciência de que o ensino não pode estar apenas atrelado aos interesses do mundo do trabalho, e sim que precisa ser um ensino para a vida.

Atendendo a formação de indivíduos plurais, é preciso inserí-los no campo do trabalho, no campo das novas tecnologias, no campo da qualificação profissional, em uma escola que esteja convergindo com seu tempo, com as demandas da sociedade na qual está inserida.

A escola pública deve se renovar adotando as inovações e atendendo aos desafios que se apresentam. Isso inclui o envolvimento nos debates educacionais atuais, além da aproximação e incorporação de “novidades” que surjam, como a EAD e o empreendedorismo.

Diante das necessidades dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas estaduais, que se deparam com as dificuldades de acesso à universidade e a realidade do desemprego, o governo do Estado de Alagoas lançou em 2002, numa parceria com o Portal Geranegócio<sup>1</sup>, o Programa Jovens Empreendedores das Escolas Públicas de Alagoas (JEP).

O Portal Geranegócio tem a missão de suprir, através da Internet, as necessidades dos pequenos empreendedores, oferecendo orientações para montar e desenvolver os negócios.

A proposta do JEP é ensinar informática, empreendedorismo, e a montagem de planos de negócios, além de fornecer microcrédito aos jovens concluintes do programa. Os cursos ocorrem a distância, através da Internet, que é a base do JEP. A interatividade é estimulada com a utilização multimídia<sup>2</sup>.

Nos cursos realizados pelos alunos do JEP há a possibilidade da realização de pesquisa virtual e são utilizados recursos variados como fóruns, bate-papos, atendimento online, além do fornecimento de uma apostila a todos os alunos, que serve como um guia de referência para os momentos em que estiverem distantes do computador. As lições são realizadas virtualmente, mas há o apoio de um instrutor presencial para a superação de eventuais dificuldades. O JEP valoriza a autonomia do aluno e as suas produções.

Este estudo justifica-se por ser uma análise da aplicação da EAD e do ensino do empreendedorismo nas escolas públicas de Ensino Médio de Alagoas, através do JEP, a partir da análise sobre o seu impacto no ambiente escolar, o seu real significado na formação dos alunos do Ensino Médio, o seu papel no combate a exclusão dos jovens das camadas populares no mercado de trabalho e na democratização do acesso à Internet nas escolas públicas.

A pesquisa partiu do questionamento sobre o modo como o JEP tem contribuído para a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Alagoas no mercado de trabalho. Tendo a hipótese de que o JEP contribui para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio, capacitando-os para utilizar a Internet, fornecendo indicações de novos caminhos e opções para a sua inserção no mercado de trabalho, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores e/ou melhorando a sua formação.

O estudo teve como objetivos: analisar as contribuições do JEP para a qualificação e a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio no mercado de trabalho; investigar as potencialidades da EAD no Ensino Médio e as possibilidades fornecidas pelo JEP para a

---

<sup>1</sup> [www.geranegocio.com.br/jepal](http://www.geranegocio.com.br/jepal).

<sup>2</sup> Multimídia é a combinação controlada por computador de, no mínimo, um tipo de mídia estático (texto, fotografia, gráfico) com um tipo de mídia dinâmico (vídeo, áudio, animação).

diminuição da exclusão digital. Para atingir os objetivos propostos faz-se necessário um entendimento sobre EAD e empreendedorismo, o que é realizado nos dois primeiros capítulos.

Na realização do trabalho foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, utilizando o método do estudo de caso, envolvendo na coleta de dados a pesquisa bibliográfica e documental, a observação participante e não-participante. Foram empregados, também, procedimentos como a realização de entrevistas e a aplicação de questionários. O universo pesquisado abrangeu duas escolas públicas estaduais, participantes do JEP.

Assim, estão contemplados nesse estudo os assuntos abordados, o desenvolvimento da pesquisa e os resultados obtidos, divididos em quatro capítulos: no primeiro capítulo, a EAD no Ensino Médio, são abordadas a EAD e as suas possibilidades na formação básica, além da formação de professores e da base jurídica na EAD; no segundo capítulo, o Empreendedorismo na Educação, é contemplado o significado do empreendedorismo e a importância da sua introdução na educação; no terceiro capítulo, o Método, encontra-se a metodologia utilizada para a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho; no quarto capítulo, Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública: o caso JEP-AL está o histórico, os desdobramentos e as repercussões do Programa JEP, além da análise dos dados coletados durante a pesquisa.

## CAPÍTULO I - A EAD NO ENSINO MÉDIO

A EAD vem se destacando e apresentando-se como uma alternativa para atender as necessidades pedagógicas da sociedade atual. Na qual tornou-se evidente que a educação é o caminho a ser seguido para sua transformação, tendo o conhecimento e a formação continuada como elementos essenciais.

Considerada como um instrumento de democratização do acesso à universidade pública, a EAD vem conquistando uma posição de destaque no Brasil. Ela oferece oportunidades para o ingresso e acesso de um grande número de pessoas nas instituições de ensino e na formação profissional. Assim, pode ser um meio de inclusão promissor para os que ainda estão excluídos dos processos educacionais, seja por questões de horário, dificuldades de acesso, problemas com a distância entre a escola e a moradia ou falta de recursos materiais, entre outras causas.

Daniel (2003, p. 46) questiona os motivos da “Educação para Todos” não ser uma realidade no mundo inteiro, uma vez que todos concordam sobre a importância da educação como peça chave para o desenvolvimento sustentável. Para ele, “um país só atingirá a Educação para Todos se o seu governo e o seu povo tiverem como meta, objetivo e projeto educar todos os cidadãos”. Havendo apenas uma “bela recomendação” de organizações internacionais, a educação continuará a ser uma prioridade secundária.

Ruipérez (2003) afirma que a formação a distância, nos últimos anos vem experimentando uma grande expansão, repercutindo na duplicação do número de instituições públicas e privadas que incluem esta modalidade educacional.

De acordo com os dados do Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD, 2006) lançado pelo Instituto Monitor e pela Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), o Brasil, em 2005, teve aproximadamente 1.278.022 alunos na EAD, tanto em cursos credenciados, como nos projetos nacionais públicos e privados, repercutindo no benefício de uma grande quantidade de pessoas que tiveram acesso a algum curso de EAD, melhorando sua qualificação ou capacitando-se para alguma função. Dessa quantidade de alunos, levantada pela pesquisa, temos cerca de 203.378 em escolas, estaduais e

municipais, autorizadas oficialmente de ensino fundamental, ensino médio, ensino técnico (ensino médio profissionalizante) e educação de jovens e adultos.

### **1.1- EAD: definição**

A EAD é um processo de ensino-aprendizagem mediado por tecnologias, no qual se destacam características como as diferenças de tempo e espaço, a autoaprendizagem e a prioridade no desenvolvimento de adultos (BARROS, 2003).

As definições sobre EAD encontradas na literatura são bastante variadas, como: “Ensino a Distância” ou “Aprendizagem Aberta e a Distância”. As definições sempre estão focadas nas diferenças existentes entre o ensino convencional (ensino presencial) e a distância. Segundo Belloni (2003, p.34)

Atualmente, ao final dos anos 90, a expressão mais largamente usada e recomendada pelos organismos internacionais é ‘aprendizagem aberta e a distância’ (open distance learning), adotada pela Comissão da União Européia, e que inclui diferentes formas e regimes de EAD.

Apesar de algumas diferenças, todas as definições sobre essa modalidade de ensino convergem na opinião de que uma característica fundamental da EAD é a utilização de ferramentas acadêmicas e técnicas que visam substituir parcialmente a presença do professor no processo ensino-aprendizagem, pois a EAD permite uma flexibilidade, além da autonomia do estudante, neste processo. Entretanto, a presença do professor é essencial.

Essa presença pode não ocorrer em tempo real, ou aparentemente o professor não estar presente ao processo ensino-aprendizagem, mas a sua presença é vital para o sucesso do curso, podendo acontecer por meio de interações com os cursistas ou ocorrendo parte virtualmente e parte presencialmente, além de outras possibilidades. O certo é que o fato de um curso ser a distância, não elimina a necessidade da presença do professor, mesmo que essa não aconteça do modo convencional.

É preciso destacar que através da EAD, torna-se possível oferecer oportunidades reais de aprendizagem, principalmente para a grande parte das classes trabalhadoras, que têm dificuldades de cursar o ensino convencional. Algumas experiências de ensino a distância têm

mostrado que a EAD pode coexistir com o ensino convencional, contribuindo até mesmo para seu aperfeiçoamento.

De acordo com Branco (2003, p.421), pode-se dizer que EAD é a educação necessária, no momento preciso, em qualquer lugar e ao menor custo possível. Assim, a EAD converge com as necessidades da sociedade da informação e do conhecimento em que o mundo se encontra. Para o autor:

Todo esse incremento da educação a distancia ocorre pela possibilidade que ela oferece de uma educação continuada ao longo da vida, muito importante em nosso mundo de modificações; pela grande aceitação que ela vem tendo junto às empresas, como uma boa alternativa a ser usada como enriquecimento da educação presencial, transformando-a em uma forma híbrida de trabalho onde são incorporados recursos do ensino presencial e do ensino a distância.

Atualmente a EAD é vista como uma metodologia inovadora de ensino. Porém, ainda gera controvérsias sobre se pode realmente proporcionar a mesma qualidade e/ou resultados do ensino presencial.

Belloni (2003, p. 91) enfatiza que uma das dificuldades da EAD é a sua posição de baixo prestígio no campo da educação, uma vez que comparada aos sistemas convencionais, por longo tempo, foi considerada uma solução paliativa, emergencial ou marginal. Segundo a autora, os atores no campo da educação e o público em geral costumam ver a EAD como uma segunda oportunidade para os que não tiveram acesso ou abandonaram o ensino regular. Isso repercute nas “dúvidas quanto à qualidade do ensino oferecido por sistemas de EAD e tende a enfatizar os fracassos, não obstante o sucesso de muitas experiências e a credibilidade de algumas das grandes universidades abertas européias”.

Para conhecer bem a EAD, é preciso verificar os dados reais sobre as origens, a evolução, o potencial e as limitações da EAD. Buscando dados históricos verifica-se que ela não é exatamente uma novidade.

## **1.2- As origens da EAD e sua evolução**

Pode-se considerar a existência da EAD desde o surgimento das civilizações antigas (egípcia, hebraica, grega, persa, romana), com o desenvolvimento da escrita e da

comunicação, com os primeiros esforços para proporcionar a aprendizagem às pessoas ausentes em determinados espaços e tempos. Isso pode ser exemplificado através das epístolas de São Paulo aos Romanos. Assim, é possível afirmar que o avanço da EAD ocorreu em conjunto com o avanço dos meios de comunicação.

Para Barros (2003, p. 37), “o desenvolvimento da comunicação educativa a distância apresenta-se com o início da escrita e tinha o objetivo de propiciar a aprendizagem a pessoas ausentes em determinado espaço e tempo”.

Mas, os registros de EAD, de fato, realizada por correspondência, foram encontrados a partir do século XVIII. E, ao longo do tempo, a EAD foi realizada através dos diversos meios de comunicação existentes.

No Brasil, os primeiros cursos por correspondência foram oferecidos a partir de 1904, na cidade do Rio de Janeiro, pela Escola Internacional. Em seguida foram implantados na cidade de São Paulo cursos, também por correspondência, oferecidos pelo Instituto Monitor e pelo Instituto Universal Brasileiro. “Não há instituição brasileira que se aproxime em números do gigantismo que fez o trabalho do Instituto Universal, com cursos baratos, simples e elementares, de iniciação profissional” (FORMIGA, 2004, p. 58).

Destacam-se também os Telecursos (via TV e material impresso) de 1º e 2º Graus da Fundação Roberto Marinho, que existiram até a última década do século XX. Transformando-se no Telecurso 2000<sup>3</sup>, em 1995, criado em conjunto pela Fundação Roberto Marinho e pela Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), unindo e aperfeiçoando os dois cursos produzidos anteriormente. Mais recentes, os projetos TV Escola<sup>4</sup> e ProInfo<sup>5</sup> podem exemplificar cursos que envolvem o uso de recursos didáticos como o vídeo, a TV e o computador.

Torna-se perceptível que a inovação não é a EAD, e sim que o avanço proporcionado pela evolução das TIC, de modo geral, tem repercutido em modificações em todos os âmbitos sociais, principalmente nas formas de ensinar e aprender. Isso pode ser sentido tanto nos

---

<sup>3</sup> O Telecurso 2000 é uma metodologia educacional que integra os conteúdos do ensino fundamental e do médio utilizando multimeios com a finalidade de oferecer uma nova oportunidade de concluir os estudos básicos para todos aqueles que, por algum motivo, não puderam fazê-lo no tempo adequado. <http://www.telecurso2000.org.br/>

<sup>4</sup> A TV Escola é um Programa da Secretaria de Educação a Distância, do Ministério da Educação, dirigido à capacitação, atualização e aperfeiçoamento de professores da Educação Básica. [http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com\\_content&task=view&id=65](http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=65)

<sup>5</sup> O Programa Nacional de Informática na Educação - ProInfo, executado no âmbito do Ministério da Educação, visa a promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica. [http://sip.proinfo.mec.gov.br/entidade/entidade\\_cad\\_adesao\\_proinfo.php](http://sip.proinfo.mec.gov.br/entidade/entidade_cad_adesao_proinfo.php)

curso presenciais como nos cursos a distância, pois estão dispostos meios educacionais que vão desde os impressos até os cursos online na Internet, progredindo para a comunicação instantânea de dados em formato de voz e imagem.

As práticas educativas a distância vêm sendo aperfeiçoadas, ganhando muito com a interatividade e possibilitando inovações no campo da aprendizagem e da formação, proporcionando maior autonomia. Nesse contexto, a EAD vem se destacando, se antes era mais usada no âmbito do nível superior, agora é cada vez mais solicitada por estudantes de todos os níveis educacionais. Desse modo, tem crescido em oferta.

De acordo com Bacha Filho (2003), a EAD vem tornando a cidadania universal uma realidade, pois tem assumido um papel determinante no processo de formação e atualização das pessoas. A demanda por educação tem crescido de acordo com esse autor, tanto em função da evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos, como pelas conseqüências das lutas da classe trabalhadora para obter acesso ao saber socialmente produzido.

Segundo Neves (2004), dados do Censo Educacional indicam que o Brasil possui aproximadamente 31 milhões de alunos no Ensino Fundamental público e 8 milhões no Ensino Médio. Quanto ao número de professores, cerca de 300 mil atuam no Nível Fundamental e de 270 mil no Nível Médio. O número contabilizado, entre as escolas públicas, gira em torno de 155 mil estabelecimentos de Educação Básica. Destas escolas, 48 mil declaram possuir computador. Mas, muitas vezes existe apenas um computador em cada uma destas escolas. Possuir o computador na secretaria da escola não é o mesmo que fazer uso pedagógico desse.

Devido aos métodos tradicionalmente empregados na sua aplicação, a EAD ainda é vista, por algumas pessoas, com reservas. Para Oliveira (2003), a abordagem mais utilizada na EAD é a *broadcasting*, em que o professor transmite ao aluno um pacote fechado de informações pertinentes aos seus propósitos educacionais. Nessa abordagem, há apenas a reprodução de métodos tradicionais de ensino. Porém, a EAD pode atingir os mesmos objetivos que qualquer outra metodologia educacional. Ela não é melhor ou pior do que o ensino presencial.

O que torna um processo educacional inovador, seja ele presencial ou a distância, garantindo sua eficácia é, justamente, o método empregado. Na EAD é preciso que em primeiro lugar sejam consideradas as necessidades dos alunos, criando-se situações de aprendizagem que possam despertar a curiosidade, mobilizando para a investigação, para a produção do conhecimento e para novas aprendizagens.

### **1.3- A interatividade na Internet e a formação de comunidades virtuais de aprendizagem**

Em um sistema de EAD, bem organizado, as possibilidades de comunicação e interação são muitas. Para sua eficácia são primordiais o planejamento e a elaboração de materiais adequados, sempre com o foco voltado para as necessidades do aluno. Bons materiais, que podem contribuir para o estudo autônomo são produzidos na EAD, portanto estes podem servir perfeitamente para desenvolver essa competência nos alunos.

Antigos problemas que ocorriam com a EAD tornaram-se possíveis de resolver, principalmente em função da Internet, como as questões da comunicação e interação. Além disso, foram ganhas vantagens como a facilidade de acesso e a diminuição de custos.

A Internet, além de influenciar o crescimento inédito da EAD, trouxe um item muito importante para o processo ensino-aprendizagem na EAD: a interatividade. Isso coloca a EAD no mesmo nível do ensino presencial e tendo o mesmo desafio, que é o aumento da qualidade.

Na Internet dispõe-se de um universo que contém oportunidades ilimitadas de aprendizagem, oferecendo uma ajuda excepcional para que o estudante torne-se independente em seu processo formativo, decidindo sobre o nível e a intensidade de comunicação necessária para que aprenda a aprender (ARETIO, 2001).

Para Castells (2003, p.20), “a Internet não é apenas uma tecnologia, ela é a ferramenta tecnológica e a forma organizacional que distribui informação, poder, geração de conhecimento e capacidade de interconexão em todas as esferas de atividade”.

A Internet apresenta-se como a mídia mais importante da atualidade, comportando outras mídias e tecnologias e potencializando as transformações que vêm ocorrendo. A educação que utiliza a Internet ou as redes eletrônicas vem sendo denominada online ou e-learning. É válido ressaltar que “um curso por correspondência é a distância e não é online”. Também que “não podemos confundir a educação online apenas com cursos pela Internet, e somente pela Internet no modo texto” (MORAN, 2004, p.54).

Segundo Mercado (2006, p. 57), para trabalhar com a Internet deve-se criar “ambientes de aprendizagem voltados para a socialização, a solução de problemas, a gestão compartilhada de dados, de informações e a criação e a manutenção de uma memória coletiva compartilhada”. E esta precisa conter dados de interesse do grupo e que sejam “capazes de modelar conhecimentos sobre as mais diferentes áreas de aplicação”.

A Internet é um meio que compreende diversos meios, cada vez mais utilizados, possibilitando novos padrões de interação social. Com a ascendência, proliferação e multiplicação dos chats, grupos de discussão, listas de discussão, blogs, trocas instantâneas de mensagens e correios eletrônicos. Assim, a Internet aproximou-se do que entendemos por comunidade, tendo como base a comunicação online e favorecendo a criação e ampliação de ambientes de aprendizagem, caracterizando-se como uma comunidade virtual. A Internet, desse modo, possibilita uma grande melhoria na qualidade dos cursos a distância, contribuindo para o crescimento e a evolução da EAD. Tendo na formação de comunidades virtuais de aprendizagem o melhor caminho para seguir dentro da EAD, por essas proporcionarem o estabelecimento da autoaprendizagem, da autonomia, do trabalho colaborativo, da cooperação, do trabalho em equipe, da construção conjunta do conhecimento, da interatividade.

As comunidades virtuais de aprendizagem convergem para os ditames dos novos paradigmas educacionais, como a formação continuada e o aprender fazendo. Então, nas comunidades de aprendizagem encontramos o melhor modo de aplicar a EAD em todos os contextos.

Um dos primeiros pesquisadores a estudar o tema, e a usar o nome "comunidades virtuais" foi Howard Rheingold. Sendo ele próprio um formador de comunidades, questiona se um site ou um ambiente educativo na Internet pode funcionar bem sem estar ajustado à perspectiva de uma comunidade virtual. Para Rheingold (1993), a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, que passa a existir quando as pessoas realizam trocas e estabelecem laços sociais. Portanto, essas comunidades, podem ser entendidas como agregados sociais que surgem na Internet, quando um grupo de pessoas compartilha discussões, durante um determinado tempo, envolvendo sentimentos humanos e formando teias de relacionamento no ciberespaço.

Nas comunidades virtuais de aprendizagem, as relações online envolvem muitas emoções, há uma afetividade que vai se formando entre seus membros apesar da distância. Também se desenvolve um forte conceito de "moral social" entre os membros da comunidade, desse modo ela mesma se auto-regula, se organiza. Isso é que a caracteriza como uma comunidade (LÉVY, 1999).

De acordo com Palloff e Pratt (2002, p.48), a construção de uma comunidade, na qual o processo de aprendizagem possa ocorrer de forma rica e autônoma, deve seguir alguns preceitos como:

- definição clara da proposta do grupo;
- criação de um local diferenciado para o grupo;
- promoção de lideranças internas eficientes;
- definição das normas e código de conduta com clareza;
- abertura para que os membros atuem com autonomia e assumam diferentes papéis no grupo;
- viabilização e facilitação para a formação de subgrupos;
- autonomia para que os participantes resolvam suas próprias discussões.

Na comunidade virtual, todos os participantes são construtores de conhecimento, participando ativamente dos processos envolvidos em suas atividades. A partir das interações entre os seus componentes, ocorrem contínuas transformações nos textos, que continuam a ser o principal meio de interação online, tanto no correio eletrônico como em publicações (boletins, artigos). O texto além de ser um meio de construir a comunidade, é um meio de comunicação dentro dela (BURBULES, 2004).

As comunidades virtuais de aprendizagem são ambientes abertos à cooperação e à participação, mas são organizacionalmente fechados, mantendo-se como unidades autônomas e auto-organizadas. A dinâmica relacional mantida entre os componentes permite a manutenção de sua identidade, ao mesmo tempo em que a existência da comunidade é mantida com a permanente dinâmica de interações.

Adell (2003) afirma que novas ferramentas como os blogs e wikis, por exemplo, ao serem incorporadas na educação, permitem explorar novas formas de interação didática, com a eliminação de limites de espaço e tempo, e conseqüentemente promovem a criação de verdadeiras comunidades globais de aprendizagem.

Segundo Matta (2003), as comunidades de aprendizagem formais vêm se multiplicando, embora nem todo tipo de EAD possa receber esse conceito. É comum encontrar propostas de EAD que se configuram como simples transposições da escola clássica para a rede.

Maia (2001, p. 37) enfatiza que “os portais educacionais constituem verdadeiras portas de entrada virtuais a conteúdos educativos oferecidos via Internet”. Esses portais estão voltados, em sua maioria, ao público estudantil. Mas, existem os que se dedicam à educação

corporativa. Estes são as mais novas modalidades de EAD e oferecem os inúmeros recursos da Internet, como é o caso do Portal Geranegócio, que hospeda o Programa JEP.

O Portal Geranegócio trata sobre o empreendedorismo, as pequenas e micro empresas, além de outros temas adiante abordados, oferecendo qualificação online e vários serviços de apoio para pessoas interessadas em ingressar no mundo dos negócios.

De acordo com Mattos (2002), ambientes de intensa participação online transformam-se em possíveis ambientes de aprendizagem, com o potencial de serem aproveitados em processos educacionais formais ou a distância. O Geranegócio possui esse potencial.

O Geranegócio oferece recursos que proporcionam a interação entre os usuários, como: fórum, mailing list, bate-papo, atendimento online, podendo funcionar como uma verdadeira comunidade de aprendizagem nos cursos que oferece, como se observa na Fig. 1, na página inicial do portal.

The screenshot shows the homepage of the Geranegócio portal. At the top, there is a navigation menu with various interactive options. Below this, a search bar and a date indicator are present. The main content area is organized into several columns and sections. On the left, there is a vertical menu with links to different services. The central part features a large banner for 'Ger@Shopping' and a section for 'Ger@repórter' with a news article about courses in Socorro. To the right, there is a section for 'Ger@clipping' with news updates and a 'Destaque' section with a featured article about entrepreneurship.

Fig. 1- Portal Geranegócio

## 1.4- Aprendizagem na educação online

As transformações nas concepções e formas de procedimento na educação têm ocorrido especialmente em consequência do avanço da ciência e da tecnologia, pois a informação é gerada em maior quantidade e agilidade de tempo, sendo disponibilizada globalmente. Dessa forma, passa a existir uma facilidade de se estabelecer redes de comunicação onde são criados ambientes de formação informais, nos quais pode ocorrer a aprendizagem, a interação social e a preparação para o trabalho.

A construção do conhecimento é um processo de adequação de mentes. Isto nos faz refletir sobre os processos através dos quais ocorre a aprendizagem. Se a comunicação com o grupo desenvolve a mente da pessoa, fomenta as habilidades de trabalho em equipe e responde a forma de trabalho que será provavelmente utilizada nos próximos anos, então os processos educativos devem passar por uma transformação, deixando o foco da aprendizagem individual e voltando-se para a aprendizagem em grupo (GRÁVAN, 2003).

A aprendizagem virtual não ocorre passivamente. Para que ela ocorra, professor e aluno devem ter uma participação ativa, assim como todos os envolvidos, criando uma rede. Ou seja, aprender, principalmente na educação online, é um processo ativo. Nesse processo, uma rede de aprendizagem vai sendo formada, nas interações entre os próprios estudantes, entre professores e estudantes, na colaboração que se estrutura das próprias interações.

Para Grávan (2003), os alunos tendem a obter melhores resultados na aprendizagem colaborativa, recordando por mais tempo o conteúdo, desenvolvendo habilidades de raciocínio superior e de pensamento crítico, sentindo-se mais confiantes e socialmente aceitos.

Na EAD, o desenvolvimento da sensação de comunidade, entre os participantes do grupo, é um fator determinante para o sucesso do processo educativo. Isso ocorre porque o conhecimento, na sala de aula online, é produzido fundamentalmente por meio dos relacionamentos e da interação que se estabelece no grupo. Nesse ambiente, a comunidade deve ser estimulada como um meio promissor para a educação. Juntamente com a facilitação online bem sucedida, para que a aprendizagem em comunidade ocorra, é preciso que haja honestidade, adequabilidade, respeito, franqueza, autonomia, flexibilidade. Porém, a solução para todos os problemas educativos não está nesse modelo. A educação online não é a panacéia que curará todas as doenças da educação de hoje. Contudo, se facilitada de um modo que incorpore as comunidades no processo, é uma maneira de incentivar a formação de alunos

mais bem preparados, que possam navegar com sucesso pelas reivindicações de uma sociedade do conhecimento (PALLOFF e PRATT, 2002, p.119).

Nas redes de aprendizagem ou comunidades virtuais de aprendizagem, comunidades de aprendizes trabalham juntas em um espaço online. Apesar de ficarem geograficamente dispersos, os participantes conectados buscam e constroem o conhecimento em um mundo assíncrono ou síncrono, de acordo com suas necessidades. Se não houver uma nova forma de conceber o conhecimento e seu processo construtivo, com a compreensão do significado da colaboração online, as tecnologias da informação só servirão para dar uma nova roupagem a antigas práticas.

No âmbito educativo, as comunidades virtuais de aprendizagem representam um novo modelo de interação entre professor e aluno, ao mesmo tempo em que, com a comunicação online, ocorre a ênfase na aprendizagem ativa e interativa, com uma educação voltada para a investigação e a resolução de problemas.

De acordo com Mattos (2002), as comunidades virtuais de aprendizagem convergem para um novo paradigma educacional, numa abordagem ativa, colaborativa e construtivista, na qual o papel do professor é visto como o de facilitador, que busca gerar condições para que a aprendizagem aconteça. Assim, os processos colaborativos envolvidos nas comunidades virtuais de aprendizagem podem ser compreendidos adequadamente com base nessas teorias:

- **Sócio-construtivismo de Vigotsky** – parte do princípio de que a aprendizagem ocorre principalmente na interação entre os sujeitos. O sujeito aprende no confronto entre suas experiências com as do grupo;
- **Construtivismo de Piaget** – caracteriza-se essencialmente na relação causal estabelecida entre o ambiente sócio-histórico e a cognição individual, denominando apropriação ao fenômeno de aprendizagem que se dá num processo determinado de busca por soluções de problemas;
- **Cognição-distribuída de Hutchins** – que teve seu conceito desenvolvido a partir das pesquisas a respeito da cognição situada. Considera que a cognição tanto está presente no indivíduo como no contexto, distribuída desigualmente. Aí, a tecnologia serve como mediadora e ao mesmo tempo fator determinante, de carga cognitiva própria, conectando os diversos conhecimentos;

- **Aprendizagem por indagação de Dewey** – considerando que a aprendizagem torna-se realmente significativa quando ocorre num contexto problematizador. Sua escola didática tem o objetivo de que os alunos aprendam ao mesmo tempo sobre o conteúdo e sobre o processo de sua construção. Nessa perspectiva, parte-se de uma situação problematizadora-motivadora (criada em geral pelo professor), onde os alunos (de modo cooperativo) formulam hipóteses para explicar a situação e resolver essa situação, reunindo dados comprobatórios, chegando a conclusões e analisando o processo percorrido ao longo da aplicação dessa metodologia.

As comunidades virtuais de aprendizagem encontram nas teorias da pedagogia construtivista fundamentos, apoio e indicadores para possíveis avanços. Vão surgindo inovações no ensino e se coloca em prática, verdadeiramente, o aprender a aprender.

Para Carrillo (2001), os aportes do construtivismo nos desenhos didáticos online são múltiplos, pois a utilização das ferramentas de intercâmbio de informação digital e de construção do conhecimento compartilhado pode contribuir para o intercâmbio das hipóteses de investigação e a resolução de problemas, além de favorecer as tarefas virtuais na estruturação e organização dos conceitos e procedimentos de investigação.

Pablos (1996) ressalta a importância de se tomar como base as fontes do construtivismo psicopedagógico, mostrando que os alunos precisam perceber os conteúdos como problemas e lacunas a serem resolvidos, para assim considerar a aprendizagem significativa. Partindo-se das idéias prévias dos alunos e ajustando-as às novas idéias, surgidas nas interações do grupo, os novos conhecimentos irão sendo construídos dentro de uma significatividade psicológica para esses alunos.

## **1.5- A EAD na formação de professores e a sua atuação nas comunidades de aprendizagem**

Aos professores impõe-se um desafio importante e difícil, que é o de trabalhar dentro da perspectiva da aprendizagem colaborativa e das comunidades virtuais de aprendizagem. Aí se encontra uma das deficiências e entraves existentes, para a EAD: a falta de pessoal

capacitado e especializado em educação online. Isso porque a definição do papel do professor, das funções e das tarefas docentes em EAD difere do ensino convencional.

Mercado (2005, p. 85) considera que a Internet, na EAD, é um desafio para a formação dos professores em função das necessidades, destes, de serem dinâmicos, de se prepararem para conduzir o trabalho em grupo, de saberem guiar variadas situações ao mesmo tempo e de possuírem domínio sobre o conteúdo envolvido nos projetos. Segundo ele, a Internet, ao revolucionar processos e metodologias de aprendizagem, traz “novas chances de reformular as relações entre alunos e professores e de rever a relação da escola com o meio social ao diversificar os espaços de construção do conhecimento”. Assim, é permitido à escola um novo diálogo com os indivíduos e com o mundo.

Belloni (2003, p.80) afirma que “uma das questões centrais na análise da EAD, e talvez a mais polêmica, refere-se ao papel do professor nesta modalidade de ensino, chamado a desempenhar múltiplas funções, para muitas das quais não se sente, e não foi preparado”.

É preciso que sejam desenvolvidas propostas de capacitação pedagógica e tecnológica para que os educadores e os demais envolvidos no processo educacional da EAD estejam preparados para uma cultura educacional centrada no aprendente. Pois, não basta dispor das avançadas TIC. Nada será realizado em termos educativos com essas ferramentas pedagógicas se não houver competência para transformar informação em conhecimento.

A Unesco, em convênio com o MEC, lançou o perfil dos professores brasileiros com base na pesquisa “O perfil dos professores brasileiros”. Nessa pesquisa se constata que 60% dos professores da educação básica nunca usaram a Internet. O número dos que usam uma vez por semana e/ou uma vez no mês gira em torno dos 15%. Esse é um dado preocupante, pois “não se faz hoje educação, educação de inclusão, sem, necessariamente, também se usar a internet” (FORMIGA, 2004, p. 64).

Qualquer melhoria ou inovação na educação só é possível se houver professores preparados e capacitados para trabalhar nessa perspectiva. A formação de professores precisa estar adequada às exigências da sociedade contemporânea e às mudanças globais que vêm ocorrendo. O profissional docente, assim como todo estudante, precisa ser preparado para a capacidade de aprender e para a autonomia, dando continuidade à sua formação ao longo da vida. Desse modo poderá exercer, no futuro, funções ainda desconhecidas ou indefinidas em meio às constantes mutações que a sociedade vem passando.

O professor enfrenta desafios com a EAD, que vão desde o de participar de um curso à distância, como cursista, para conhecer o seu funcionamento ou se qualificar, até o desafio de criar e/ou professorar um curso à distância.

Na formação docente a EAD apresenta-se de duas formas diferentes:

- 1<sup>a</sup>) a EAD como instrumento para a formação profissional, através do qual o professor poderá se capacitar e dar continuidade a sua formação ao longo da vida;
- 2<sup>a</sup>) a formação de professores para o trabalho com EAD e para a utilização das TIC como ferramentas pedagógicas.

Para distinguí-las, pode-se nomeá-las como formação de professores com EAD e formação de professores para EAD. Seja qual for o modo de usar a EAD na formação docente, é preciso que o professor tenha tempo e oportunidades de familiarização com as TIC, conhecendo suas possibilidades e limites como ferramentas pedagógicas, para que possa fazer escolhas conscientes, na sua prática.

Os cursos de formação de professores devem garantir-lhes competências, que ao lado do saber científico e do saber pedagógico, proporcionem condições para o seu desenvolvimento como agentes, produtores e operadores críticos das novas educações mediadas pelas TIC.

Abordagens equivocadas na EAD separam burocraticamente a ação do professor em compartimentos, assim temos: o professor autor que elabora os materiais para os cursos; o professor instrutor que ministra aulas complementares presencialmente ou virtualmente; o professor tutor que auxilia o processo ensino-aprendizagem.

Muitos cursos presenciais e também uma grande parte dos cursos a distância, continuam focados no conteúdo, na informação, no professor, no aluno individualmente e na interação com o professor tutor.

Nos cursos a distância online, o foco deve estar na construção do conhecimento e na interação; no equilíbrio entre o individual e o grupal, entre conteúdo e interação (aprendizagem cooperativa), um conteúdo em parte preparado e em parte construído ao longo do curso (MORAN, 2003).

Utilizar a EAD online não significa que ocorrerá melhoria na educação, ou mudança de paradigmas. Pode-se simplesmente reproduzir o paradigma tradicional usando-se novas tecnologias pedagógicas. É muito importante que seja definida a concepção de educação das instituições fornecedoras dos cursos de EAD. O professor que cria um curso de EAD tem que se preocupar com o tipo de aluno que ele quer formar.

## **1.6- Desenho didático para construção de ambientes de aprendizagem na EAD**

Santos (2003, p.229) alerta que as práticas de EAD precisam ser mais produtivas e integradas, e para isso é necessário o envolvimento de uma equipe interdisciplinar, num processo de criação interativo. A aprendizagem ocorrerá com a proposta, e não a distribuição, do conhecimento interdisciplinar para um cursista que poderá tornar-se um “co-autor da comunicação e da rede de conhecimentos, criando, modificando e tecendo novas e complexas redes interativas e cooperativas”.

O avanço da mídia eletrônica, principalmente da Internet, provavelmente trará para a EAD, cada vez mais, o desenvolvimento das atividades interativas, enriquecendo a aprendizagem; tornando aluno e professor parceiros na construção do conhecimento. E um dos principais desafios da EAD está na construção de cursos que provoquem e garantam essa interatividade ao longo do curso.

De acordo com Carrillo (2001), os materiais didáticos online devem ser bem estruturados, com o objetivo muito bem definido, de forma que o aluno seja capaz de determinar com rapidez e certeza em que estágio do mapa conceitual de aprendizagem se encontra. As atividades propostas devem ter clareza, evitando-se nos primeiros momentos da aprendizagem uma resposta generalizada, que não atenda ao que foi proposto.

Segundo Silva (2003, p.56), nos cursos a distância, para que sejam de fato interativos, é preciso garantir três aspectos essenciais: “a participação colaborativa”, tendo o aprendiz intervindo na mensagem como co-criador da emissão e da recepção; a “bidirecionalidade e a dialógica”, em que “a comunicação é produção conjunta da emissão e da recepção, os dois pólos codificam e decodificam”; as “conexões em teias abertas”, nas quais a “comunicação supõe múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações”.

Para Andrade e Vicari (2003, p.261), os ambientes de EAD podem se transformar em ambientes de aprendizagem colaborativa se for propiciado “um processo cognitivo socialmente compartilhado entre seus membros”. Quem quer construir ambientes adequados em EAD, precisa se preocupar com a busca de teorias das ciências sociais, da psicopedagogia e do trabalho colaborativo, focando o grupo e não apenas o indivíduo.

Na sua atuação no âmbito da EAD os docentes têm a possibilidade de colocarem-se como mestres e aprendizes, interagindo com os alunos e aprendendo junto com eles. A partir das atividades realizadas interativamente com outras realidades e grupos sociais, nos diversos tipos de ensino a distância, a escola transforma-se em um espaço de trocas de informações e conhecimentos com pessoas de diferentes locais e instituições. Enquanto cabe aos professores articular e integrar os alunos na ação do aprender.

A cooperação, a interatividade e o respeito às diferenças são aspectos que podem ser potencializados pela EAD, com a ação de professores promotores de intercâmbios entre diferentes linguagens, espaços, tempos e conhecimentos. Somente desse modo a EAD faz sentido, especialmente se contribuir de fato para a democratização do acesso ao conhecimento.

Para isso faz-se necessário que ocorram fortes investimentos e políticas educacionais que possibilitem os recursos tecnológicos, a produção de materiais didáticos e a formação de professores para o desenvolvimento da EAD, para a elaboração de um projeto educacional consistente e a criação de sistemas educacionais mais abertos, flexíveis e ágeis.

O grande desafio lançado aos professores que trabalham na EAD, na perspectiva das comunidades de aprendizagem, é a criação de espaços informáticos, de aprendizagem, onde ocorra o favorecimento de operações mentais complexas e o desenvolvimento de habilidades como a autogestão e o autoconhecimento. Isso requer competências e habilidades que a grande maioria dos professores não possui, pois não foram preparados para trabalhar nessa perspectiva.

Precisa-se empregar, na aprendizagem online, a melhor experiência do educador e aplicá-la em um ambiente não habitual. Surgem problemas totalmente novos, para os quais é necessário que haja muita flexibilidade e inovação na sua resolução. As técnicas utilizadas nas salas de aula convencionais, em geral, não funcionam nas salas de aula virtuais ou nas comunidades virtuais de aprendizagem. A Internet, juntamente com a possibilidade de comunicação online, contribui para melhorar a qualidade da EAD, e à medida que a tecnologia vai sendo mais utilizada, tanto professores como alunos precisam se adequar para melhor aproveitá-las.

As comunidades virtuais de aprendizagem surgem oportunizando o favorecimento de uma revisão na postura das instituições educacionais e dos professores. O professor, nessas comunidades virtuais, deixa o papel de centralizador da informação para assumir novos papéis, como mediador, facilitador, organizador, animador, comunicador de informações. Elas

podem contribuir para a educação de cidadãos ativos na sociedade, se utilizadas com o objetivo de promover a democracia em tempo real e a construção de ambientes cooperativos.

Alguns fatores são apontados, por Palloff e Pratt (2002) como essenciais para a obtenção de bons resultados na educação online: o modo de ensinar ou facilitar; as normas estabelecidas ou as diretrizes para a participação; o grau de participação do grupo; a intervenção do professor facilitador no processo.

O sucesso dependerá do estabelecimento de igualdade nas relações facilitador-participante e participante-participante. Todo o grupo deve estar envolvido dialogicamente, tendo o facilitador como mais um membro do grupo. A facilitação correta é a que abre espaço para que a metodologia de aprendizagem seja modelada pelo grupo.

Obviamente, uma comunidade que aprende online não é criada por uma pessoa sozinha. Apesar do professor ter a função de facilitar o processo, os participantes precisam, também, contribuir para fazer com que a comunidade aconteça (PALLOFF e PRATT, 2002).

Os professores ou tutores, nas comunidades virtuais de aprendizagem, ao interagir em ambientes democráticos e de construção colaborativa, capacitam-se para construir pontes entre os integrantes do ambiente de aprendizagem, aprendem a aprender de forma colaborativa e coletiva, podendo criar redes de relações sociais e formar grupos de trabalho entre os integrantes de seu grupo. Habilitam-se a criar promissores ambientes de aprendizagem coletiva e colaborativa.

Mediatização, interatividade e interação são palavras-chave no contexto da EAD e, especialmente, da aprendizagem autônoma e colaborativa proposta pelas comunidades virtuais: o contato regular e eficiente, com seu tutor e entre colegas, proporciona ao aluno segurança psicológica e motivação, por isso a importância das ferramentas de comunicação. Além disso, a competência da mediatização é indispensável para qualquer professor ou tutor em toda ação ou concepção de EAD.

É preciso que o professor saiba escolher o melhor meio para assegurar a comunicação, elaborando discursos apropriados, optando por metodologias e estratégias que possibilitem a aprendizagem autônoma de seus alunos.

A educação é um processo fundamental para a formação do sujeito. Portanto, é muito importante que o aprendiz faça uso dessas tecnologias, como elementos estruturantes nas aprendizagens coletivas, e que participem ativamente da construção de seu conhecimento.

Segundo Paulo Freire, “a educação não se faz de ‘A’ para ‘B’ ou de ‘A’ sobre ‘B’, mas de ‘A’ com ‘B’ mediatizados pelo mundo” (FREIRE apud FERREIRA e BIANCHETTI, 2004, p.9).

Os desenhos didáticos de cursos online, que pretendem se estruturar como comunidades de aprendizagem, deverão conter mecanismos que permitam ao aluno a comprovação da veracidade e correção das respostas geradas nas atividades. Possíveis erros, na aprendizagem de conteúdos ou na apreensão das aplicações das atividades propostas, poderão ser evitados com o uso simultâneo de meios síncronos e assíncronos para comunicação com alunos. Também é importante usar mensagens personalizadas para o esclarecimento de erros cometidos, para propor novas atividades ou comunicar acertos e dar incentivos.

As ferramentas de comunicação assíncronas (correio eletrônico, FTP) ou síncronas (chats, videoconferências, audioconferências) podem favorecer a transferência de exemplificações (PABLOS, 1996).

O professor, que pode ser considerado como um animador da comunidade, deve oportunizar a seus alunos, membros da comunidade de aprendizagem, atividades, ferramentas e entornos que os conduza à meta-cognição, a regulamentação de sua própria conduta, a reflexão.

A EAD enfatiza a autonomia dos alunos em relação à escolha de espaços e tempos para o estudo. Por esse motivo uma parte importante das matrículas nos sistemas de EAD é constituída de trabalhadores adultos. Entretanto, a autonomia não deve ser confundida com o autodidatismo.

Para Litwin (2001), o autodidata seleciona os conteúdos que vai estudar, mas não possui uma proposta pedagógica e didática para o estudo. A autora afirma que:

[...] Embora a modalidade a distância permita uma organização autônoma dos estudantes, não se deve esquecer que nela selecionam-se os conteúdos, orienta-se o prosseguimento dos estudos e propõem-se atividades para que os estudantes resolvam os mais complexos ou os mais interessantes problemas. Os programas de educação a distância contêm uma clara proposta didática, talvez, e em contradição com as crenças mais comuns, com maior conteúdo didático que as situações presenciais (LITWIN, 2001, p. 14-15).

Em países como o Brasil, considerando as suas dimensões geográficas e sua grande desigualdade socioeconômica, com enormes índices de excluídos do sistema educacional,

torna-se fácil perceber o quanto a EAD é necessária, pode-se dizer, até mesmo que ela é inevitável, pois oferece uma possibilidade de ampliação e democratização no acesso a formação e qualificação.

Os alunos que, por motivo dos horários inconciliáveis entre trabalho e escola, não podem prosseguir os estudos para sua formação profissional e adquirir uma maior qualificação, encontram na EAD a sua oportunidade. Observando as diferenças socioeconômicas existentes no Brasil, verifica-se a importância da renovação tecnológica para o futuro da nossa educação: não é possível ter um país tecnologicamente independente com milhões de jovens excluídos do processo de atualização do conhecimento.

De acordo com Bacha Filho (2003), a EAD vem comprovando ser uma modalidade eficaz para a universalização da educação formal, especialmente nos países desenvolvidos, onde tem demonstrado ser um instrumento de primeira linha para a capacidade de aprender autônoma e criativamente, uma das características da cidadania moderna.

## **1.7- Uma base jurídica para a EAD**

A existência de uma base jurídica para a EAD, no Brasil, vem permitir e incentivar investimentos nesse âmbito, repercutindo no progresso das ações educativas e na sua qualidade. Contribuindo, também, para diminuir os preconceitos ainda existentes sobre essa modalidade de ensino, tida por alguns como um instrumento para educação de segunda categoria. Por estar voltada, durante um bom tempo, apenas ao trabalhador menos qualificado e de baixa renda.

Compete a União, delegar aos sistemas de ensino, o credenciamento de instituições que ofertem a EAD. Assim, de acordo com a Secretaria de Educação a Distância (SEED) do Ministério da Educação (MEC), qualquer curso do ensino básico ou superior, presencial ou a distância, regular ou supletivo, reconhecido pelas autoridades competentes dos diversos sistemas de ensino (municipal, estadual e federal) tem validade nacional.

Quando, no dia 10 de fevereiro de 1998, o Decreto nº 2.494 – substituído, em 19 de dezembro de 2005, pelo Decreto nº 5.622 – regulamentou o Art. 80 da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional e, no dia 7 de abril daquele mesmo ano, através da Portaria nº 301/98, o ministro da Educação e do Desporto estabeleceu os procedimentos para o credenciamento de instituições e a autorização de cursos a distância no nível de graduação,

completou-se o primeiro e fundamental passo de inserção concreta da educação a distância no sistema educacional brasileiro (LOBO NETO, 2006, p. 399).

As bases legais para a modalidade de EAD, no Brasil, foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que foi regulamentada pelo Decreto n.º 5.622, publicado no D.O.U. de 20/12/05 – revogando o Decreto n.º 2.494 de 10 de fevereiro de 1998 e o Decreto n.º 2.561 de 27 de abril de 1998 com sua normatização definida na Portaria Ministerial n.º 4.361, de 2004 – revogando a Portaria Ministerial n.º 301 de 07 de abril de 1998 .

Uma atualização constante sobre os aspectos legais da EAD, que tem sofrido alterações através de portarias e decretos, é possível no site do MEC<sup>6</sup>, no espaço próprio da SEED.

Na LDB o ensino a distância é tratado de forma específica no título VII, “Das disposições gerais”, no art. 80. De acordo com a LDB, o poder público deverá incentivar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada. Avanços significativos na EAD ocorreram a partir da LDB.

Uma característica da EAD está no parágrafo 1º do Art. 80 da LDB, que estabelece sua organização “com abertura e regimes especiais”. Impede-se, assim, que a EAD seja avaliada com critérios idênticos ou semelhantes aos do ensino presencial. Já no Art. 37, §1º, que tratando da educação de jovens e adultos, faz uma referência implícita à educação a distância ao estabelecer que “os sistemas de ensino assegurarão [...] oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames”.

A EAD de que trata a LDB é a mesma educação de que sempre tratamos e que sempre concebemos como direito preliminar de cidadania, dever prioritário do estado democrático, política pública básica e obrigatória para ação de qualquer nível de governo, conteúdo e forma do exercício profissional de educadores. (LOBO NETO, 2006, p. 402)

No Parecer CNE/CEB nº 41/2002, aprovado em 2 de dezembro de 2002, em Artigo 3º, temos especificado que “os cursos de Ensino Médio, para atender a alunos menores de 18 anos, somente poderão ser autorizados pelos sistemas de ensino se a necessidade social for

---

<sup>6</sup> <http://portal.mec.gov.br/seed/>

devidamente comprovada e o projeto pedagógico demonstrar cabalmente os benefícios da modalidade a distância nessa etapa da escolaridade básica”.

Referente a Educação Básica na modalidade da EAD encontramos, no Art. 30 do Decreto n.º 5.622/05, que "as instituições credenciadas para a oferta de educação a distância poderão solicitar autorização, junto aos órgãos normativos dos respectivos sistemas de ensino, para oferecer os ensinos fundamental e médio a distância, conforme § 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 1996, exclusivamente para: a complementação de aprendizagem; ou em situações emergenciais”.

O Decreto fala em possibilidade de EAD em diversos níveis e modalidades, contudo não se vê listada, no elenco do Art. 2º combinado com o Art. 30, a EAD para o ensino fundamental e médio, o qual só será admitido em complementação de aprendizagem, situações emergenciais ou ministrado por meio de educação especial ou de jovens e adultos (antigos supletivos). A restrição trará prejuízos para diversas escolas de educação básica que já possuem programas credenciados pelos Sistemas Estaduais de Ensino. (ALVES, 2006, p. 422)

A promoção dos atos de credenciamento das instituições para a realização de cursos a distância na Educação Fundamental de Jovens e Adultos, Ensino Médio e Educação Profissional de Nível Técnico, de acordo com o Decreto n.º 5.622/05, é da competência das autoridades integrantes dos sistemas de ensino, de que trata o artigo 8º da LDB. As propostas de cursos nesses níveis deverão ser encaminhadas pelos Conselhos Estaduais de Educação. Porém, para as instituições vinculadas ao sistema federal de ensino o credenciamento deverá ser feito pelo MEC.

A Lei e o Decreto abrem a possibilidade de oferta de cursos a distância para instituições que o Decreto nº 5.622 / 2005 qualifica como “de pesquisa científica e tecnológica [...] de comprovada excelência, mesmo para as que ainda não estão credenciadas na educação presencial. (LOBO NETO, 2006, p. 408)

A EAD no Brasil tem sido ofertada, na maioria dos casos, no Ensino Superior. Alguns teóricos acreditam que preferencialmente a EAD deve ser oferecida apenas a adultos. Entretanto, desde a década de 1990, os movimentos globais de acumulação de capital associados às transformações tecnológicas e à difusão de redes digitais de informação e comunicação, levantaram os debates sobre o futuro do trabalho e sobre as possibilidades de melhoria nas condições de emprego e renda dos trabalhadores. Dessa forma, foi sendo

colocado para a escola, especialmente para as escolas de Ensino Médio, mais um desafio: a "inclusão digital".

## **1.8- As TIC e a EAD nas escolas públicas**

É preciso que os alunos da Educação Básica tenham acesso à Internet e a EAD. Esse acesso por si só não resolverá o problema, mas é um pré-requisito para superar a desigualdade na nossa sociedade, onde tudo se organiza em torno da Internet. Vivemos em uma sociedade marcada por tecnologias, que segundo Neves (2004), têm potencial para “transformar o mundo em uma grande sala de aula”. Mas, dizer que tem ‘potencial’ é uma coisa, realizar a transformação é outra. Não é a simples existência e a apropriação dessas tecnologias que transformam a educação. Se isso fosse possível, hoje viveríamos em uma sociedade letrada e bem informada, pois convivemos com publicações, jornais, outdoors e temos no Brasil 90% dos lares dotados de aparelhos de TV, de acordo com dados do IBGE. Entretanto, a realidade mostra uma grande quantidade de analfabetos. De modo geral, o ensino ainda está centrado na reprodução, na memorização:

Falta educar o olhar, a audição, o tato, o paladar, o olfato, a comunicação oral e escrita. Falta despertar o espírito crítico, investigativo, assim como falta exercitar o raciocínio lógico, a capacidade de extrapolar, de estabelecer similares, complementaridades, correlações e diferenças. Falta a capacidade de saber transformar a educação em conhecimento. Por isso há tantos analfabetos funcionais. Por essa razão, os resultados do Sistema de Avaliação da educação Básica (Saeb) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) assustam. Por esse motivo, temos de discutir as cotas nas universidades. (NEVES, 2004, p. 229)

Kuenzer (2002, p.41) considera que a principal finalidade e objetivo do Ensino Médio deve ser o compromisso de educar o jovem para participar política e produtivamente do mundo das relações sociais concretas com comportamento ético e compromisso político, através do desenvolvimento da autonomia intelectual e da autonomia moral. Para a autora:

Os Sistemas Estaduais de Educação deverão contemplar, nas Diretrizes, propostas que atendam à realidade de cada região, de cada localidade e de cada clientela, observando os recursos disponíveis e o investimento possível, de modo a promover aproximações sucessivas àquelas finalidades.

Quem trabalha com a educação básica nas escolas públicas depara-se sempre com questões importantes, tais como: acesso, qualidade e custos – na utilização das TIC nessas instituições de ensino. Isso gera diferentes opiniões e discussões, dividindo educadores.

Os principais problemas referentes ao uso da informática nas escolas públicas são: o acesso, apesar de um bom número das escolas públicas estaduais, em Alagoas, possuírem laboratórios de informática; a manutenção dos equipamentos; a quantidade insuficiente de computadores para o número de alunos da escola ou por turma. Além do número elevado de professores que não se consideram preparados para entrar no laboratório de informática com seus alunos ou que não costumam utilizar outros recursos além do giz, quadro-negro e livro didático em sua prática pedagógica, apesar de diversos incentivos na capacitação docente através do Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) da Secretaria Executiva de Educação de Alagoas (SEE-AL) para o uso das TIC na prática pedagógica.

Com relação à questão do acesso, a melhor forma de alcançar os alunos, permitindo-lhes o acesso as TIC, é utilizar com eles as tecnologias que lhes sejam disponíveis – na escola e/ou em seu cotidiano. E a melhor forma de ensinar a trabalhar com uma tecnologia, é recorrendo a ela, utilizando-a. A grande maioria dos alunos não possui computador em casa, mas resolve esse problema acessando a Internet nas *lan houses*<sup>7</sup> – que se proliferam por todos os bairros de Maceió e cobram, em média, R\$ 1,00 por hora aos usuários.

Daniel (2003, p. 64) afirma que “a melhor forma de alcançar os alunos é usar uma tecnologia à qual eles já têm acesso, e dependendo do país ela será mais ou menos sofisticada”.

Portanto, os professores das escolas públicas precisam refletir sobre o potencial e as possibilidades das TIC, como ferramentas pedagógicas, utilizando-as em sala de aula da melhor forma possível, pois as informações chegam ao alunado através de tecnologias já inseridas no seu dia a dia, como a TV e a Internet.

Quanto à questão da qualidade, ela existirá sempre que houver a preocupação de tomar as necessidades dos alunos como ponto de partida, buscando a interação e a autonomia na aprendizagem – o foco deverá estar na construção conjunta do conhecimento.

Para Daniel (2003, p. 133), as TIC possuem duas virtudes: apóiam as experiências de aprendizagem ativa e asseguram amplo acesso a uma variada gama de meios e situações úteis

---

<sup>7</sup> Lan house (LAN House) – é um estabelecimento comercial no qual as pessoas podem pagar para utilizar um computador com acesso à Internet e a uma rede local ([http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN\\_house](http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house) consulta em 28/11/2007). / LAN é acrônimo de Local Area Network (rede de área local) – o termo local se refere à área geográfica que a rede ocupa (GENNARI, 1999, p.199).

de aprendizagem. Mas, há o problema do custo, pois projetar boas experiências de aprendizagem ativa é dispendioso. Além de exigir muito trabalho por parte dos professores. Portanto, para o autor é essencial garantir que:

essas atividades de planejamento nas quais os professores investem muito tempo sejam também aquelas que criam uma aprendizagem produtiva para os estudantes – o que não é simples. É fácil investir muito tempo em projetar uma bela aplicação da Internet que no entanto tenha pouco valor para o aluno.

É importante, também, deixar claro que não é baixo o custo para a construção de um laboratório de informática e a sua manutenção – levando-se em consideração a realidade das escolas com diversos problemas de infra-estrutura. Em alguns casos não há bibliotecas organizadas ou mesmo outras tecnologias como uma televisão e um aparelho de DVD funcionando adequadamente.

Algumas escolas estaduais, como a Escola Nossa Senhora do Bom Conselho, que receberam seus computadores desde 1999 ou 2000, têm laboratórios de informática que se encontram num processo de sucateamento – com máquinas quebradas e/ou ultrapassadas, sem reposição, além de aparelhos de ar condicionado insuficientes e/ou com defeito. São questões que ultrapassam a esfera da gestão do ambiente escolar.

É fácil perceber que tratar sobre as TIC e especialmente sobre a EAD nessas escolas ainda envolve muitos problemas. É necessário enfatizar que não se pode afirmar que a EAD é o melhor método ou as TIC são os melhores instrumentos para ensinar e aprender sobre todos os assuntos. Tudo dependerá dos objetivos para os quais ocorre a utilização, do plano pedagógico e filosofia da educação que respalda esse uso.

Para Moran (2001), a questão não é usar a ferramenta. Com ou sem as tecnologias mais avançadas, pode-se mudar para processos participativos e investigativos. No processo de aprendizagem, o aluno pode sair da posição passiva, sendo orientado a pesquisar e a mudar de atitude, passando de consumidor de informação para um produtor do conhecimento, não esperando que o professor fale tudo. O professor deve experimentar esta nova relação com o aluno, ajudá-lo na mudança de atitude para que se torne mais ativo e participante no processo de aprendizagem.

Assegurar uma proposta pedagógica na escola pública que não pretenda ser compensatória, mas que propicie situações de aprendizagem significativas e variadas aos estudantes carentes nos níveis social, cultural e econômico, é uma necessidade na educação

básica. Uma proposta que compreenda a EAD e o Empreendedorismo, ofertando-os aos alunos do ensino médio, deve buscar proporcionar o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

Mas o que existe em comum entre a EAD e o Empreendedorismo? Principalmente a noção de que as pessoas são capazes de se desenvolver pela cooperação. São perceptíveis, ainda, outras semelhanças, como por exemplo: alunos criativos e/ou persistentes são geralmente rotulados como indisciplinados, porém essas características são muito importantes para os empreendedores e também são vistas como fundamentais para alunos de cursos a distância.

## **CAPÍTULO II - O EMPREENDEDORISMO NA EDUCAÇÃO**

Na última década do século XX as transformações tecnológicas, especialmente com a expansão das redes digitais de informação e comunicação, em conjunto com os movimentos globais de acumulação de capital, provocaram um debate, de crescente interesse, sobre o futuro do trabalho e a busca de possíveis soluções para o desemprego e a má remuneração dos trabalhadores em geral, ou seja, para reverter o quadro social excludente no qual as camadas populares estão inseridas. Uma dessas possíveis soluções pode ser a inclusão do ensino do empreendedorismo na educação. Pois esse é considerado, cada vez mais, um importante fator para o desenvolvimento econômico.

Assim, na sociedade neoliberal atual, cresce o pensamento de que devem ser dados ao empreendedorismo estímulo e apoio, com a sua priorização entre as políticas públicas dos governos que tenham como meta a promoção do crescimento econômico.

De acordo com Andrade (2005, p.12), o investimento no empreendedorismo parece ser a melhor alternativa nos “momentos históricos cuja organização social é marcada por problemas como o desemprego, a má distribuição de renda, a desigualdade de oportunidades e a violência”.

A importância do empreendedorismo é ressaltada por Timmons (1994), afirmando que no século XXI o empreendedorismo será uma revolução silenciosa que repercutirá em maiores proporções do que a revolução industrial, no século XX.

Para Dornelas (2001, p. 21), a eliminação de barreiras comerciais e culturais, a globalização, o encurtamento das distâncias, a renovação dos conceitos econômicos, a criação de novas relações de trabalho e novos empregos, a quebra de paradigmas e a geração de riquezas para a sociedade vêm ocorrendo pela ação dos empreendedores. Portanto, “o momento atual pode ser chamado de era do empreendedorismo”.

Diante da complexidade do mundo atual, que sente os reflexos da globalização, cresce a necessidade de estimular novos conhecimentos, habilidades, competências e valores que promovam no ser humano o desenvolvimento do potencial empreendedor que é inerente a ele (ANDRADE, 2005).

Para desenvolver uma sociedade empreendedora precisamos formar cidadãos empreendedores. A educação, convergindo com o seu tempo e os interesses da sociedade vigente, deve desenvolver as novas competências comportamentais exigidas por esta. Desse modo, inserir o empreendedorismo nas nossas escolas é o caminho a ser seguido. Antes, porém, devemos compreender melhor o que é o empreendedorismo.

## 2.1- O que é empreendedorismo?

Assim como a EAD, o empreendedorismo não é algo novo ou desconhecido. O termo empreendedorismo vem do mundo dos negócios, mas é visível que tem muito a ver com a educação e cada vez mais faz parte dos atuais debates educacionais.

O empreendedor tem um perfil profissional bastante procurado, tanto no ambiente empresarial como no educacional. Pois, considera-se o empreendedor como uma pessoa que vê oportunidades onde ninguém mais vê; que possui muita força de vontade de realização, persistência, perseverança, auto-superação e que consegue se inserir na sociedade na qual atua, legitimando sua posição social e sua reputação.

Na definição de Fillion (1991), empreendedorismo é o campo que estuda o empreendedor examinando suas características, seus efeitos socioeconômicos e os métodos utilizados para facilitar a expressão da atividade empreendedora.

Dornelas (2001, p.37) questiona sobre qual seria a melhor definição para empreendedorismo e afirma que:

Muitas são as definições, mas quiçá uma das mais antigas e que talvez melhor reflita o espírito empreendedor seja a de Joseph Schumpeter (1949): 'O empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos materiais'.

Nos Estados Unidos o termo *entrepreneurship* é conhecido e referenciado há muitos anos. No Brasil, a partir da década de 90, o conceito de empreendedorismo vem sendo propagado.

De acordo com Andrade (2005, p. 12), é na economia francesa que está a origem da palavra empreendedor e, “de modo geral está ligada à criação de um negócio”. Entretanto,

empreender ou desenvolver a competência empreendedora, não se limita apenas a criar e gerenciar uma empresa.

O empreendedor é o agente do processo de destruição criativa, que é o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros. (SHUMPETER, 1983 apud DEGEN, 1989, p.1)

Por volta dos séculos XVII e XVIII surgiu na economia francesa o termo “empreendedor”. Esse termo caracterizava a pessoa que criava e conduzia empreendimentos, pessoas que compravam matérias-primas (geralmente produto agrícola) e as vendiam a terceiros identificando assim, uma oportunidade de negócios. A palavra servia principalmente, para identificar indivíduos ousados que estimulavam o progresso econômico buscando novas e melhores formas de fazer as coisas. E data dessa época o seu significado atual - aquele que se compromete com um trabalho ou uma atividade específica e significativa. (FILION, 1999).

Segundo Drucker (1987), Leite (2002), Dornelas (2003) e Dolabela (1999), aproximadamente em 1800, Jean Baptiste Say<sup>8</sup> (1767-1832), industrial e economista francês, usou o termo ‘empreendedor’ pela primeira vez em um ambiente científico, com o objetivo de denominar a pessoa que transfere recursos econômicos de um setor mais baixo de produtividade para outro setor mais elevado de produtividade e de maior rendimento. Say, se referindo a um indivíduo que assumia o risco de criar um novo empreendimento, utilizou a palavra francesa *entreprendre*.

Jean Baptiste Say foi o autor da célebre Lei dos Mercados ou Lei de Say<sup>9</sup>, na obra *Traité d'économie politique* (1803), na qual afirma que a produção cria a sua própria demanda, impossibilitando uma crise geral da superprodução. Porém, foi Joseph Alois

---

<sup>8</sup> Jean Baptiste Say tem seu nome consagrado na história do pensamento econômico em função de ter sido o criador da Lei dos Mercados (ou Lei de Say), tendo contribuído para o pensamento econômico ao enfatizar o empreendedorismo como o quarto fator de produção, junto com os fatores mais tradicionais: terra, trabalho e capital. [http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=996&Itemid=102](http://www.cofecon.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=996&Itemid=102) em 29/09/2007.

<sup>9</sup> Lei de Say - relação econômica que exprime a teoria macroeconômica da Economia Clássica, defendida por Jean Baptiste Say em 1803, com a propagação da idéia de que a oferta cria a sua própria procura. Para Say, se o poder de compra é igual ao rendimento e produção totais, é impossível existir excesso de procura ou de oferta. [http://www.esfgabinete.com/dicionario/?completo=1&conceito=LEI\\_DE\\_SAY](http://www.esfgabinete.com/dicionario/?completo=1&conceito=LEI_DE_SAY) em 29/09/2007.

Schumpeter<sup>10</sup> (1883-1950) quem associou o tema empreendedorismo à inovação, ao aproveitamento de novas oportunidades no âmbito dos negócios e a habilidade de mobilizar recursos.

Assim, Say é considerado como o pai do empreendedorismo. Já Schumpeter projetou o tema em 1912, associando o empreendedor à inovação e ao desenvolvimento econômico. Portanto, é considerado o responsável pela inserção do empreendedorismo como campo relevante de estudos e de pesquisa para a sociedade atual.

Na teoria schumpeteriana, o empreendedor é o agente responsável pelo desequilíbrio dinâmico do fluxo circular e com tendência ao equilíbrio da economia capitalista (FILION, 1999).

De acordo com Drucker (1992, p.59), ao cunhar a expressão *entrepreneur* há 200 anos, o economista francês J. B. Say, “quis criar um manifesto e uma declaração de intenções: em seu esquema, o empreendedor era alguém que perturba e desorganiza”. Algum tempo depois, Joseph Schumpeter, “o único economista moderno a levar a sério o caráter empreendedor”, descreveu o processo como destruição criativa. “Para conseguir o novo e melhor, você tem que jogar fora o velho, cansado, obsoleto, não mais produtivo, assim como os erros, fracassos e más orientações dos esforços do passado”.

O empreendedor tem a função de reformar ou revolucionar o modelo de produção, podendo fazer isso de diversas maneiras – explorando novas possibilidades tecnológicas, inovando na produção, criando novas fontes de suprimento ou escoamento, investindo na reorganização. (SCHUMPETER apud FILION 1999)

Alguns estudos, sobre os impactos que o empreendedorismo causa no desenvolvimento econômico dos países, vêm sendo desenvolvidos. Um exemplo é o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) que realiza o mapeamento da atividade empreendedora dos países. O objetivo do GEM é entender o quanto as atividades empreendedoras de um país estão relacionadas à geração de riqueza desse mesmo país, além do relacionamento entre empreendedorismo e desenvolvimento econômico. “Os resultados desse estudo têm mostrado

---

<sup>10</sup> Joseph Schumpeter foi um economista austríaco que se transferiu para a Universidade de Harvard, nos EUA, após a Primeira Guerra Mundial e tornou-se um dos ícones da economia moderna. Descreveu a evolução dos estágios tecnológicos e a permanente mutação industrial como uma força de "destruição criativa". Em seu primeiro livro considerado importante, “Teoria do Desenvolvimento Econômico” publicado em 1912, Schumpeter analisou a função do empreendedor na criação do progresso e do avanço econômico. <http://www.empreendedorrural.com.br/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&t=246> em 29/09/2007.

que em países desenvolvidos essa relação é mais evidente que em países em desenvolvimento” (DORNELAS, 2003, p. 7).

Dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2007) indicam que o GEM é uma pesquisa internacional liderada pela London Business School e o Babson College (EUA), cuja proposta é avaliar o empreendedorismo no mundo a partir de indicadores comparáveis. Iniciado em 1999 quando realizou seu primeiro ciclo, o estudo já envolveu mais de 40 países de todos os continentes e dos mais variados graus de desenvolvimento econômico e social, sendo atualmente a investigação de maior escopo nessa área. Desde o ano 2000 o Brasil participa do GEM.

Filion (2005) afirma que é necessário o desenvolvimento de metodologias de pesquisas (qualitativas e quantitativas) sobre empreendedorismo mais complexas, enfatizando a necessidade de se estudar a cultura empresarial e destacando que o Brasil está entre os países que possuem boas perspectivas e iniciativas no empreendedorismo, apesar de ainda precisarmos criar mecanismos sociais de acessibilidade.

Dornelas (2001, p.25) observa que desde o final da década de 1990 o conceito de empreendedorismo vem sendo cada vez mais difundido no Brasil. A preocupação com a criação de pequenas empresas duradouras tem crescido e a popularidade do termo empreendedorismo vem se expandindo, recebendo atenção especial do governo e das entidades de classe. Para o autor:

O movimento sobre empreendedorismo tomou forma apenas na década de 90 quando o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e a Softex (Sociedade Brasileira para a exportação de Software) foram criadas, principalmente no que diz respeito ao surgimento da Softex, que tinha como objetivo difundir as empresas nacionais de software no comércio internacional através de ações que atribuíssem ao empresário de informática a capacitação em gestão e tecnologia. Foi com estas ações, que em conjunto com as incubadoras de empresas e faculdades de computação e informática, que o tema empreendedorismo deslanchou no Brasil.

Esse interesse por parte do governo e entidades classistas pelo empreendedorismo é oriundo das inúmeras tentativas de estabilização da economia e da imposição da globalização. A atual realidade faz com que muitas empresas brasileiras tenham que procurar alternativas para manterem-se no mercado, aumentar sua competitividade e reduzir os custos. Difundir o empreendedorismo passou a ser uma questão de sobrevivência.

No Brasil, hoje, existem vários programas incumbidos em difundir o empreendedorismo, podemos citar como exemplos: o EMPRETEC<sup>11</sup>, o Brasil Empreendedor, o Jovem Empreendedor do Sebrae, entre outros. Foi o movimento das incubadoras de empresas de base tecnológica, associadas aos centros de pesquisa, que impulsionaram o movimento do empreendedorismo no país (DORNELAS, 2001).

Atualmente o conceito de empreendedorismo está em todas as áreas, extrapolando a empresa, chegando ao governo, ao terceiro setor. O que se busca nas empresas é o empregado empreendedor, que seja capaz de inovar, de criar novos produtos e/ou serviços de sucesso.

O estudo do empreendedorismo vem atraindo a atenção de especialistas de diversas áreas: economistas, educadores, psicólogos, sociólogos e administradores. Todos eles com suas diversas bagagens teóricas e diferentes paradigmas, metodologias, padrões de análise, experiências, conteúdos. Resultando em visões, abordagens e definições diversificadas sobre o tema, contribuindo para o seu enriquecimento e tornando possível ampliar o olhar da capacidade empreendedora, levando-o do seu berço original, que é a empresa, para variadas atividades humanas. Passamos, então, a ver o empreendedor como uma “forma de ser”, com a consciência de que o modo de ser define o empreendedor, seja qual for o seu campo de atuação (DOLABELA, 2003).

O empreendedorismo forma idéias e ações – tanto num plano individual como num coletivo – que se coordenam para um mesmo resultado organizado. Portanto, o espírito empreendedor é uma característica distinta, tanto de um indivíduo como de uma instituição. Um indivíduo que tenha a incumbência de tomar uma decisão pode aprender a ser um empreendedor e se comportar como tal. O empreendedorismo não é um traço de personalidade, e sim um comportamento. Suas bases são o conceito e a teoria (DRUCKER, 1987).

O autor citado considera o empreendedor como um agente de um campo multifacetado e complexo. Embora ele não seja um capitalista, precisa de capital como qualquer atividade econômica. Comprometendo recursos atuais em expectativas futuras, incorre-se em incertezas

---

<sup>11</sup> EMPRETEC – programa internacional que reúne a ONU, a Agência Brasileira de Cooperação, Órgão do Ministério das Relações Exteriores, e o SEBRAE, como responsável pela sua execução no Brasil. O objetivo do EMPRETEC no país é promover o desenvolvimento das empresas existentes e o surgimento de novas empresas, treinando-as e prestando a assistência técnica necessária ao seu crescimento e viabilização econômica e social. [www.sebraesp.com.br/topo/produtos/capacitacao/avancado/aempretec.aspx](http://www.sebraesp.com.br/topo/produtos/capacitacao/avancado/aempretec.aspx) em 29/11/2007.

e riscos. Apesar do empreendedor não ser obrigatoriamente um empregador, ele tem o seu emprego, muitas vezes trabalhando sozinho e exclusivamente para si mesmo.

No conceito do SEBRAE (2001, p.9) o empreendedor é compreendido como:

O indivíduo que possui atitude de inquietação, ousadia e proatividade na relação com o mundo. Essa postura, condicionada por características pessoais, pela cultura e pelo ambiente, favorece a interferência criativa e realizadora, no meio, resultando em ganhos econômicos e sociais.

Existem aspectos comuns no perfil do empreendedor que encontramos em qualquer definição de empreendedorismo. Estes aspectos do perfil, que caracterizam os empreendedores, são os seguintes: auto-estima elevada; paixão pela atividade exercida; capacidade de perceber oportunidades; capacidade de inovação e/ou iniciativa para criar novos empreendimentos; capacidade para construir redes de apoio; capacidade para definir claramente os objetivos de longo e curto prazo; habilidade para maximizar a alocação dos recursos disponíveis; conhecimento para transformar o ambiente social e econômico no qual está inserido; disposição para assumir riscos bem calculados e moderados; senso de observação e busca incansável por informações; liderança e espírito inovador; capacidade para se desvincular dos padrões estabelecidos e se diferenciar; criatividade; otimismo com realismo; originalidade; capacidade de aprender com os próprios erros e com os erros dos outros; busca por fazer cada vez melhor, mais rápido e mais barato; tolerância à ambigüidade e incertezas; necessidade de realização; autocrítica, automotivação e autodisciplina; visão futurista; energia; habilidade para comunicar-se; habilidade para formulação de estratégias; flexibilidade; capacidade de análise; habilidade para conduzir situações e enfrentar dificuldades.

Segundo Dolabela (1999), as definições sobre o que vem a ser o empreendedor nas diferentes áreas têm pontos de divergência e de convergência: os Economistas associam o empreendedor às inovações e ao seu papel no desenvolvimento econômico; os Comportamentalistas relacionam o “empreendedor” a seus atributos, como a criatividade, persistência, entre outros; os Engenheiros de Produção vêem os empreendedores como bons coordenadores e distribuidores de recursos; os Financistas definem como empreendedor como alguém capaz de calcular riscos; os profissionais do Marketing consideram os empreendedores como pessoas que identificam oportunidades e se preocupam com a satisfação do consumidor. Em todas as áreas a definição está relacionada ao objetivo do trabalho.

Para Bueno (2005), o empreendedorismo pode ser compreendido como um estudo multidisciplinar e interdisciplinar, formado principalmente pelas ciências sociais aplicadas e econômicas (administração, comunicação, psicologia, sociologia, economia) que objetiva contribuir para a superação do estado de alienação, através do empreendedorismo, alcançando o estado de consciência.

O empreendedor é um elemento essencial no processo de desenvolvimento humano, social e econômico. Na verdade desde o momento em que o ser humano usou a criatividade para melhorar as suas condições de vida, a sua relação com a natureza e com os semelhantes, ele tornou-se empreendedor. Apenas recentemente adquirimos a percepção sobre a importância do empreendedor, mas o fenômeno ocorre desde o princípio da civilização. De acordo com Vilela (2005, p. 23), “desde os primórdios da nossa história, estamos convivendo empiricamente com o empreendedorismo na educação”.

Mas, as definições mais adequadas ao estudo do empreendedorismo estão embasadas no conceito do SEBRAE (2001, p. 9), em que o empreendedor “é compreendido como o indivíduo que possui atitude de inquietação, ousadia e proatividade na relação com o mundo”.

É preciso que o indivíduo seja inovador, criativo, um grande estrategista, um criador de novos métodos para penetrar ou criar novos mercados perscrutando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades, caos em harmonia (GERBER, 1996).

Nos últimos anos da década de 90, com a publicação do Livro Verde e do Livro Branco do Programa da Sociedade de Informação (SOCINFO), pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, teve início a criação de uma agenda brasileira para a inclusão digital. O SOCINFO considera que a construção da chamada “Sociedade da Informação” só ocorrerá com a universalização do acesso as TIC.

Essa acessibilidade é primordial para a promoção da geração de renda, para a redução do desemprego e para a diminuição da desigualdade social na sociedade brasileira. Entretanto, apenas com o tempo e com a promoção de complexos debates, considerando diferentes pontos de vista sobre a ausência de indicadores e sobre a eficácia da instalação de equipamentos e determinação de padrões tecnológicos (software livre ou proprietário, estações com multimídia e infra-estrutura para educação à distância), poderemos ter uma noção mais exata dos efeitos que essas ações – previstas no Livro Verde e no Livro Branco – trarão no sentido

de melhorar as condições de aprendizado e de promover o acesso a novas oportunidades de emprego e renda.

Com a globalização e a abertura do mercado, a tecnologia passou a ser o elemento chave para a sociedade e as empresas, o que repercutiu numa aproximação entre o setor educacional e empresarial, além de gerar a necessidade de se rever o modelo nacional de formação profissional voltando-o para a qualificação do jovem no sentido de responder aos desafios do mercado e às necessidades colocadas pelos novos paradigmas (GIDDENS, 1991).

Para Leite (2002, p. 534), “dificilmente os sistemas educativos conseguem andar a par e no mesmo ritmo das transformações sociais”. As novas gerações precisam ser preparadas para se adaptarem, nessa economia impregnada de incertezas, ao mercado de trabalho.

O papel da educação é crucial, diante do cenário de mudanças sócio-econômicas e de uma crescente corrida por seletos nichos de mercado, assegurando que a população, em sua maioria, consiga aprimorar e criar alternativas para sua empregabilidade, além de conseguir sobreviver a demandas cada vez mais especializadas num mundo altamente competitivo. Coréia, Espanha, Irlanda, e Malásia – países que souberam perceber essa importância de educação – conseguiram efetivar o seu desenvolvimento com base no binômio educação-empendedorismo.

## **2.2- A necessidade de uma formação empreendedora**

O preparo educacional e cultural da população de um país, na atual sociedade do conhecimento e da informação, é considerado mais importante do que as riquezas naturais. Assim, caminhamos para uma educação que busca desenvolver competências e habilidades, objetivando a formação de pessoas críticas e responsáveis e, não, indiferentes ou conformadas com o mundo em que vivem.

Dolabela (2005) alerta sobre a importância de se educar as crianças e os jovens dentro de valores como autonomia e independência, desenvolvendo neles a capacidade de gerar o próprio emprego, de inovar e produzir riquezas, estando bem preparados para assumir riscos e crescer mesmo em ambientes instáveis. Pois são os valores sociais que irão conduzir os países ao desenvolvimento.

O tema central do ensino do empreendedorismo deve estar voltado para o desenvolvimento humano, social e econômico do país. É essencial que o debate sobre a educação empreendedora seja ampliado, inserindo-se nos ambientes voltados a essa temática.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino do empreendedorismo deve ter como foco principal o aprendiz empreendedor, em seus múltiplos aspectos: cognitivo, de habilidade e atitudinal.

Organizar uma proposta pedagógica comprometida com o empreendedorismo exige a adoção de estratégias que favoreçam e incentivem atitudes como: autonomia, iniciativa, autoavaliação, ética, criatividade, cidadania, liderança, diálogo, participação, desenvolvimento de projetos, resolução de problemas, boa utilização da informação e dos recursos, inovação e pioneirismo. (ANDRADE, 2005, p. 13)

O ensino do empreendedorismo pode ser fundamentado na abordagem dos quatro pilares da educação, defendidos por Delors (2000): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Estes estão pautados nos princípios das seguintes teorias:

- **teoria cognitivista** - apreende-se os princípios do funcionamento da mente, a forma como o processo de aprendizagem ocorre, como a aprendizagem pode ser demonstrada, e modos de modificar e/ou aperfeiçoar os processos cognitivos;
- **teoria humanista** - observa-se os princípios que dão significado à aprendizagem e que possibilitam o autoconhecimento ao indivíduo, tornando mais harmônica a convivência, deste indivíduo, consigo mesmo e com diferentes grupos. De acordo com os princípios dessa concepção, o indivíduo é estimulado a desenvolver seu potencial criativo, ampliando as chances de alcançar êxito em seus empreendimentos;
- **teoria sociocrítica** - analisa-se a educação enquanto processo social, político e econômico global. Comprovando que a contextualização dos conteúdos dos

cursos deve ocorrer, para que também ocorra um processo transformador, tanto na sociedade como no âmbito social.

Ao longo do processo ensino-aprendizagem, precisa-se de uma educação voltada para o auto-aperfeiçoamento e para a prática de uma liberdade consciente adequada a nova realidade, com ênfase no desenvolvimento da autoconfiança; da solidariedade e da capacidade criativa dos indivíduos.

Uma educação que gera no educando a autonomia de pensamento, sentimento, valoração, iniciativa e ação para empreender a própria vida, participando de forma consciente, efetiva e criativa na transformação da sociedade em que vive. Uma educação a serviço de uma vida digna para todos, fortalecendo o exercício da cidadania plena, engajada e responsável. (ANDRADE, 2005, p. 14)

Busca-se, então, formar pessoas conscientes do seu papel enquanto sujeitos históricos, preparadas para atuar na transformação da sociedade e para o exercício de sua cidadania e criatividade. Uma educação que envolve o empreendedorismo possui essa mesma concepção e poderá contribuir para essa formação.

Empreendedorismo, empregabilidade e competitividade são palavras muito utilizadas atualmente e nem sempre afinadas com a principal finalidade da escola, que é a de educar e formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de atuar na sociedade. Porém, na maior parte das profissões contemporâneas, possuir capacidades como a de saber inovar e ter habilidade na retenção de conhecimentos para o desenvolvimento de projetos por iniciativa própria, torna-se fundamental para obtenção de oportunidades de acesso ao mercado de trabalho.

### **2.3- Todos podem ser empreendedores?**

Será que é possível formar um empreendedor ou essa é uma habilidade nata? Para Drucker (1987), sim, pois ele considera que a prática de inovar pode ser aprendida, explorada e oportunizada, de modo a se ver e buscar a mudança como norma. Fillion (1999) também afirma que é possível formar uma pessoa empreendedora.

De acordo com Fillion (1991), uma pessoa empreendedora é imaginativa, e possui a capacidade de fixar e alcançar metas, manifestando perspicácia em detectar oportunidades,

estando continuamente aprendendo e tomando decisões relativamente moderadas, considerando os riscos, mas sempre com o objetivo de inovar.

Leite (2002, p. 16), segue esse pensamento. Segundo ele, ser empreendedor significa:

ter capacidade de iniciativa, imaginação fértil para conceber idéias, flexibilidade para adaptá-las, criatividade para transformá-las em uma oportunidade de negócio, motivação para pensar conceitualmente e a capacidade para ver, perceber as mudanças como uma oportunidade.

É importante e útil formar empreendedores, mas também é importante salientar que deve-se ter muito cuidado em qualquer iniciativa no sentido de formar tais empreendedores. É necessário que haja uma definição dos critérios científicos que fundamentam os programas de formação de empreendedores e uma revisão conceitual sobre a disseminação da cultura do empreendedorismo e o desenvolvimento de habilidades empreendedoras em crianças e adolescentes. Isso se aplica tanto para os que perderam seus postos de trabalho como para os que estão em idade convencional e iniciando a luta pela sobrevivência. E, ainda, se aplica para os mais novos, que estão sob dependência dos adultos.

As iniciativas inovadoras têm se voltado, sobretudo para os jovens universitários e do Ensino Médio. Estes, no início da vida adulta, necessitam instrumentalizar-se para que possam inserir-se no mercado de trabalho atual, seja através de organizações onde desenvolvam suas aptidões ou criando seus próprios negócios. Quando se trata sobre empreendedorismo com os alunos do Ensino Fundamental é preciso ter ainda mais cuidado e critérios, pois são crianças e adolescentes que devem ser preparados para a vida e para o mundo do trabalho. Deve-se atentar sobre a personalidade que se pretende ajudar a criar, bem como as suas possíveis repercussões no futuro. É preciso questionar como e para que serão formados empreendedores. As chances de sucesso, na formação de empreendedores ampliam-se quando os critérios e procedimentos estão fundamentados em uma metodologia apropriada.

Todos nos desenvolvemos em diferentes contextos educativos, e a escola é apenas um deles. (...) a escola é uma instituição utilizada pela sociedade para oferecer aos membros das novas gerações as experiências de aprendizagem que lhes permitam se incorporar ativa e criticamente. (COOL e MARTIN, 2004, p. 13-14)

É necessário investir na educação para valores, como estratégia para direcionar os jovens a atuarem como protagonistas, orientando-os num processo de ressignificação de suas

atitudes diante da vida, levando-os a relacionarem-se melhor com eles próprios e com os outros, qualificando-os e inserindo-os no contexto de um mundo do trabalho em acelerado processo de mudança, a cada dia mais transformado pela globalização e a emergência de novas tecnologias. Assim se estará formando jovens autônomos, solidários e participativos.

Segundo Leite (2002, p. 533), “o modelo organizacional em que assenta hoje o ensino superior está, ao que parece, esgotado. É preciso (re)institucionalizar e (re)inventar o ensino superior brasileiro, baseado no empreendedorismo”. Nessa perspectiva, a instituição de ensino superior deve proporcionar aos alunos oportunidade de desenvolver competências que possibilitem a inserção no mundo do trabalho e a participação numa sociedade altamente competitiva, em que a segurança no emprego chegou ao fim, provavelmente para sempre.

A educação deverá ser a maior indústria do pós-capitalismo. Podendo proporcionar grandes quantidades de empregos, pois a educação poderá ajudar as pessoas a mudar seus estilos de vida e isso é de fundamental importância no período atual – de transição – para que não ocorra uma ruptura na sociedade. Hoje, as empresas precisam se reestruturar e redistribuir a mão-de-obra para que possam obter o sucesso e isso só é possível por meio de formação, freqüentando as escolas. Aplicando essa política poderemos ter novas perspectivas para o trabalho e para o profissional do conhecimento (CARVALHO, 2003).

O papel das escolas na formação de empreendedores vai muito além de ensinar técnicas de gestão apropriadas para implementar novos negócios. Uma boa escola deve desenvolver a capacidade emocional necessária para empreender, por meio de seu currículo e do próprio ambiente em que seus alunos estão inseridos.

O empreendedorismo deve ser encarado como uma atitude perante a vida, que quanto mais cedo for estimulada, melhor. Por isso, deveria ser matéria obrigatória a partir da pré-escola e não ser percebido como uma exclusividade das faculdades de administração.

Estaremos educando e formando cidadãos realizados e produtivos ao ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional e do seu projeto de vida; ao contribuir para o desenvolvimento das suas habilidades de compreensão, emoção e comunicação; ao permitir que cada um encontre o seu espaço pessoal, social e de trabalho. (MORAN, 2000).

Elaborar e disponibilizar aos jovens que vivem do trabalho a nova síntese entre o geral e o particular, entre o lógico e o histórico, entre a teoria e a prática, entre o conhecimento, o trabalho e a cultura. [...]Ser geral sem ser genérico e relacionar-se ao trabalho sem ser estreitamente profissionalizante. (KUENZER, 2002, p. 43-44)

A educação não pode servir apenas ao propósito da produção. É necessário que o intelectual trabalhador apareça, desenvolva-se no exercício de sua cidadania, com capacidade para atuar praticamente e trabalhar intelectualmente. A educação deve servir ao desenvolvimento do indivíduo como um todo. Cabe lembrar a preocupação mundial sobre a educação, traduzidas em documentos nas seguintes Declarações, que têm implicações práticas sobre os projetos escolares e as políticas educacionais: de Jomtien<sup>12</sup> (1990); de Hamburgo<sup>13</sup> (1997); de Seul<sup>14</sup> (1999); além do Marco de Dacar<sup>15</sup> (2000). Nesse Fórum de Dacar, realizado no Senegal, participaram 164 países e foram estabelecidas metas como a de garantir que as necessidades de aprendizagem de todas as pessoas, incluindo jovens e adultos, sejam atendidas e asseguradas medidas que proporcionem o acesso a programas de formação e preparação para a vida.

De acordo com Daniel (2003, p. 49), os desempregados perdem muito mais do que o seu rendimento, eles perdem a satisfação de usar o seu talento, o seu lugar na sociedade, a sua rede de colegas. Portanto, é imprescindível que a educação e o treinamento possam oferecer diversas habilidades intelectuais, técnicas e sociais às pessoas, contribuindo efetivamente e satisfatoriamente para sua atuação no trabalho. Para o autor:

A educação e o treinamento para o trabalho têm importância fundamental porque é no trabalho que nossos papéis como seres humanos competentes e cidadãos responsáveis se unem mais intensamente. Para muitos de nós, o trabalho é a fonte mais importante de realização individual nas nossas vidas. É também normalmente onde criamos a rede mais ampla de conhecimentos e onde nos adaptamos às pessoas de formação muito diferente para com elas trabalhar produtivamente.

Dentro da realidade, com o novo paradigma educacional que impõe necessidades e novas competências anteriormente impensadas, juntamente com conceitos como

---

<sup>12</sup> Declaração de Jomtien (1990) destacou a qualidade da educação para todos, por meio do atendimento às necessidades básicas de aprendizagem.

<sup>13</sup> Declaração de Hamburgo (1997) inseriu a educação de adultos e a educação continuada na construção de uma sociedade tolerante e instruída, tendo como horizontes o desenvolvimento socioeconômico, a redução da pobreza e a preservação do meio ambiente.

<sup>14</sup> Declaração de Seul (1999) enfatizou os papéis democrático e econômico do ensino técnico e profissional.

<sup>15</sup> Marco de Ação de Dacar (2000), renovando os compromissos da Educação para Todos, preconizou o entrelaçamento entre as políticas de educação e a eliminação da pobreza e às estratégias de desenvolvimento, com a participação da sociedade civil.

competitividade e empregabilidade, surgem dificuldades relacionadas à educação profissional, a qual não consegue acompanhar o ritmo das mudanças e das novas habilidades e competências requeridas pela nova organização produtiva da sociedade.

O empreendedorismo, hoje, não se limita apenas aos donos de escola ou corpo docente, mas gera aspirações educacionais e demandas de formação crescentes em alunos e funcionários. Na atualidade, em função da demanda, há a propensão para o crescimento do número de empreendedores. Por esse motivo, estão ocorrendo investimentos na capacitação para o empreendedorismo, isso pode ser observado pela crescente preocupação das escolas e instituições de ensino superior sobre esse assunto, com a criação de cursos e matérias específicas de empreendedorismo, oferecendo novas alternativas aos jovens profissionais graduandos, que anualmente passam a disputar vagas no mercado de trabalho.

O conhecimento e a sua contínua renovação são requeridos por todos os setores da vida social. Com as constantes inovações, a economia tem se baseado em tecnologias cada vez mais complexas e qualquer melhoria na qualidade de vida das pessoas requer a geração e a aplicação de novos conhecimentos. Então, é preciso que a educação de qualidade, aliada ao desenvolvimento tecnológico, esteja disponível a um amplo contingente de pessoas, para que haja produção, disseminação e troca de conhecimentos.

Um dos grandes obstáculos para a difusão do empreendedorismo na escola é a falta de uma política clara em relação ao assunto, por parte do Estado e a pouca familiaridade dos professores com a área empresarial. Para ministrar aulas de empreendedorismo é necessário uma experiência prática ou treinamento específico. Na realidade, ao mesmo tempo em que as ciências enfocam o ambiente de trabalho, as expectativas dos educadores não são atendidas e estes não são adequadamente treinados ou capacitados para atuarem em meio às profundas transformações apresentadas pelo sistema produtivo.

A qualidade da educação deixa a desejar – nos sistemas de avaliação pode-se visualizar claramente as mazelas: O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB)<sup>16</sup> indica que o analfabetismo continua presente na vida de grande parte das crianças da quarta série do ensino fundamental, que não foram funcionalmente alfabetizadas.

O Brasil investe bem menos em tecnologia e pesquisa do que os países desenvolvidos. E em meio à globalização, fazendo parte de uma teia mundial, um país que possui menos

---

<sup>16</sup> O Saeb, criado em 1988, é uma ação do Governo Brasileiro, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep. É aplicado a cada dois anos, desde 1990. Avalia o desempenho dos alunos brasileiros da 4ª e da 8ª séries do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa (Foco: Leitura) e Matemática (Foco: resolução de problemas). Disponível em: [http://www.inep.gov.br/basica/saeb/perguntas\\_frequentes.htm](http://www.inep.gov.br/basica/saeb/perguntas_frequentes.htm).

peessoas educadas e menor produção de conhecimentos tem uma significativa deficiência que representa drásticas conseqüências presentes e futuras. Assim, existem questões referentes a educação que precisam de soluções.

Para uma parte dos educadores soa como um sacrilégio relacionar educação e competitividade. Pois, pensam que o processo educativo poderia se tornar algo frio e antidemocrático, em função das preocupações com a produção, e uma possível negação da natureza humana. Assim, seguindo essa linha de raciocínio, a escola estaria colocando-se a serviço dos empresários, negando o interesse do povo. Porém, na verdade, precisa-se em grande parte de uma sólida educação geral, capaz de assegurar flexibilidade, criatividade e capacidade crítica a pelo menos a maior parte da população (TEDESCO, 1998).

A nova educação deverá estar voltada para o desenvolvimento da capacidade da autocorreção, visando a adaptabilidade e a capacidade de aprimoramento constante. Nesse sentido, o empreendedorismo exerce papel chave.

A educação deve oportunizar aos estudantes sua auto-realização. Desse modo, a educação visando o empreendedorismo, ao contribuir para a construção de habilidades e competências para o mercado de trabalho, converge com a atual legislação educacional em vigor no Brasil. Além disso, a educação voltada para o empreendedorismo aborda de forma inquestionável um dos grandes pilares do conhecimento sintetizados pelo Relatório Delors (2000), o de “aprender a fazer”.

Se de fato buscam-se alunos mais criativos e empreendedores, deve-se pensar sobre os moldes de uma educação inovadora, capaz de formar profissionais ativos e aptos a propor soluções criativas para sua própria empregabilidade.

A educação não se desumaniza por se preocupar com o trabalho, afinal ele representa a maior parte da vida adulta e exige, assim como a auto-realização e a cidadania, fundamentos em valores, atitudes, comportamentos, conhecimentos e habilidades. Tudo isso cabe a uma escola, sintonizada com o seu tempo, que olha para o futuro.

Os estudos do empreendedorismo constataam freqüentes transformações e confirmam que muitos autores contemporâneos têm aprofundado seus estudos sobre o tema empreendedorismo, com a finalidade de criar conceitos e definições sobre o empreendedor do modo mais claro e coerente, já que atualmente existe uma grande necessidade de gerar empregos, ou de se ter pelo menos o próprio posto de trabalho. Portanto, há a necessidade de criatividade e inovação, além de outras habilidades não menos importantes. (GOMES; CÂMARA e GOMES, 2002).

A economia é parte da vida humana e não se pode viver sem ela. A população procura as escolas e nelas permanece principalmente porque espera se preparar para o trabalho, tendo esperança na educação como meio para alcançar uma melhoria em sua qualidade de vida.

Mas será que é possível ensinar uma pessoa a se tornar empreendedora? Preparando-a, desde jovem, para empreender? Para conseguir através da atividade empreendedora melhorar sua qualidade de vida? Essa é uma das polêmicas discutidas no ensino de empreendedorismo, se o mesmo pode ser ensinado ou não.

## **2.4- O empreendedorismo pode ser ensinado?**

Para vários pesquisadores o empreendedorismo, pode sim ser ensinado e/ou aprendido. Pois o empreendedor é uma pessoa como outra qualquer, cujas características e habilidades podem ser desenvolvidas e lapidadas através de capacitação e da promoção de mudanças comportamentais para a concretização dos seus objetivos.

A disposição para empreender pode ser alterada pelo meio ambiente. Ter disposição para empreender é essencial, mas não é suficiente para a formação do espírito empreendedor exigido atualmente: uma forma de ver o mundo, aliada a um conjunto de técnicas e conhecimentos, que permite enxergar oportunidades e atuar de forma a obter resultados. Leite (2002, p.540) afirma que:

O desenvolvimento da capacidade empreendedora nos indivíduos, através de mecanismos educativos, que leva em consideração as particularidades apontadas, baseia-se na percepção dos vetores que suportam esta capacidade. De fato, a atitude empreendedora está diretamente relacionada com a dinâmica de valorização do indivíduo como agente que interage com a sociedade, ao longo dos ciclos virtuosos.

Para Dornelas (2003), o empreendedor deve ser sedento pelo saber, pois tem maior possibilidade de êxito quando tem também um grande domínio do assunto. Então, o fator predominante para o sucesso é o conhecimento. Assim, o empreendedor tem a possibilidade de transformar suas idéias em algo prático, por meio de dados e informações que na maior parte dos casos estão disponíveis para todos, mas que somente pessoas bem informadas podem transformá-las em oportunidades.

Filion (1999), também ressalta a importância do aprendizado e do saber para os empreendedores, afirmando que estar aprendendo é estar agindo de forma empreendedora.

Desse modo, é preciso que as pessoas empreendedoras aprendam continuamente sobre o que está acontecendo no seu ambiente, sobre o que fazer para ajustar-se a determinadas situações, tendo a capacidade de detectar oportunidades como foco do seu processo de aprendizagem e assim estar em constante evolução.

Entretanto, Dolabela (1999) defende que no ensino do Empreendedorismo, o ser é mais importante do que o saber. Pois, o saber será conseqüente das características pessoais que determinam a própria metodologia de aprendizagem. Seguindo esse pensamento, o indivíduo que possui os pré-requisitos necessários ao bom desempenho como empreendedor saberá apreender o que for necessário para criação, desenvolvimento e realização de sua idéia.

Para criar um ambiente de ensino de empreendedorismo é preciso ter exemplos para se guiar, com pessoas que possam falar sobre os problemas que enfrentaram. Todo empreendedor é um professor. Portanto, ensinar e empreender conjuntamente é formar uma combinação poderosa. Para atender a necessidade de um ensino empreendedor, deve-se começar capacitando o professor, com um amplo programa de capacitação docente em todos os níveis. Antes de qualquer coisa o professor precisa ter visão e atitudes empreendedoras. Assim ele poderá ajudar o aluno a se conscientizar para que haja mudança de vida, preparando o aluno e instigando-o a buscar conhecimentos e a estar aberto às inovações.

Vilela (2005, p. 46), ressalta a necessidade de permitir que os alunos também sejam empreendedores e deixar o mercado decidir se o que oferecem é um produto de interesse. “Para isso, é fundamental desenvolver com eles a autonomia moral e intelectual”.

A escola precisa dos estudantes de todos os níveis e de todas as idades, portanto deve motivá-los para aprender e para o aprendizado permanente, provendo uma educação universal de ordem superior, bem melhor do que se tem hoje. Essa escola deve ter um sistema aberto, acessível a todos os níveis, comunicando o conhecimento como substância e como processo. Então, o ensino não pode mais ser monopólio das escolas, e sim permear toda a sociedade. As organizações de todos os tipos, como empresas, governos, sindicatos, e também precisam se transformar em instituições de aprendizado e ensino, e devem cada vez mais trabalhar em parceria com os empregadores e suas organizações. (DRUCKER,1987)

A educação pode aumentar a conscientização dos estudantes sobre empreendedorismo, facilitando o desenvolvimento de ações empreendedoras. Embora, nem sempre o sistema educacional promova a formação da cultura empreendedora. No atual sistema de ensino a metodologia instrucional é dominante. Muitas vezes é dada ênfase na aquisição de

conhecimentos em detrimento ao desenvolvimento das habilidades específicas para o uso prático desses conhecimentos.

O desenvolvimento da cultura empreendedora não tem sido muito focado e pouco se tem valorizado a ambigüidade e o exercício da prática de definir problemas e projetar soluções. É preciso que haja a adoção de diretrizes educacionais que desafiem os estudantes a se comportarem tanto como generalistas quanto especialistas para serem desenvolvedores e solucionadores de problemas de acordo com a realidade organizacional em que atuam.

Não podemos confundir a educação para o empreendedorismo com a educação para gerenciar empresas. Enquanto o principal objetivo da educação para gerenciar empresas é ensinar técnicas gerenciais aplicáveis ao gerenciamento organizacional, o objetivo da educação para o empreendedorismo é estimular a cultura empreendedora, desenvolvendo a sensibilidade individual ou organizacional para a percepção de oportunidades. O empreendedor deve aprender a calcular riscos de modo responsável, assumindo apenas os riscos aceitáveis e pré-mensurados.

Um dos disseminadores da cultura empreendedora no Brasil é o professor Fernando Dolabela, considerado o criador da Pedagogia Empreendedora e que já idealizou e implantou vários programas de ensino do empreendedorismo. Essa metodologia não está voltada apenas para a formação de "pequenos empresários", ela tem como objetivo a construção do bem-estar coletivo, sendo contrária ao individualismo e não devendo ser usada unicamente para o enriquecimento pessoal. Seu eixo metodológico é baseado no sonho de cada pessoa.

Dolabela (2005) vê o empreendedorismo como uma forma de ser e não somente de fazer, assim ele leva o conceito, oriundo da empresa, a todas as áreas da atividade humana. Para ele, a pedagogia empreendedora é uma metodologia de ensino de empreendedorismo destinada a educação básica (da educação infantil até o ensino médio), voltada para a comunidade, estando vinculada a tecnologias de desenvolvimento local. O aluno é estimulado a desenvolver sua capacidade de escolha, sem que seja influenciado nas suas decisões, preparando-se para fazer suas próprias opções.

Uma conquista significativa no campo de estudo do empreendedorismo é a percepção de que o espírito empreendedor em uma comunidade é gerado a partir de seus valores, visão de mundo, práticas e relações sociais. A Pedagogia Empreendedora relaciona o conceito de empreendedor a uma forma de ser, ao estilo de vida, à visão de mundo, ao protagonismo, à inovação, à capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no meio ambiente (DOLABELA, 2005).

Na Pedagogia Empreendedora, o empreendedor coletivo é aquele que tem como sonho promover o bem-estar da coletividade e melhorar as condições de vida de todos. Empreendedor coletivo é o indivíduo com potencial para aumentar a capacidade de conversação da comunidade, ampliando ou criando a conectividade entre seus diversos setores, gerando o capital social que é insumo básico do desenvolvimento.

Entende-se, então, que o empreendedor é aquele que empreende, é ativo e arrojado. E essas qualidades (um aluno ativo, participativo) são desejadas há um bom tempo nas escolas. Portanto, nessa perspectiva, o empreendedorismo em sala de aula pode contribuir para a melhoria do desempenho dos estudantes.

## **2.5- O empreendedorismo nas escolas**

O tema empreendedorismo precisa ser incluído na escola, isso vem sendo demonstrado pelas demandas econômicas e sociais emergentes. Com o estímulo sobre a relação educação e empreendedorismo poderão surgir, no espaço escolar, novos desenhos curriculares e ambientes de trabalho que proporcionarão a busca por novos referenciais e objetivos educacionais. Além de introduzirem inovações no processo ensino-aprendizagem.

Em função do método expositivo de aulas e de uma cultura criada tendo como referência o respeito às hierarquias existe, na educação básica, uma estrutura de ensino que incentiva a subserviência. Então, em um mundo onde o desemprego assola, os alunos são preparados para serem empregados.

É preciso adotar novas práticas de ensino, através das quais as pessoas sejam formadas para aprender a correr riscos calculados, a planejar situações, a traçar metas, a acreditar nos sonhos com a coragem de partir para sua realização e com o respaldo do conhecimento obtido. Esse é um dos muitos desafios enfrentados pela educação básica, numa busca pela melhoria na formação, especialmente nas escolas públicas.

Pais, professores, comunidades empresariais e estabelecimentos de ensino diferem em seus conceitos empreendedorismo e possuem divergentes opiniões sobre o que este envolve. O termo empreendedorismo por si só pode dar origem a juízos falsos. Empreendedorismo lembra capitalismo, neoliberalismo e outros conceitos que envolvem nuances de capitalismo desenfreado ou até de exploração do ser humano, soando negativamente no meio de boa parte dos educadores.

Mas, trabalhar o empreendedorismo na educação está longe de significar apenas ensinar a fazer dinheiro. É algo que vai além, que pode proporcionar aos jovens o desenvolvimento de competências de gestão, que provavelmente lhes serão úteis para a vida. O empreendedorismo nas escolas gera polêmica, assim como tudo o que é novo na educação. Porém, cada vez cresce mais o número de escolas brasileiras que ensinam seus alunos a sobreviver no mundo capitalista, oferecendo atividades curriculares voltadas para a formação de empreendedores.

Assim vários questionamentos vão sendo colocados: sobre como se ensina empreendedorismo; sobre o melhor modo para colocar uma disciplina envolvendo o empreendedorismo no currículo; sobre em qual ano de escolaridade essa disciplina pode ser incluída; sobre as disciplinas que devem ser retiradas da grade para que ocorra a inclusão desse nas escolas que trabalham com o aluno em período parcial. As dúvidas são inúmeras.

Kyrillos (1998 p. 11), questiona se os problemas encontrados na educação são os responsáveis pela inadequação dos profissionais ou se é na escola que se encontra a solução para as dificuldades que se apresentam:

Seriam os problemas encontrados na educação os responsáveis pela inadequação dos profissionais que necessitam estar aptos a conviver com tecnologias que buscam uma especialização flexível? Ou estaria na escola a solução para tais dificuldades? O sistema educacional, ultimamente, tem sofrido duras críticas e as avaliações têm mostrado os focos dessas. Se por um lado as ciências que focalizam o ambiente do trabalho, os valores, os anseios e as expectativas dos educadores não são completamente atendidos, por outro os educadores não possuem ou não recebem informações exatas a respeito da real situação do ambiente de trabalho e das profundas transformações pelas quais vem passando o sistema produtivo.

Do ponto de vista didático, trabalhar o empreendedorismo na sala de aula pode ser uma idéia excelente. Pois, atividades, como gerenciar uma loja de verdade, oferecem inúmeras ‘situações-problema’, desafiando o aluno a raciocinar e a buscar aprender de forma sólida conceitos, conhecimentos e técnicas que ajudem a resolver problemas. Os próprios PCN sugerem, no ensino de Matemática, o apelo a situações ‘reais’ como um meio para combater um ensino demasiadamente mecânico e desprovido de significado.

Deve-se educar principalmente para o consumo crítico, formando pessoas que saibam pesquisar preços, discutir sobre o funcionamento de uma empresa e que possam aprender sobre marketing. O principal é que o estudante possa compreender o capitalismo com base no que ele tem de bom e de mau, distinguindo as duas faces da moeda e com a consciência de

que não pode existir conquista sem que haja ética e de que o sucesso individual deve estar atrelado à construção social.

Para o cidadão que vai construir o futuro tornou-se insuficiente aprender apenas português, matemática, história, geografia, ciências e as outras disciplinas previstas na grade curricular do Ensino Fundamental e/ou do Ensino Médio. Além de todo o conhecimento básico que uma escola pode e deve oferecer aos seus alunos, é preciso sempre levar em conta as mudanças estruturais que vêm transformando a sociedade e o mercado de trabalho. Atualmente, as possibilidades de ingressar em uma boa empresa e prosperar na carreira são cada vez menores. Além disso, várias profissões deixarão de existir em curto prazo, em razão da automação de numerosas atividades que ainda hoje mantêm muitas pessoas empregadas. Nesse cenário de incertezas e de profunda insegurança, é melhor não perder tempo e tratar de preparar as crianças e os jovens também para o empreendedorismo.

De acordo com os preceitos da reforma do Ensino Médio proposta pelo MEC no Brasil, o jovem agora deve ser preparado para a vida. Em propaganda, é veiculada a seguinte frase: “O Ensino Médio agora é para a vida”. Kuenzer (2000) faz uma crítica a essa colocação, afirmando que essa proposta parece se contrapor à anterior, que supostamente, ao preparar para o trabalho, não preparava para a vida.

Essa reforma do Ensino Médio teve início em 1996, com a aprovação da LDB, e um dos principais pontos desta reforma é a separação da educação profissional do ensino regular, onde a formação técnica passa a ser um complemento da educação geral e não mais parte dela. O ensino profissional, com essas alterações, pode vir a ser cursado paralelo ao ensino médio, porém o aluno deve fazer os dois cursos para ter direito ao diploma.

Ao tratar sobre a questão da separação de educação profissional do ensino regular, preciso ter clareza e cuidado, pois durante quase toda a trajetória da educação brasileira existiu uma dualidade entre a educação da elite e a educação popular, uma vez que a primeira era classificatória e a segunda destinada apenas à qualificação da mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Pode-se observar que durante um longo período na história do país os direitos sociais foram deixados de lado. A preocupação, na maioria das constituintes nacionais, se deu exclusivamente com os direitos civis e políticos, sempre atendendo a uma elite dominante. Assim, foi estruturado um sistema educacional excludente, discriminatório e descentralizado; com poucos investimentos. Resultando no atual quadro da situação da educação no país, onde o analfabetismo e as deficiências da educação popular são gritantes. Apenas, a partir de 1996, isso vem mudando, mas ainda em passos muito lentos. Então é importante que se invista na

Educação Básica das escolas públicas na tentativa de reverter o quadro de abandono, carência, desigualdade e exclusão.

Inserir o empreendedorismo na escola significa abraçar a desafiante luta de transformar em realidade o ideal apresentado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), colocando em prática as diretrizes e os pilares da educação nacional nesse cenário de contradições em que estamos inseridos. (VILELA, 2005, p.40)

A introdução do empreendedorismo na escola pode contribuir para a melhoria da educação e para a diminuição da realidade de exclusão existente. Porém, é preciso enfatizar que uma Educação Básica de qualidade na rede pública é essencial, antes de qualquer outra coisa. E que a educação brasileira deve deixar em definitivo a dicotomia que marca sua história, na qual sempre foi negada a igualdade de acesso às camadas populares no ensino superior. Aparentemente, uma mudança está sendo delineada através das ações afirmativas desenvolvidas pelas políticas públicas nos últimos anos. Mas, ainda há um longo caminho a percorrer.

No Brasil o ensino de empreendedorismo está crescendo bastante. O SEBRAE trabalha desde 1972 pelo desenvolvimento sustentável das empresas de pequeno porte. Estabelecendo a disseminação da cultura empreendedora como prioridade, promovendo cursos de empreendedorismo em diversos meios de comunicação, inclusive a Internet.

O Projeto Empreendedorismo para o Ensino Fundamental, promovido pelo SEBRAE-SP, tem como objetivo desenvolver uma cultura empreendedora voltada à inserção do cidadão no mercado de trabalho. Numa parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), o projeto busca sensibilizar os alunos sobre questões atuais que envolvem a compreensão de vantagens, dificuldades e possibilidades de criar e desenvolver pequenos negócios. É dada atenção especial ao papel da propaganda e do marketing como estratégias para a obtenção do sucesso no empreendimento.

O Laboratório de Ensino a Distância (LED) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), criado em 1995, deu início a uma trajetória que tornou a instituição internacionalmente conhecida por realizar pesquisas de ponta. O LED desenvolve, em parceria com várias instituições, cursos de capacitação, especialização e mestrado. Assim, atende as necessidades do mercado, inclusive na área de empreendedorismo. Na área de empreendedorismo, podemos destacar entre os

curso oferecidos pelo LED: o curso de Formação de Jovens Empreendedores em parceria com o SEBRAE-SP, tendo um público de 17.000 alunos das Escolas Técnicas de São Paulo e o projeto Empreendedorismo na Engenharia que além de cursos de capacitação, também realizou uma especialização em parceria com o CTC (Centro Tecnológico) e a ENE (Escola de Novos Empreendedores) da UFSC.

O Instituto de Estudos Avançados (IEA), também serve como exemplo, sendo uma organização voltada à educação empresarial criada em 1996 que desenvolve tecnologias de ensino do empreendedorismo por meio da Internet, planejando e executando programas de disseminação do espírito empreendedor.

Várias são as iniciativas de formação à distância na área de empreendedorismo. No entanto, oficialmente no MEC não existe nenhum curso em nível de graduação, pós-graduação ou extensão, credenciado nesta área para ser realizado na modalidade a distância. Isso indica que as instituições têm buscado outros meios legais no sentido de viabilizar os cursos de empreendedorismo. É importante que estas iniciativas sejam credenciadas, para que se possa oficializar a importância e eficácia da EAD nesta formação.

Alguns estados como: Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte, entretanto, vêm trabalhando em suas redes públicas, de Educação Básica, com o ensino do empreendedorismo a distância: Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública de Alagoas (JEP-AL); Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública do Rio Grande do Norte (JEP-RN); Ceará Empreendedor Jovem.

No Programa JEP-AL, objeto de estudo desse trabalho, o aluno do Ensino Médio da rede pública estadual é preparado para aprender, a distância, via Internet e também em apostilas, dentro da perspectiva do desenvolvimento de competências e habilidades para o trabalho.

Apesar do tema empreendedorismo ser bastante discutido nas universidades, ainda encontra-se pouco presente na Educação Básica, especialmente nas escolas públicas. Casos como os dos estados citados acima são exceções, infelizmente. Pois, o JEP além de oferecer a oportunidade de realização profissional aos alunos, estimula-os na obtenção de uma vaga no mercado de trabalho, uma vez que os jovens inseridos em um ambiente que contribui para o desenvolvimento de competências empreendedoras têm ampliadas as possibilidades de tornarem-se profissionais mais participativos e preparados para assumir uma postura empreendedora.

Na seqüência encontra-se esboçada a metodologia utilizada na realização desse trabalho, para em seguida ser realizada a análise dos dados sobre o caso JEP em Alagoas.

## **CAPÍTULO III - O MÉTODO**

Esta pesquisa, realizada ao longo do período de 2004 a 2006, envolveu duas instituições de ensino. São as escolas estaduais: Moreira e Silva e Bom Conselho.

### **3.1- O universo da pesquisa**

As duas escolas localizam-se em Maceió. A Escola Bom Conselho é secular e está inserida no bairro histórico de Bebedouro, onde muitas pessoas se conhecem há décadas e fazem parte de famílias que estudaram nessa instituição. Enquanto a Escola Moreira e Silva, também tradicional na cidade, situa-se no bairro do Farol, no Centro de Educação e Pesquisa Aplicada (CEPA), fazendo parte de um complexo educacional em que a intervenção da comunidade do bairro é menos marcante.

O universo da pesquisa nas duas escolas totalizou 76 alunos e 02 instrutores. As duas escolas fazem parte do JEP, que até 2006 abrangia 38 escolas estaduais em municípios alagoanos. Fazem parte desse universo, também, a coordenação do JEP-AL e o gerenciamento do Programa de Tecnologias Educacionais da Secretaria Executiva de Educação do Estado de Alagoas (PTE).

### **3.2- O problema e a hipótese**

Tendo como problema a questão: de que modo o JEP tem contribuído para a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Alagoas no mercado de trabalho?

Foi elaborada a seguinte hipótese: o JEP tem contribuído para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Alagoas, capacitando-os para utilizar a Internet, fornecendo indicações de novos caminhos e opções para a sua inserção no

mercado de trabalho, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores e/ou melhorando a sua formação.

### **3.3- Os objetivos**

Os objetivos propostos foram: analisar as contribuições do JEP, através da EAD, para a qualificação e a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio no mercado de trabalho; investigar as potencialidades da EAD no ensino médio e as possibilidades fornecidas pelo JEP para a diminuição da exclusão digital.

### **3.4- A metodologia**

A fim de atender aos objetivos da pesquisa e responder à questão posta, foi utilizada a metodologia qualitativa, na abordagem do estudo de caso.

A escolha do método do estudo de caso deve-se ao fato deste ser uma das formas apresentadas pela pesquisa qualitativa, adequando-se à singularidade do objeto de estudo. No desenvolvimento da pesquisa foi mantida uma atenção especial aos elementos que surgiram durante o processo, considerando-se o contexto estudado e tratando a realidade com profundidade, buscando-se a multiplicidade das dimensões e utilizando-se diversas fontes de informações.

O Programa JEP havia sido implantado desde 2002 nas escolas públicas estaduais de Alagoas, oferecendo, portanto, a possibilidade de realizar um estudo em uma ou mais escolas incluídas no programa. A opção foi por duas escolas que possuem distintas realidades ao mesmo tempo em que há uma proximidade em alguns aspectos.

A pesquisa bibliográfica e documental realizada ocorreu com a seleção, leitura e análise de leis, decretos, relatórios, livros, periódicos e sites que oferecem subsídios sobre os novos paradigmas educacionais, a EAD, a Internet, o Empreendedorismo e o JEP. Os resultados da pesquisa documental e bibliográfica podem ser vistos nos capítulos 1, 2 e 4.

Na pesquisa de campo os procedimentos adotados para a coleta de dados foram o uso das técnicas de observação participante como instrutora do JEP, observação não-participante, conversas informais, realização de entrevistas semi-estruturadas, aplicação de questionários e anotações em diário de campo. Sendo a observação o principal método de investigação.

Através da observação foi possível criar um contato pessoal e estrito com o fenômeno pesquisado. Isso ocorreu em função do meu papel como instrutora do JEP. Assim, por questões éticas, a minha identidade e o objetivo do trabalho foram revelados desde o princípio, com a solicitação e a conquista do acesso a todas as informações desejadas.

A observação não-participante foi adotada nos momentos de aprendizagem dos alunos do JEP na escola Moreira e Silva. Tendo como universo 15 alunos, 1 instrutor e 1 gestor. Nesses momentos foram adotados procedimentos como registros em diário de campo, registro com fotografias, coleta de depoimentos da instrutora e elaboração de relatórios.

A observação participante se deu nos momentos de aprendizagem na Escola Bom Conselho, nos quais encontrava-me envolvida como instrutora do programa. A investigação nessa escola se deu com 61 alunos e 1 gestor; além dos registros da experiência da pesquisadora em diário de campo.

No registro das informações foram utilizados dois diários de campo: um de pesquisa e um de observações. Esse segundo foi utilizado para o planejamento do estudo e organização das etapas, enquanto o primeiro contém as anotações e reflexões sobre os acontecimentos observados. A categorização do diário de pesquisa se deu por palavras-chaves.

As entrevistas foram utilizadas por mostrarem-se como instrumentos adequados, permitindo aos sujeitos investigados a exposição e o desenvolvimento do seu pensamento, possibilitando a obtenção de dados aproximados do concreto pensado. Além da oportunidade de se obter dados relevantes e significativos, que não se encontram em fontes documentais.

Houve a aplicação de 21 questionários durante o curso avançado de empreendedorismo realizado no SEBRAE, com alunos selecionados do JEP 2005 oriundos das várias escolas inseridas no programa. Esses questionários aplicados possibilitaram respostas rápidas e precisas, permitindo uma maior uniformidade na avaliação, em função da sua natureza impessoal. Na elaboração dos questionários foram adotadas duas categorias de perguntas: fechadas e de múltipla escolha.

Ainda durante a coleta de dados, após as entrevistas, foram realizadas as transcrições e revisões das gravações; para extrair o posicionamento dos entrevistados, formando um painel claro sobre os dados. Esse procedimento visou a caracterização dos entrevistados, a compreensão sobre a utilização da EAD na prática pedagógica, o levantamento sobre os problemas e vantagens do JEP.

Os dados coletados através dos procedimentos adotados foram elaborados e classificados sistematicamente. Em seguida foi realizada a sua seleção, codificação e tabulação. Após a manipulação e organização dos dados coletados, o passo seguinte foi a análise e a interpretação dos mesmos, sendo este passo o núcleo central da pesquisa.

A importância desses dados está na possibilidade deles fornecerem as respostas à investigação. Análise e Interpretação são atividades distintas, porém relacionadas. Para Lakatos e Marconi (2001), a análise é a tentativa de tornar evidentes as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores. Já a interpretação, busca dar um significado mais amplo às respostas, procurando vínculos com outros conhecimentos. Assim, a eficácia da análise e da interpretação é determinante para o valor da pesquisa.

Sendo esta pesquisa de caráter estritamente acadêmico e as informações obtidas apenas utilizadas nesse trabalho de dissertação, não foram mencionados nomes dos alunos participantes deste estudo. Cada um dos participantes foi identificado por numeração: aluno 1, aluno 2 e assim por diante. Cabe uma ressalva no caso dos alunos que foram mencionados no Portal Geranegócio, com seus depoimentos disponibilizados em rede e suas imagens divulgadas: nesses casos, como estavam disponíveis na Internet, houve a utilização dos seus nomes e depoimentos, de acordo com os dados do Portal Geranegócio.

Para a compreensão adequada das situações vivenciadas no universo pesquisado e sobre os dados coletados durante a observação, foram atendidos os procedimentos fundamentais do estudo de caso, seguindo o pensamento de Ludke e André (1986): o contexto em questão foi levado em conta, houve uma atenção especial com cada novo elemento surgido durante a pesquisa, a realidade foi retratada com profundidade, a multiplicidade das dimensões presentes foram reveladas, variadas fontes de informação foram utilizadas, os pontos de vista conflitantes e divergentes foram focados e foi adotado um estilo mais informal de linguagem.

## **CAPÍTULO IV - PROGRAMA JOVEM EMPREENDEDOR DA ESCOLA PÚBLICA: O CASO JEP-AL**

O Programa Jovem Empreendedor da Escola Pública de Alagoas (JEP), chegou às escolas no ano letivo de 2002. De acordo com um relatório sobre o JEP, de 2006, elaborado pelo Programa de Tecnologias Educacionais (PTE/SEE-AL), a preocupação do governo estadual com a qualidade da formação dos jovens estudantes do Ensino Médio e a compreensão sobre a importância de oferecer uma escola que também prepare para o mercado de trabalho repercutiu nesta iniciativa que teve o Portal Geranegócio como parceira.

### **4.1- O Portal Geranegócio**

No Portal Geranegócio encontram-se projetos e programas de geração de emprego e renda, além de recursos que permitem acessar vários itens e/ou conteúdos importantes sobre o mundo dos negócios e o empreendedorismo.

Segundo Siqueira (2004, p. 33), o Portal Geranegócio contém mais de dez mil páginas contemplando dez áreas dos pequenos e micronegócios. Em cada área são abordados variados aspectos, como: negócio, crédito, qualificação, informação e assistência online. As dezenas de projetos que estão desenhados no portal “visam, principalmente, pôr a tecnologia a serviço da geração de trabalho e renda, beneficiando milhares de pessoas em todo o Brasil”. Os setores do Portal Geranegócio são oito, e estão divididos da seguinte forma:

- **vendas on-line** - onde encontra-se o ger@shopping e pode-se fazer anúncios no portal;
- **cursos on-line** - com o ger@cursos;

- **produtos** - com a agência virtual e o ger@Cred;
- **programas e projetos** - desenvolvidos pelo portal em parceria com instituições governamentais e não governamentais, como Porta Aberta, JEP/AL, JEP/RN, CEJ, SP inclui, Sou Ligado, Primeira Chance, ArtNet, Ceará Empreendedor, Emprego Jovem, Central do Trabalhador, CTE – RJ, Telecentros, Juventude Cidadã;
- **áreas** - pequenos negócios, negócios em casa, telenegócio, pequenas franquias, artesanato, cooperativas, associação de produção, incubadoras, clusters, empresas de participação – todas abordam questões próprias sobre as especificidades de cada uma delas, explicando o que vem a ser, oferecem testes para avaliar a capacidade empreendedora e conhecimentos necessários para empreender em cada área, explicam sobre o que vem a ser um plano de negócios como montá-lo em cada uma das áreas e disponibilizam dicas estratégicas para os interessados em empreender;
- **conteúdos** - tratando sobre crédito, factoring, cooperativa de crédito, microcrédito, capital de risco, rede de trocas leasing, idéias, projetos e pesquisas, programa de qualidade, produtividade, terapia do negócio, segurança do trabalho, marketing, exportação, empreendedorismo, testes, perguntas mais frequentes, modelos, planilhas, legislação, dicas e livros, links, humor do negócio, programas de governos e ONG;
- **serviços associados** - que disponibilizam o ger@TV, vídeo fácil, ger@downloads, arranjos produtivos, páginas azuis, legalização, agenda tributária, ger@tendimento, ger@eventos, ger@fácil, ger@pesquisa, ger@jogos, ger@crédito, assistente financeiro, ger@preço;
- **parceiros** - no qual encontram-se associados, empresas, instituições e consultores.

Na fig. 2 pode-se ver o mapa das áreas que compõem o Portal Geranegócio:

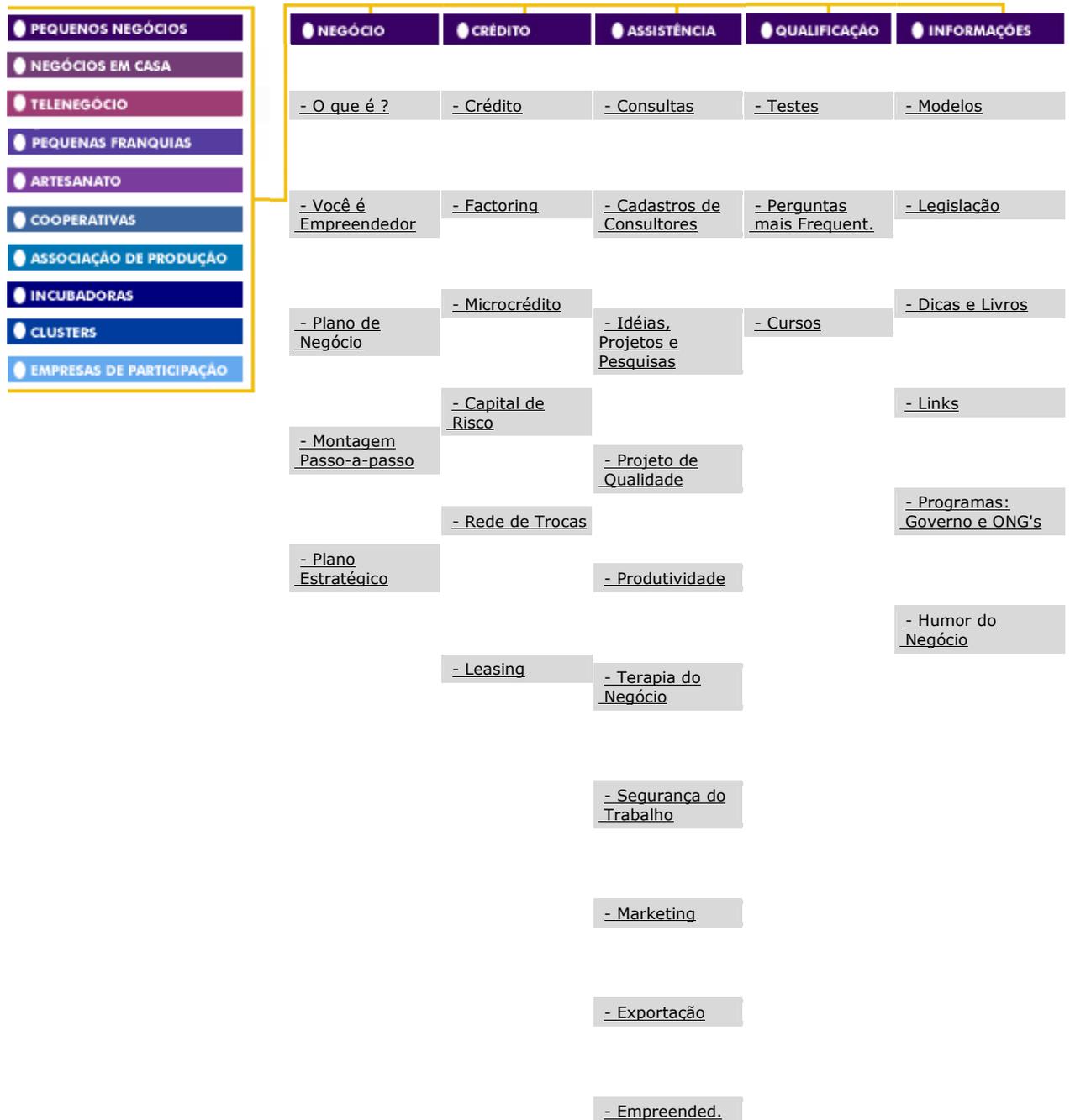


Fig. 2 – Mapa do Portal Geranegócio

Nessas áreas os pequenos e microempreendedores podem interagir com o Geranegócio através de videoconferências, fóruns de debates, chats, assim como tirar dúvidas on-line,

opinar, sugerir, criticar e participar de grupos de parceria com outros empresários da sua área de interesse. Para acessar qualquer serviço e as ferramentas no Portal é necessário realizar um cadastro, no qual é requerido ao usuário o seu e-mail e uma senha.

Como exemplos das ferramentas encontradas do Geranegócio pode-se citar: Gera@Jogos; Ger@Eventos; Assistente Financeiro; Ger@Fácil; Ger@Crédito; Ger@pesquisa; Ger@tendimento; Páginas Azuis; Gera@consulta; Plano de Negócio; Legalização (SIQUEIRA, 2004).

Observe o visual de uma dessas ferramentas – uma página do Ger@pesquisa:



Fig. 3 – Página do Ger@pesquisa

No Ger@pesquisa encontramos informações de interesse do pequeno empreendedor, tais como agenda tributária, indicadores sociais e econômicos, situação da empresa junto aos órgãos governamentais, custo do dinheiro e taxas de serviços bancários, registro de domínio na Internet. Os cursos online, voltados para os pequenos negócios, podem ser encontrados no

Ger@cursos ou Ger@qualificação e qualquer pessoa, mesmo que não domine a Internet, pode realizá-los.

A função do Ger@tendimento é esclarecer, online, dúvidas relativas aos pequenos e aos micronegócios, além de oferecer suporte para os cursistas do JEP e dos outros programas que se encontram nesse Portal. Abaixo se encontra um exemplo de contato no Ger@atendimento:



**Ger@tendimento**  
Tire suas dúvidas on line

**Digite seus dados abaixo**

Nome:

Estado:

Telefone:

E-mail:

**Digite seu nome e clique em entrar para falar com um de nossos Ger@tendentes.**

[Alexandre: Olá Daniela Jobim! Em que posso ajudar?](#)

Fig. 4 – atendimento online no Ger@tendimento

Os programas governamentais hospedados no Geranegócio são: Programa Ser – da Prefeitura de Natal (Rio Grande do Norte); Programa Porta Aberta – do Governo do Estado de Alagoas; SP Inclui – da Prefeitura de São Paulo (São Paulo); CTE (Casa do Trabalhador Empreendedor) – do Governo do Estado do Rio de Janeiro; Central do Trabalhador – do Governo do Estado do Rio Grande do Norte; Ceará Empreendedor – do Governo do Estado do Ceará; Primeira Chance – do Governo do Estado do Rio Grande do Norte; C. E. J. (Ceará Empreendedor Jovem) – do Governo do Estado do Ceará; JEP – RN (Jovem Empreendedor) – do Governo do Estado do Rio Grande do Norte; **JEP – AL (Jovem Empreendedor da Escola Pública de Alagoas) – do Governo do Estado de Alagoas.**

## 4.2- O Programa JEP-AL

De acordo com Siqueira (2004), o JEP-AL visa ensinar informática, empreendedorismo, montar plano de negócio e fornecer microcrédito aos jovens que estão terminando o Ensino Médio. A figura seguinte traz a página inicial do JEP-AL:

Geranegocio.com.br - O Portal do Pequeno Negócio

Bate-Papo Fórum SAPE VD Conferência

Geranegocio

29 de Novembro de 2007

**Missão do Jep AL**

- Qualificar os concluintes do ensino médio da **escola pública de Alagoas** em Internet e empreendedorismo, despertar nestes jovens o espírito criativo e empreendedor, ensinar a montar um plano de negócio e conduzir o seu próprio negócio. Aos alunos com melhores planos de negócio será, para a sua montagem, fornecido microcrédito através de agentes financeiros conveniados.
- Confira os depoimentos de estudantes e instrutores enviados por e-mail:

[Jep 2003 e Jep 2002](#)

**Notícias**

**Sucesso na premiação do JEP-AL 2006**

- O Teatro Gustavo Leite em Maceió foi agraciado na última segunda-feira com a premiação dos melhores alunos do JEP (Programa Jovem Empreendedor). O evento contou com a presença do idealizador do projeto, Aquiles Siqueira. [Saiba mais](#)

**Programa Jovem Empreendedor de Alagoas chega com sucesso na quinta edição**

Equipe JEP-AL

Conhecimento, interação e criatividade

digite o código do cartão para matrícula:

código:

entrar

digite o login e senha para entrar no curso:

Fig. 5 - Página do JEP-AL

Acessando a página do JEP-AL ([www.geranegocio.com.br/jepal](http://www.geranegocio.com.br/jepal)) é possível conhecer melhor sua proposta e seus objetivos. Lá se encontram depoimentos de alunos que participaram desse programa nos anos de 2002, 2003, 2004, 2005 e 2006 além de outros detalhes.

O JEP capacita gratuitamente os alunos do Ensino Médio, das escolas públicas participantes do programa, em Internet e Empreendedorismo. Os cursos são realizados em

paralelo com as aulas (em horários alternativos), a distância – via Internet – e são divididos por módulos.

De acordo com as informações disponíveis no Portal Geranegócio, a missão do JEP “é qualificar os concluintes do Ensino Médio da escola pública de Alagoas em Internet e Empreendedorismo. Despertar nestes jovens o espírito criativo e empreendedor, ensinar a montar um plano de negócio e conduzir o seu próprio negócio”. Aos alunos com melhores planos de negócios, será fornecido microcrédito através de agentes financeiros conveniados para montagem dos mesmos.

Em função do JEP, a Internet foi implantada em cinco escolas públicas estaduais – Moreira e Silva, Bom Conselho, Irene Garrido, Margarez Lacet, Pedro Teixeira – ainda em 2002, tendo atendido 211 alunos de seis escolas estaduais da capital. Esse fato, do número de escolas atendidas ser superior ao número de escolas participantes do programa ocorre porque estas escolas recebem todos os alunos interessados em ingressar no JEP, com a condição destes estarem matriculados no Ensino Médio da rede estadual de ensino.

### **4.3- O atendimento aos alunos**

Os cursos do JEP são oferecidos gratuitamente. Porém, nem sempre todos os alunos podem ser atendidos, pois a procura é relativamente grande e existem, de modo geral, poucos computadores nos laboratórios de informática. Esses, por sua vez, apresentam conexão com a Internet insatisfatória pela lentidão. Dado constatado nas conversas informais com os instrutores e queixa freqüente durante as reuniões entre a coordenação do Programa e os instrutores.

O número de alunos e de escolas participantes do JEP vem crescendo, gradualmente, a cada ano: em 2003 houve a ampliação para 12 escolas atendidas, com a inclusão dos municípios de Palmeira dos Índios e Viçosa, e a participação de 1.100 alunos; em 2004 o número de escolas subiu para 15 e a quantidade de 1.200 alunos atendidos; em 2005 foram qualificados 1.960 alunos e o número de escolas envolvidas passou para 23 escolas; em 2006, quinto ano de existência, houve a participação de 3.958 alunos de 38 escolas.

O JEP, em 2006, encontrava-se implantado em 32 escolas estaduais de Ensino Médio, atendendo alunos de 38 escolas nos seguintes municípios alagoanos: Maceió, Água Branca,

Arapiraca, Atalaia, Campestre, Matriz de Camaragibe, Palmeira dos Índios, Rio Largo, Santana do Ipanema, São José da Tapera, São Sebastião e União dos Palmares, Viçosa.

Em Maceió as Escolas Estaduais inseridas no JEP são: Nossa Senhora do Bom Conselho, Cincinato Pinto, Anaias de Lima, Alberto Torres, Aurelina Palmeira, Campos Teixeira, Pedro Teixeira Vasconcelos, Noel Nutels, Maria das Graças Teixeira, Benício de Barros Dantas, Fernandes Lima, Theotônio Vilela Brandão, Irene Garrido, Eunice de Lemos Campos, Professora Margarez Lacet, Alfredo Gaspar de Mendonça, Gilvania Ataíde, Geraldo Melo, Princesa Isabel, José Correia da Silva Titara (Instituto de Educação), Morteira e Silva, José Vitorino da Rocha, José da Silveira Camerino, Laura Dantas, além do INEPRO e do NTE (Maceió e Arapiraca).

Nas escolas estaduais participantes do programa, o aluno encontra no laboratório de informática, em horários pré-estabelecidos, computador disponível para fazer os cursos à distância, sendo assistido via Internet por especialistas em empreendedorismo e presencialmente por um instrutor. Apesar da formação oferecida pelo JEP ser realizada pela Internet, com a disponibilização de ferramentas síncronas e assíncronas, a ocorrência do atendimento online, tendo ainda a orientação de especialistas a distância.

A realização do curso nos laboratórios de informática das escolas e o auxílio presencial dos instrutores são fundamentais para que o programa ocorra de fato, pois em sua grande maioria o aluno da escola pública estadual não dispõe de computador e Internet, em ambientes que não sejam a escola ou uma *lan house*.

#### **4.4- A assistência dos instrutores**

A assistência do instrutor presencial é importante, dadas as condições de pouca familiaridade com o computador por parte de alguns dos alunos que compõem o público alvo do programa, além dos constantes problemas, como falhas no equipamento das escolas, por exemplo.

Os instrutores, na prática, têm assumido a tarefa de ajudar os alunos a realizarem os ajustes pessoais e sociais, para assim comporem bons e possíveis ambientes de aprendizado. Eles encarregam-se de: convocar os alunos para matriculem-se no JEP; mostrar aos alunos a importância do programa; motivar e ajudar os alunos a gerenciar seus cursos; providenciar o chamado da assistência técnica quando necessário; encaminhar questões técnicas; inteirar-se

com os atendentes do portal sobre eventuais falhas no programa; incentivar constantemente os alunos para levarem seus cursos ao término; orientar os alunos na realização de suas pesquisas para a montagem dos planos de negócios que são os pré-requisitos para a conclusão do JEP.

Essa situação da presença do instrutor e da realização do curso nos laboratórios das escolas – apesar dos alunos poderem realizar seus cursos em qualquer outro computador, em qualquer horário e em qualquer local – são atípicas na EAD. Mas beneficiam os alunos que não possuem acesso, tornando o JEP possível para eles.

Moore e Kearsley (2007) consideram que o crescimento da EAD implica importantes modificações na estrutura e na cultura das escolas e instituições que resolvam se envolver.

De acordo com Moran (2001), a comunicação presencial é fundamental. A presença física é essencial para orientar os alunos. Pois ao definir objetivos ou ao situar um assunto o olho no olho é indispensável. Porém a presença virtual cria uma interação mais livre no tempo e no espaço ao personalizar ritmos e estilos diferentes e integrar pessoas que estão distantes geograficamente. Na comunicação o contato virtual permite maior liberdade.

Desde a implantação do JEP são utilizados instrutores para atuarem presencialmente com os alunos pelos seguintes motivos:

- os alunos de modo geral não possuem computador e/ou conexão com a Internet em casa, realizam o curso no espaço escolar e precisam de ajuda para se familiarizarem com as ferramentas utilizadas, uma vez que muitos têm o primeiro contato com a informática no JEP. O instrutor auxilia nas dúvidas que possam surgir na utilização das ferramentas do curso;
- para a realização do curso são disponibilizados os laboratórios de informática das escolas, em horários alternativos. A maioria desses laboratórios está com máquinas antigas, há problemas de ordem técnica e a conexão é muito lenta. O instrutor contribui para que os eventuais problemas sejam contornados, chamando a assistência técnica quando necessário e auxiliando nos problemas relativos às dificuldades na seqüência do curso, orientando os alunos para a superação;
- a presença do instrutor no JEP funciona na organização das turmas, na cobrança presencial para evitar dispersões dos alunos do ensino médio, no apoio aos alunos para que não ocorra um grande número de evasão;

- os alunos concluintes do JEP sentem, em geral, muita dificuldade para realizar o trabalho de conclusão do curso, que é a elaboração de um plano de negócios, por isso contam com a orientação presencial de um instrutor.

Na figura 6, abaixo, uma instrutora do JEP junto com alunos no laboratório de informática da Escola Moreira e Silva:



Fig. 6- Instrutora do JEP e alunos

Alguns instrutores estão no programa desde a sua implantação. O instrutor presencial do JEP geralmente é um professor ou funcionário indicado pela direção da escola, pela Secretaria de Educação ou pela coordenação do JEP.

Todo instrutor passa por uma semana de formação para se familiarizar com o curso e todas as ferramentas disponíveis, recebendo o certificado de qualificação. A cada mudança no itinerário do curso, são realizadas reuniões e novos momentos de formação com os instrutores, para que possam atuar com segurança junto aos alunos.

As figuras 7 e 8 mostram instrutores, que ingressaram em 2006 no programa, durante a formação no NTE / CEPA:

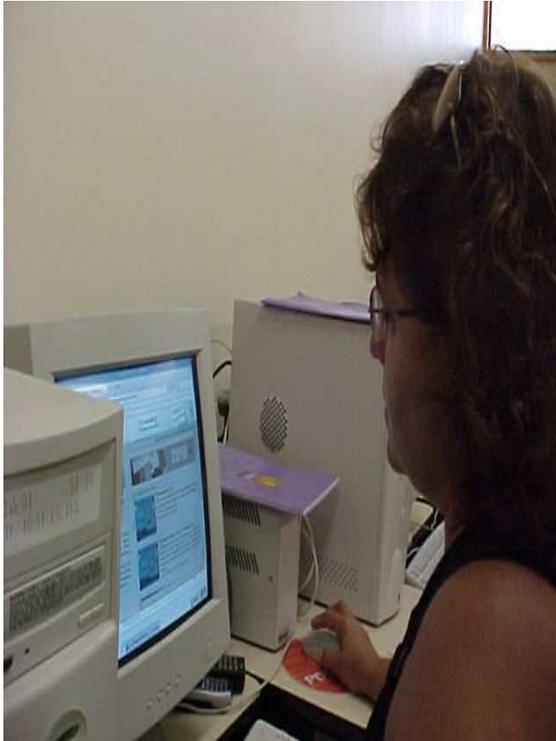


Fig. 7 – instrutora em treinamento

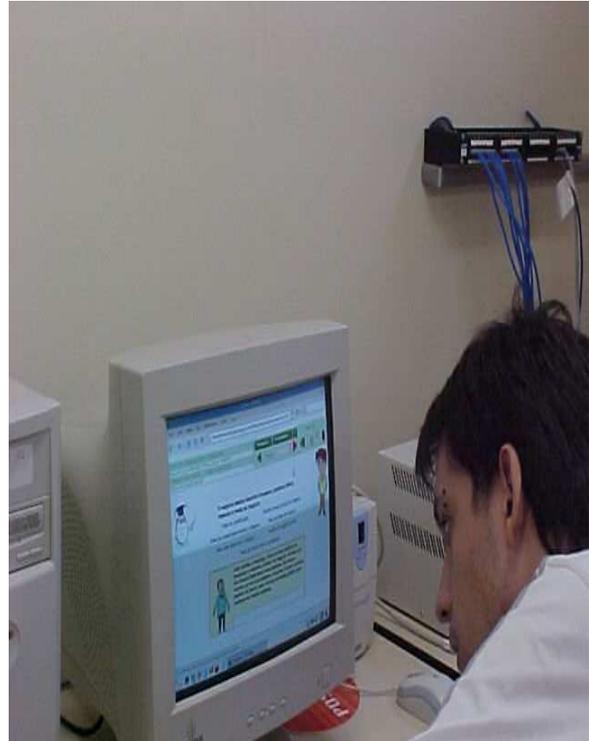


Fig. 8 - instrutor em treinamento

As formações para os instrutores ocorrem no NTE, em Maceió, com uma profissional encarregada da capacitação, enviada pelo Portal Geranegócio, que realiza as primeiras reuniões com os novos instrutores e integra-os ao grupo já formado dos anos anteriores. Além de apoiá-los nas dificuldades iniciais sentidas, até ocorrer uma familiarização com as ferramentas e ambientes utilizados no itinerário formativo do JEP. Em geral, as formações dos instrutores ocorrem no começo de cada ano letivo das escolas públicas – antes do início do JEP em cada escola.

Compartilhar o mesmo laboratório, no momento da formação, ajuda os instrutores a construir uma relação de proximidade que continua a ser exercitada, a distância, via e-mail e telefonemas.

#### **4.5- A inclusão virtual, o itinerário formativo e a aprendizagem no JEP**

Ao ingressar no programa JEP e realizar sua matrícula virtual, com a ajuda do instrutor, o aluno recebe uma apostila que serve como um guia de referência rápida e de apoio para quando não estiver conectado. Esse guia apresenta a organização e a estrutura do curso.

Segundo Moore e Kearsley (2007, p. 78), o guia em modo texto, deve ser amigável, encorajador e proporcionar apoio. Para os autores, “cursos que usam em grande escala vídeo ou outras tecnologias eletrônicas geralmente são criados tendo por base um guia do aluno e um guia do instrutor”.

Os únicos pré-requisitos para o ingresso no JEP são: ser aluno de escola pública e estar concluindo o Ensino Médio, além de possuir um endereço eletrônico – o que em geral é providenciado com o auxílio do instrutor no momento da inscrição.

É importante salientar que desde o momento que o aluno realiza sua matrícula e preenche a ficha de inscrição, via Internet, ele está realizando um exercício que tem contribuído para melhorar sua noção de informática e sua habilidade na digitação. Para alguns alunos essa foi a primeira experiência junto ao computador.

Um fato constatado, pelos instrutores, é o de que muitos alunos têm seu primeiro contato com o computador ao entrar para o JEP e, mesmo com várias dificuldades e maior lentidão que os demais alunos já usuários do computador, têm conseguido seguir adiante no curso, concluindo todos os módulos do itinerário formativo, adquirindo uma boa segurança no uso dos recursos dispostos na Internet.

Sempre são escolhidas, para ingressar no programa, as escolas que já possuem laboratório de informática. O ganho imediato para toda a escola e comunidade escolar é a conexão com a Internet. Pois, foi a partir da implantação do JEP que a Internet chegou às escolas estaduais de Alagoas. Algumas dessas escolas têm utilizado os recursos disponibilizados, desde então, para dinamizar a sua prática pedagógica.

O programa JEP segue a metodologia de itinerários formativos, com a organização do sistema de qualificação em módulos. Para realizar cada módulo do curso, o aluno recebe gratuitamente um cartão com senha. Ao raspar o cartão que lhe for fornecido e fazer a matrícula virtual ele inicia o processo formativo. Ao término de cada módulo, após sua aprovação, o aluno precisa de um novo cartão para iniciar a outra etapa. A aprovação ocorre após a aplicação de testes e jogos avaliativos.

O aluno realiza todas as etapas no seu próprio ritmo de aprendizagem em ambiente virtual, orientado pelo instrutor presencial e, a distância, por pessoas vinculadas ao Portal Geranegócio, especialistas em empreendedorismo e/ou de suporte técnico para eventuais dúvidas ou problemas que venham a ocorrer.

A possibilidade de cada aluno realizar o curso em seu próprio ritmo de aprendizagem é uma das principais vantagens do JEP. Outra é o fato de não haver necessidade de um domínio prévio do computador ou da Internet: qualquer pessoa pode fazer o curso, seguindo orientações operacionais muito simples, como acessar as teclas de avançar e retornar.

Os módulos interativos são implantados na plataforma de e-learning Aulanet, desenvolvido pela PUC-RJ. É possível, para os instrutores, realizar o monitoramento da evolução do aluno no processo de aprendizagem pela Internet, no site do geranegócio, observando: tempo em cada lição, controle de acesso e presença em sala de aula (plataforma), correção eletrônica das provas e boletim do aluno.

No processo de aprendizagem o aluno recebe apoio via Internet através dos seguintes recursos: atendimento online, vídeo conferência, banco de dados com as questões mais frequentes, e-mail, sala de bate-papo com instrutores, fóruns de discussão e mailing list.

Ao término de cada lição, é realizado um teste de avaliação sob a forma de jogos e questionários interativos. Uma boa performance no teste é a condição para avançar até a próxima lição. O histórico do aluno no curso vai sendo registrado a medida em que vai avançando.

Os cursos ofertados pelo Geranegócio, como o pacote de capacitação em Internet e Empreendedorismo oferecido pelo JEP, são desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar que leva de três semanas até três meses para a finalização e disponibilização de cada curso, tudo depende da quantidade de conteúdo e da complexidade dos recursos envolvidos.

Os módulos do itinerário formativo do JEP, no início, eram totalmente desenvolvidos em Flash. Esse recurso organizava o curso em uma seqüência de quadros. Porém, desde a sua implantação, o curso tem passado por reformulações.

As mudanças sofridas até agora visaram principalmente aumentar a agilidade, permitindo uma melhoria na navegabilidade entre os módulos do curso e tornando mais fácil trabalhar os conteúdos que constituem o itinerário formativo.

Através de análises funcionais, respaldadas por opiniões, sugestões e reclamações dos instrutores e alunos, o Geranegócio passou a desenvolver as etapas do curso utilizando também linguagens de programação como HTML, CSS, e Javascript, através da metodologia Tableless, além de continuar a utilizar o Flash.

Desse modo, adquiriu-se maior facilidade para a execução do curso, melhorias na acessibilidade, hipertextos e hiperlinks, melhores possibilidades para a aprendizagem no decorrer do processo formativo.

As alterações e melhorias realizadas nos cursos envolveram a participação dos instrutores presenciais, dando opiniões, relatando os principais problemas sentidos nos laboratórios de informática de suas respectivas escolas e as dificuldades sentidas pelos alunos. Isso ocorre em reuniões realizadas com os instrutores, sempre que se faz necessário, em geral bimestralmente ou semestralmente, desde o início do programa.

O contato com a coordenação do JEP em Alagoas e com os responsáveis pelo Portal Geranegócio no Rio de Janeiro também é uma constante e isso é feito semanalmente ou diariamente via atendimento online, e-mail e/ou telefone sempre que surge algum problema ou dificuldade.

A troca de idéias e experiências entre os instrutores tem sido muito importante, pois são compartilhadas dúvidas, problemas e eventuais soluções. Portanto, essa interação deveria ser ainda mais freqüente. Ela sempre acontece quando surgem problemas técnicos e é preciso verificar o que está ocorrendo nas outras escolas, obter informações e/ou aconselhamentos.

Os laboratórios de informática das escolas participantes estão ligados por linha telefônica. Isso seria um fator facilitador para a comunicação, mas a maioria dos aparelhos ou linhas tem apresentado defeitos, muitas vezes não solucionados rapidamente.

É importante observar que o JEP não começa ao mesmo tempo em todas as escolas participantes, por que ocorrem problemas diversificados em cada unidade de ensino, cada laboratório de informática possui suas particularidades, então a evolução ocorre de forma diferenciada.

O pacote de capacitação oferecido pelo JEP foi criado para dar noções de tecnologia e empreendedorismo. Os cursos são oferecidos em 5 módulos formativos, que os alunos costumam chamar de etapas: Internet, Empreendedorismo, Navegando no Mundo dos Negócios, Plano de Negócios e Elaborando um Plano de Negócios. Cumprindo todas as etapas do curso o aluno recebe um certificado de conclusão.

Em cada módulo do itinerário formativo o aluno encontra informações e conteúdos em linguagem acessível ao seu nível de escolaridade. Resumidamente, o que consta em cada módulo, pode ser assim descrito:

- **Internet** – no módulo são fornecidas informações ao aluno, em lições interativas, para que ele possa utilizar a web: mundo virtual, o primeiro acesso,

ferramentas de navegação, como fazer busca de conteúdo na Internet, como fazer downloads, como enviar e-mail. Os alunos dispõem de várias páginas de leitura e de exercícios, utilizando hiperlinks para acessar sites e criar seu e-mail, além de aprender a realizar pesquisas em sites de busca, a navegar com desenvoltura na rede. A fig. 9 exemplifica duas páginas desse módulo:



Fig. 9 – Páginas do módulo Internet

- **Empreendedorismo** – o módulo tem como objetivo despertar o interesse do aluno para novos horizontes, incentivando-o a desenvolver sua criatividade empreendedora. O aluno tem a oportunidade de conhecer ferramentas importantes que ajudarão na concretização de algum projeto futuro. Alguns dos assuntos abordados são: Internet voltada para o empreendedorismo, conhecendo as micro e pequenas empresas, ambiente externo, ambiente interno, marketing, vendas, associativismo, descobrindo o preço de venda, tocando o negócio no dia-a-dia. Os alunos passam por várias páginas de leitura, exercício e jogos para memorização. Um exemplo de páginas do módulo Empreendedorismo na fig. 10:



Fig. 10 – Páginas do módulo Empreendedorismo

- **Navegando no Mundo dos Negócios** – nesse módulo o aluno tem acesso a todo o conteúdo do Portal Geranegócio. Ele é conduzido a esmiuçar vários aspectos e conhecer os recursos disponíveis que poderão auxiliá-lo na construção de um projeto ou no gerenciamento de um negócio. São passadas informações sobre diversas práticas empresariais e tipos de negócios, tais como: cooperativas, clusters, negócio em casa, telenegócio. O aluno pode também fazer uma consulta para achar algum perfil de negócio de sua preferência. Exemplo de páginas do módulo Navegando no Mundo dos Negócios, na fig. 11:

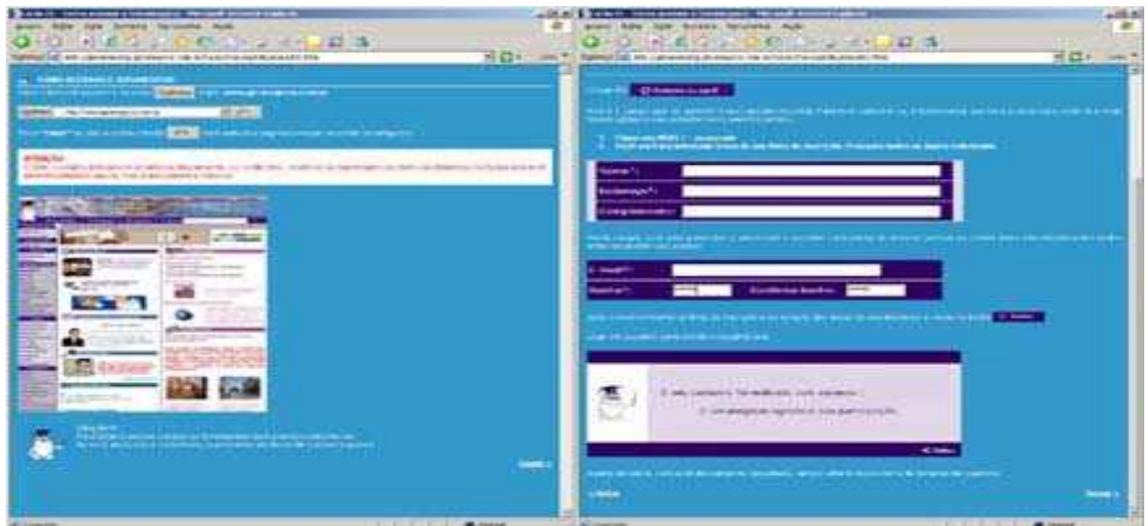


Fig. 11 – Páginas do módulo Navegando no Mundo dos Negócios

- **Plano de negócios** - o aluno conhece nesse módulo os procedimentos necessários para montar um plano de negócio, acompanhando o passo a passo do processo e tendo como conteúdo as lições: o que é um plano de negócio; por que fazer um plano de negócios; o empreendedor de sucesso; qual tipo de negócio você pretende montar; como fazer um plano de negócios. Na fig. 12, exemplo de páginas do módulo Plano de Negócio:



Fig. 12 – Páginas do módulo Plano de Negócios

- **Elaborando Plano de Negócio** – concluindo satisfatoriamente o módulo Plano de Negócio, o aluno terá acesso a uma ferramenta, via Internet, que possibilita a elaboração do seu Plano de Negócio e que pode ser acessado, impresso e corrigido a partir de qualquer computador, desde que inserida a senha adequada. Este recurso possibilitará que todos os Planos de Negócio elaborados pelos alunos sejam corrigidos por uma rede de especialistas contratados, espalhados pelo Brasil. O objetivo é colocar em prática o que o aluno aprendeu sobre plano de negócios, usando para isso uma ferramenta onde o aluno irá construir o seu próprio plano. A ferramenta apresenta oito itens para preenchimento. Após a finalização do plano, o sistema calcula automaticamente um demonstrativo, dando uma projeção sobre a sua viabilidade, com informações como: saldo mensal, tempo de retorno e receita

mensal. Exemplo de páginas do módulo Elaborando Plano de Negócio – o preenchimento passo a passo do Plano pelo aluno, na fig. 13:



Fig. 13 – Páginas do módulo Elaborando o Plano de Negócios

Em cada módulo, o aluno faz exercícios interativos com movimentação de imagens e visualização de conteúdos da Internet. Ao final de cada lição o aluno realiza os testes de avaliação que têm o formato de múltipla escolha (jogos e questionários), nos quais são oportunizadas três chances para a realização.

Como ao finalizar o módulo, satisfatoriamente, o aluno obtém um certificado virtual de aprovação além do certificado final fornecido pela Secretaria Executiva de Educação de Alagoas no encerramento anual, quando a aprovação não ocorre após as 3 tentativas, ele fica sem a qualificação naquela etapa e precisa de autorização, obtida geralmente através do atendimento online do portal, para a continuação dos outros módulos. Em alguns casos, como falhas detectadas na conexão (que ocorrem frequentemente), são concedidas novas oportunidades para a realização da avaliação.

Durante o curso de empreendedorismo e no curso de elaboração do Plano de Negócios, os alunos vivenciam situações de aprendizagem que despertam a sua curiosidade, mobilizando-os à investigação, à produção de conhecimento e novas aprendizagens. Através da elaboração do plano de negócios, os alunos além de dominar conhecimentos da área do empreendedorismo, podem produzir e organizar o conhecimento.

Na figura 14 é possível observar o início de um Plano de Negócio, elaborado por um aluno da Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho em 2005, utilizando conhecimentos adquiridos na disciplina de Física, sobre a fabricação caseira de telescópios. Esse plano de negócio está disponível no Portal Geranegócio, junto com outros planos elaborados, corrigidos e selecionados para premiação ([www.geranegocio.com.br/jepal](http://www.geranegocio.com.br/jepal)).

PLANO DE NEGÓCIOS	
Nome do Negócio:	ALUADOS TELESCÓPIOS
Dados Pessoais :	<b>Nome:</b> WILLIAM CARLOS MARINHO FERREIRA <b>Sexo:</b> M <b>Nascimento:</b> 06/05/1987 <b>Endereço:</b> AV.Denilma Bulhões Nº69 <b>Complemento:</b> Tabuleiro dos Martins <b>Telefone:</b> 2415394 <b>Contato:</b> <b>Escola/Turma:</b> Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho/Daniela <b>Professor:</b> Daniela Ribeiro de Bulhões Jobim
Data de preenchimento do Plano:	4/6/2005 14:55:00
Atividade:	PRETENDO CONSTRUIR E MONTAR TELESCÓPIOS PARA REVENDER A PESSOAS INTERESSADAS EM ASTRONOMIA, ALÉM DE REALIZAR CONSERTOS EM EQUIPAMENTOS AVARIADOS. BUSCANDO ATENDER A UM ESPAÇO QUE VEM SE EXPANDINDO NO MERCADO, QUE É O DE INICIANTES EM ASTRONOMIA COM POUCO CAPITAL PARA ADQUIRIR OS CAROS EQUIPAMENTOS DISPONÍVEIS NAS LOJAS ESPECIALIZADAS. ME INTERESSEI POR ESSE NEGÓCIO AO REALIZAR UM TRABALHO ORIENTADO PELO PROFESSOR DE FÍSICA, JUNTO COM OUTROS COLEGAS, ONDE APRENDEMOS A TÉCNICA DA CONSTRUÇÃO, OS MATERIAIS EMPREGADOS E O MANEJO DO EQUIPAMENTO. PORTANTO, É UMA ATIVIDADE QUE DOMINO E QUE ME PROPORCIONA PRAZER, POIS PODEREI INCENTIVAR O CRESCIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA ASTRONOMIA AMADORA DENTRO DO ESTADO DE ALAGOAS.
Comentário:	<b>MUITO BEM... DESCREVEU BEM ESSE TÓPICO.</b>
Produtos:	A ALUADOS TELESCÓPIOS OFERECERÁ OS SERVIÇOS DE CONSERTOS EM TELESCÓPIOS. ALÉM DE MONTAR UMA LINHA DE FABRICAÇÃO DE TELESCÓPIOS, A PARTIR DE MATERIAIS ADQUIRIDOS PRONTOS E DISPONÍVEIS NO MERCADO COMO: OCULARES, ESPELHOS, TUBOS, ETC. DESSE MODO, O TRABALHO SE LIMITARÁ A MONTAGEM DE TELESCÓPIOS, COM O NOSSO LOGOTIPO. OFERECEREMOS TELESCÓPIOS ACESSÍVEIS AOS INICIANTES DA ASTRONOMIA, BEM COMO TELESCÓPIOS MAIS POTENTES PARA PESSOAS JÁ INICIADAS NA ASTRONOMIA AMADORA. NO INÍCIO ATENDEREMOS UNICAMENTE ENCOMENDAS. MEUS PRODUTOS SERÃO DE UM PREÇO ACESSÍVEL PARA PESSOAS QUE NÃO PODERIAM DISPOR DOS CAROS EQUIPAMENTOS ENCONTRADOS NAS LOJAS.
Comentário:	<b>MUITO BEM TÓPICO CERTO.</b>

Fig. 14 – Introdução de um Plano de Negócio elaborado por aluno do JEP

Para Moran (2001), a motivação dos alunos aumenta, “se são estimulados a produzir algo concreto, algo que pode ser apresentado”. No caso do JEP, o plano de negócios,

idealizado e elaborado por ele é enviado e submetido à avaliação de especialistas, podendo ser posteriormente disponibilizado no Portal Geranegócio.

A elaboração do plano de negócios estimula e amedronta os alunos ao mesmo tempo, mas é um desafio a ser vencido. É a superação da preguiça, da falta de tempo, das dificuldades na busca por informações sobre o negócio a ser projetado. É um exercício de reflexão.

#### **4.6- Premiação e incentivos aos alunos**

No JEP, todo ano, desde a sua primeira edição, ocorre um processo de seleção dos melhores planos de negócios elaborados pelos alunos. A avaliação é realizada por especialistas de diferentes localidades do país. Após a seleção são escolhidos os planos finalistas, onde os autores recebem medalhas e podem depois, em alguns casos, obter a liberação do crédito necessário para a abertura da microempresa, essa liberação de crédito precisa passar pelo aval de instituições financeiras. No ano de 2006, dos 2.847 planos enviados para o processo seletivo, foram selecionados 352 entre os desenvolvidos individualmente ou em grupo.

A partir de 2005, numa parceria entre o JEP e o SEBRAE, foram oferecidas 32 vagas aos alunos selecionados, participantes do JEP 2004, para a realização de um curso gratuito avançado voltado para o empreendedorismo empresarial. Em 2006 foram oferecidas 90 vagas para os participantes do JEP 2005. No curso oferecido pelo SEBRAE os alunos do JEP podem aprofundar seus conhecimentos na área de empreendedorismo, melhorar seus planos de negócio e aumentar suas chances para a obtenção de microcrédito em instituições financeiras conveniadas.

A orientação, durante o JEP, é para a criação de microempresas que representem riscos calculados e custos reduzidos, sendo este um critério utilizado na avaliação dos planos produzidos. A criatividade na elaboração dos planos, outro dos critérios utilizados na avaliação e seleção, surpreende em muitos casos. Têm sido apresentados planos de negócios que empolgam os instrutores, a coordenação do curso e os especialistas do geranegócio pela originalidade, cuidado e brilhantismo na sua produção.

Como exemplo dos planos de negócios elaborados pelos alunos, para um referencial sobre a diversidade das áreas escolhidas e a criatividade que envolve as produções dos alunos de diferentes municípios alagoanos, pode-se citar os seis primeiros colocados do JEP de 2005:

- André Francisco Lucena, da Escola Estadual Moreira e Silva (Maceió), que desenvolveu o plano de negócios intitulado “Delícias da Fazenda” – baseado no negócio do pai do aluno que trabalha na produção de leite e derivados;
- Marcos Roberto Lima, aluno do laboratório de informática do Inepro (CEPA - Maceió), com o plano de negócios “Kangimas” – voltado para a produção e comercialização de camisas de quadrinhos japoneses;
- Leandro Eraldo dos Santos, aluno da Escola Estadual Senador Rui Palmeira (Arapiraca), com o projeto “Escola de música Leo & Cia” idealizou um curso voltado para o ensino de diversos instrumentos musicais;
- Willian Carlos Marinho, da Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho (Maceió), com o projeto “Aluados Telescópios” – para construção de telescópios sob encomenda, desenvolvido a partir dos conhecimentos adquiridos pelo aluno na disciplina de Física;
- Silvana Palmeira dos Santos, da Escola Estadual Campos Teixeira (Maceió), recebeu o prêmio pelo plano de negócios “Filé de Alagoas” – projetando uma loja de artesanato;
- Wilker Leite Timóteo, aluno da Escola Estadual Humberto Mendes (Palmeira dos Índios), que elaborou o projeto “Info Solution” – para a prestação de serviços com manutenção de computadores.

Em depoimento para o Portal Geranegócio, André Francisco declarou: “o curso foi muito bom para eu aprender a planejar e desenvolver o meu negócio com mais segurança, estou muito feliz com o prêmio”. O aluno já trabalhava com o pai e decidiu investir o prêmio recebido na compra de alguns equipamentos para ajudar a aumentar a produção na propriedade rural.

Isso vem a convergir com o pensamento de Fillion (1999, p.19), que considera o empreendedor uma pessoa criativa, “marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios”. Para ele, o empreendedor, ao continuar aprendendo,

estando aberto às inovações, atento às possíveis oportunidades de negócios e tomando decisões moderadamente arriscadas, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

A premiação oferecida empolga os alunos, mas nem sempre é utilizada por quem é contemplado para dar início aos negócios planejados. Mesmo quando estes necessitam de pequenos investimentos para sua implantação. Entre os planos de negócios selecionados são premiados seis, considerados como os melhores, como um incentivo simbólico para cada aluno premiado dar início a micro empresa por ele idealizada. Os prêmios, em dinheiro, são de R\$ 3.000,00 para o 1º lugar; R\$ 2.000,00 para o 2º lugar; R\$ 1.000,00 para o 3º lugar e R\$ 500,00 para os 4º, 5º e 6º lugares respectivamente. Esses valores permanecem os mesmos desde 2002, quando o Programa foi implantado.

Deve ser observado que no encerramento do JEP, desde sua primeira edição, é realizada a festa de encerramento, com a entrega de certificados para os alunos concluintes, medalhas para os planos selecionados entre os melhores e a premiação para os 6 melhores planos. Na foto, do encerramento do JEP 2004, momento da entrega de medalhas, cheques e certificados aos alunos que elaboraram os melhores planos:



Fig. 15 – festa do encerramento do JEP-AL 2004

#### **4.7- Dificuldades encontradas e a interatividade no JEP**

Apesar de um bom número de planos criativos e bem estruturados, a elaboração do plano de negócios ainda é citada, pela maioria dos cursistas, como a maior dificuldade encontrada durante o processo formativo. Especialmente porque elaborar um bom plano ou projeto de negócio exige a realização de uma pesquisa cuidadosa. Sem um estudo aprofundado sobre o negócio escolhido não é possível preencher os quadros com todos os dados exigidos no módulo Elaborando o Plano de Negócios. Torna-se mais fácil para quem tem um conhecimento prévio sobre o negócio a ser planejado, por já trabalhar na área ou ter alguém da família nesse tipo de atividade.

Dornelas (2007) considera o plano de negócio a principal ferramenta de gestão do empreendedor. Mas, alerta sobre o fato de que: “muito se fala a respeito deste documento nos dias atuais, mas poucos empreendedores sabem como elaborar um e por que o plano de negócios pode definir o sucesso ou fracasso de um negócio”. O autor afirma que o plano de negócio não se aplica apenas aos negócios em fase inicial de desenvolvimento, devendo ser utilizado pelas empresas, em todos os estágios.

A palavra plano de negócios remete ao termo “planejamento”. O que viria a ser o mesmo que estudar o negócio e os cenários possíveis para seu futuro. Não se trata de adivinhar o futuro, mas de tentar antecipá-lo, procurando prever os possíveis caminhos para o crescimento da empresa. (DORNELAS, 2007)

Outra dificuldade sentida pelos alunos é a própria produção do texto, pois em geral estes não têm o hábito de escrever, ler ou pesquisar. Muitos projetos apresentados contêm erros ortográficos não aceitáveis para alunos do Ensino Médio. A ajuda do instrutor para uma revisão no texto, antes de enviar o plano para a correção e avaliação, é requisitada com frequência.

Ao estimular a pesquisa, a leitura e a escrita durante a elaboração do Plano de Negócios, etapa obrigatória para a conclusão e certificação no curso, o programa contribui para que o aluno conquiste habilidades que o ajudarão no desempenho de suas produções textuais. Ele precisa exercitar a leitura e a compreensão de textos, precisa relacionar informações, deve procurar elaborar um plano com clareza para que possa ser corrigido e aprovado. Portanto, o cursista do JEP desenvolve competências no decorrer do seu processo formativo.

O plano de negócios pode envolver empreendimentos no campo da prestação de serviços, do comércio ou da indústria. Os chamados “negócios em casa”, que podem ser instalados na própria residência dos alunos, são a opção mais utilizada no item que se refere à instalação do negócio escolhido.

Em alguns casos, os alunos montam seu plano em conjunto, porém isso sempre vem ocorrendo entre colegas da mesma escola. Os horizontes desses alunos poderiam ser ampliados com uma maior interatividade, com trocas de experiência entre alunos de diferentes escolas e municípios, num maior aproveitamento dos recursos disponíveis no portal Geranegócio e nos próprios módulos do JEP. A interação entre o aluno e o seu instrutor ocorre, na maioria dos casos, presencialmente no horário agendado para o curso.

Isso acontece principalmente pelo fato de muitos alunos, a maioria, não possuírem computador. Então o curso ocorre geralmente no laboratório da escola, apesar de poder ser acessado de qualquer lugar que possua uma conexão com a Internet. Alguns alunos fazem parte do curso nos seu local de trabalho ou em outro local em que tenham acesso à rede, mas são poucos. O e-mail e o telefone são as outras formas mais utilizadas para eventuais comunicações.

Trabalhando mais com a troca entre os alunos das diferentes escolas, com a promoção de uma maior interação, certamente seriam proporcionadas experiências de aprendizagem riquíssimas. Assim, se poderia trabalhar na perspectiva da formação de uma comunidade virtual de aprendizagem, o que seria ideal em qualquer forma de EAD.

Alguns alunos e instrutores utilizam recursos, além dos existentes no Portal Geranegócio, como o MSN e o Orkut. Entretanto, há um certo isolamento virtual no estudo dos conteúdos, com a ocorrência de uma interação presencial no próprio laboratório de informática. As comunicações via e-mail e chat são habituais, mas com os colegas da própria escola e em geral não tratam sobre o JEP ou os conteúdos estudados. Desse modo, o JEP não funciona efetivamente como uma comunidade virtual de aprendizagem, apesar de possuir elementos e ferramentas para que isso ocorra.

Verificam-se apenas alguns casos isolados, de alunos, que buscam aprofundamento e disponibilizam um maior tempo para a realização do curso, aproveitando os instrumentos de comunicação existentes no Geranegócio para compartilhar idéias e conhecimentos com outros usuários do portal interessados no mundo dos negócios ou em empreendedorismo.

É importante enfatizar que a assistência online aos alunos é constante no curso, pois as dúvidas podem ser esclarecidas através da ferramenta Ger@tendimento. Também estão

disponíveis outras ferramentas assíncronas que podem auxiliar a comunicação. Entretanto, é uma comunicação entre cursistas e especialistas da área do empreendedorismo.

No caso dos instrutores a interação e as trocas de experiências são constantes, nas já citadas reuniões presenciais periódicas e por e-mail. Porém, os bate-papos agendados, de modo geral, não têm ampla participação em função dos diferentes horários e compromissos dos instrutores, que possuem outras ocupações na área da educação.

Então, pode-se afirmar que o JEP-AL dispõe de todos os instrumentos para a formação de uma verdadeira comunidade de aprendizagem. Mas essa comunidade de aprendizagem ainda não existe efetivamente. Na EAD, a existência de uma comunidade virtual de aprendizagem é um indicador de qualidade, é a forma ideal de se estruturar o ambiente de aprendizagem.

Estão disponibilizados os recursos de comunicação necessários, síncronos e assíncronos, para uma efetiva interação de todos com todos no JEP. Com uma maior interação entre aluno-aluno, aluno-instrutor e instrutor-instrutor de 38 escolas e 13 diferentes municípios alagoanos ou mesmo com alunos do JEP de outros Estados como Rio Grande do Norte e Ceará, poderão constituir-se, a cada ano, grupos colaborativos de aprendizagem com interesses comuns.

O estabelecimento de comunidades de aprendizagem, dentro dos processos de formação, não tem sido fácil, mas é preciso reconhecer que as comunidades virtuais de aprendizagem são espaços onde a formação é enriquecida, que permitem a promoção da solidariedade, integração e respeito aos diversos pontos de vista de um mesmo problema, permitindo não somente formar e atualizar nos aspectos teóricos, como também na prática. Sua continuidade é interessante já que é um mecanismo de formação permanente que permite a descoberta das necessidades e dos problemas de seus integrantes originados em suas práticas, bem como a busca por soluções (HERNÁNDEZ e DÍAZ, 2005).

O aluno, dentro de uma comunidade de aprendizagem, precisa desenvolver habilidades que o ajude a trabalhar colaborativamente com os seus colegas, como: saber buscar, usar e socializar a informação; saber classificar, discriminar, selecionar e recuperar essa informação; colaborar com projetos. Isso vem sendo possibilitado durante o itinerário formativo dos cursistas do JEP.

Nas observações realizadas foram detectadas as principais dificuldades sentidas no JEP – tanto por alunos como por instrutores:

- **Equipamentos danificados** – os computadores de algumas escolas já têm um bom tempo de uso. Também ocorrem problemas com a quebra constante das máquinas e o sucateamento das mesmas. Pode ser citado como exemplo o laboratório da Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho que é bastante utilizado pelos alunos da escola: deveria ter 4 aparelhos de ar condicionado, mas possui apenas 2, sendo que somente 1 está funcionando bem e dos 21 computadores, apenas 13 funcionam (com conexão muito lenta), pois as máquinas estão velhas pelo desgaste e tempo de uso, chegaram à escola em 1999;
- **Navegação na Internet** – a lentidão da navegação na Internet é sentida por todos, mesmo com as tentativas de melhoria, com a introdução do Velox, por exemplo. Essa é uma reclamação recorrente nas reuniões periódicas realizadas com os instrutores;
- **Dispersão dos alunos** – é freqüente a dispersão dos alunos, com constantes entradas no Orkut, no MSN, em salas de bate-papo; ocorrendo um desvio na concentração e no foco do curso, em decorrência há a perda de tempo. Este ponto também sempre é discutido nas reuniões e nas conversas informais entre os instrutores, também sendo comprovado durante a pesquisa na observação participante;
- **Problemas de acesso às escolas e aos laboratórios de informática nos horários e datas reservados ao curso** – com a ocorrência freqüente de eventos na escola, especialmente aos sábados, que impedem a realização do curso em vários dias do ano. Esse problema foi principalmente detectado durante a observação participante e anotado no diário de campo. Em alguns momentos houve impedimento de acesso à escola por parte dos alunos e da instrutora nos momentos em que o prédio da instituição estava ocupado nos sábados (emprestado para a realização de encontros ou festas da paróquia local) ou ausência do vigia em alguns dias feriados;
- **Desistência e/ou evasão dos alunos** – faz parte da realidade desses alunos do Ensino Médio a preocupação com o vestibular e/ou PSS. A evasão também é motivada por outros fatores como a necessidade de trabalhar, especialmente em serviços temporários obtidos no comércio no final do ano ou em outras datas

festivas. Esse problema é sentido por vários instrutores, um dado anotado em conversas informais e durante a observação participante, percebendo-se a grande quantidade de alunos que conseguem empregos temporários no comércio de Maceió no período do final de ano.

O diário de campo foi um importante instrumento durante as observações participantes, algumas das anotações realizadas em 2004 e 2005, demonstram as dificuldades pelas quais passam os instrutores do JEP:

Grandes dificuldades: evasão, máquinas lentas, problemas na configuração dos computadores. O laboratório está com inúmeros problemas (instalação elétrica, máquinas quebradas, conexão lenta). Dos 21 computadores que temos no laboratório, apenas 11 estão conectando satisfatoriamente, mas a navegação é lenta. (...) Os alunos do turno noturno vêm apresentando maior dificuldade para elaborar seus planos de negócios e alegam falta de tempo (13/11/2004 - Sábado, 15h.).

Só compareceram seis alunos. Apenas 8 computadores estavam com uma conexão viável. Chamar técnicos com urgência. Espero que não demorem tanto (16/04/05 - Sábado, 16h30min).

Apenas três alunos compareceram. Explicação: apesar de se comprometerem em iniciar o curso os alunos do turno noturno têm dificuldade em acordar para comparecer ao curso as 7h da manhã. Estratégia para superar o problema: iniciar mais tarde, as 8h (20/07/2005 - Quarta-feira, 10h).

Os alunos do matutino estão demorando muito para finalizar seus planos de negócios, atrasando o início de novas turmas. Acredito que estão fazendo propositadamente para prolongar o período de estada no laboratório. Também têm se desviado das atividades, se dispersando para outros sites e realizar bate-papos) (01/08/2005 - Segunda-feira, 20h30min).

O laboratório de informática da Escola Estadual Nossa Senhora do Bom Conselho foi um dos primeiros a serem montados, entre as escolas da rede estadual. Chegou por volta do ano letivo de 1999. O prédio da escola é bastante antigo e apresenta diversos problemas, como: graves infiltrações nos períodos de chuva e danos nas instalações elétricas, com o laboratório sendo interditado durante um período pelos técnicos do NTE, até que os problemas da rede elétrica fossem solucionados, pois havia risco de curto circuito, choques elétricos e perda de aparelhos.

Com apenas algumas máquinas funcionando sempre foi difícil atender a todos os alunos interessados. Mesmo que todos os computadores estivessem em condições de uso e com a conexão funcionando, apesar da lentidão, não é possível atender a todos durante o ano letivo, pois o JEP é trabalhado em horários pré-estabelecidos, num acordo com a direção e coordenação da escola uma vez que o laboratório é utilizado em atividades pedagógicas pelos professores dos três turnos. Isso é observado na escola Nossa Senhora do Bom Conselho, mas também abordado por outros instrutores em conversas informais.

Segundo Martínez (2004, p.101) muitas escolas não dispõem de espaços adequados para montar laboratórios de informática:

As escolas nem sempre contam com espaços próprios para a instalação de laboratórios de computação ou salas multimídia, por isso algumas vezes é necessário investir na habilitação de espaços já existentes ou na construção de novos. Ao desenvolver essa tarefa, recomendamos levar em consideração o custo do aparelhamento, dos espaços, verificar a disponibilidade de energia elétrica ou fontes alternativas, assegurar a ventilação necessária (ar - condicionado, desumidificador, ventiladores) e, por último, tomar as medidas necessárias para a proteção dos equipamentos.

Todo ano ocorre, entre os instrutores, uma corrida contra o tempo para realizar a formação dos alunos, porque é estabelecida uma meta pela coordenação do JEP para cada escola com base na proporção entre o tempo, o número de computadores e a quantidade de alunos. Mas, alguns problemas atrapalham o cumprimento das metas. Os problemas técnicos e a lentidão na conexão são motivos de queixas frequentes dos instrutores nas reuniões. Também há demora no atendimento da assistência técnica e equipamentos defasados. A quantidade de técnicos é pequena para dar conta de todos os laboratórios.

#### **4.8- Depoimentos de instrutores e alunos**

Muitos outros problemas acontecem, mas os aspectos positivos se destacam e renovam o ânimo de instrutores e alunos. Uma das instrutoras do JEP, presente desde sua implantação, dá o seguinte depoimento sobre o programa:

O JEP só trouxe coisas boas, principalmente para os alunos que sabem aproveitar bem as oportunidades que surgem. Muitos já ajudam os pais em alguma atividade, agora com o curso passaram a se interessar mais e até

repassam para eles o que aprenderam. Outro resultado importante é que o curso desperta no aluno o espírito empreendedor e daí surgem grandes idéias e muita criatividade, e também a emoção do aluno premiado e a felicidade do instrutor desse jovem (Instrutora 1).

Outra instrutora enfatiza que:

Alunos que nunca pegaram em um *mouse* estão superando expectativas. Eles próprios se surpreendem com sua evolução e superação. Eles vêem que são capazes (Instrutora 2).

Os alunos do JEP possuem diferenciados perfis: alunas do turno noturno que são donas de casa, pessoas que já possuem experiência com pequenos negócios formais ou informais, trabalhadores do comércio, desempregados, adolescentes alunos do turno diurno que estão, em sua maioria, buscando o primeiro emprego e/ou preocupados em ingressar na universidade, conscientes das dificuldades que enfrentarão concorrendo com os alunos das escolas particulares. Pois, é um fato concreto o baixo índice de aprovação do aluno oriundo da escola pública, mesmo com as políticas de ações afirmativas adotadas (como o sistema de cotas). Assim como é fato o quadro histórico de abandono ao qual a educação pública tem sido submetida.

De acordo com Bueno (2005, p.179), existem barreiras cada vez mais transparentes, porém muito poderosas, impedindo a concretização da construção de uma escola de qualidade para os jovens negativamente desiguais e excluídos, nessa sociedade “desigual e multifacetada, profundamente impregnada por valores que reforçam a inclusão dos já incluídos”.

Nos depoimentos dos alunos do JEP, vários demonstram gratidão pela oportunidade recebida e/ou grandes expectativas sobre o ingresso no mercado de trabalho, como se observa nos exemplos seguintes:

Esse projeto proporciona ao aluno da escola pública de Alagoas não só o interesse pelo empreendedorismo, mas também o despertar para o mundo, usando a tecnologia e fornecendo aos jovens de Alagoas um novo e moderno sistema de educação, gerando profissionais capacitados para o futuro do nosso Estado (Aluno 1).

O JEP abriu para mim um novo mundo ainda não explorado por falta de acesso a determinados recursos que não dispunha. Esse curso me proporcionou uma melhor formação profissional e social, colocando-me em

contato com informações necessárias para uma melhor integração ao mercado de trabalho que exige cada vez maior aperfeiçoamento. Agradeço a todos os que cooperaram para este projeto que me ajudou e com certeza ajudará a muitos outros (Aluno 2).

O JEP foi de suma importância para mim, tanto no aspecto profissional como no pessoal, pois me deu a perspectiva de ingressar no mercado de trabalho e de me familiarizar com o computador. Apóio a iniciativa do governo do estado em se preocupar com os estudantes que estão concluindo e que, na maioria das vezes, não têm perspectiva de ingressar no mercado de trabalho, pois não estão preparados para enfrentá-lo (Aluno 3).

Espero adquirir conhecimento sobre o que preciso para entrar no campo do micro-negócio. Pretendo absorver o máximo de informações possíveis para montar um plano de negócios. Meu maior objetivo é futuramente poder administrar um negócio meu e fazer com que esse negócio cresça cada vez mais (Aluno 4).

Estou achando ótimo esse curso. Também estou grato pela grande oportunidade que me foi dada como aluno da rede pública de ser empreendedor de um pequeno negócio e de estar mais preparado para o mercado de trabalho. Com certeza as informações, as dicas e os conhecimentos serão de grande utilidade na vida (Aluno 5).

É um curso que está de parabéns. Seus organizadores e colaboradores fizeram com que chegasse até nós, alunos da rede pública, uma oportunidade de ampliar nossos conhecimentos. Com o Geranegócio aprendi que existem inúmeras maneiras e meios para alcançar sucesso em empreendimentos. O curso tem uma forma prática de ensino, o que ajuda no desenvolvimento do seu objetivo, que é fazer com que cada aluno exponha as suas idéias de negócios. Nossa instrutora mostrou estar preparada, a sua ajuda foi de grande importância para o término desse curso (Aluno 6).

Bom, eu adorei essa iniciativa de dar chances para as pessoas poderem abrir o seu próprio negócio. Sei também o quanto é difícil começar e manter o mesmo. E é exatamente o que eu quero adquirir desse curso. Como manter o meu empreendimento? Saber superar as dificuldades, escolher o melhor local para atuar com o meu investimento... Desse curso eu só espero o melhor! E sei que poderei colocar para fora, o meu brilhante talento (Aluno 7).

Alguns alunos do JEP demonstram em seus depoimentos ter clareza sobre a importância de uma formação consistente e da necessidade da inclusão digital. Como se pode observar nas palavras dos Alunos 8 e 9:

Participar deste projeto está sendo de grande importância para mim. Ele aproxima os alunos da tecnologia dando-lhes a oportunidade de conhecer e aprender manusear um computador sem deixar de lado a educação. Espero que ao terminar o curso eu esteja capacitado não só na área de informática como também na educação como um todo. A educação é uma necessidade de cada indivíduo e, com o avanço da tecnologia, a informática passou a fazer parte desta necessidade (Aluno 8).

Espero que o JEP 2003 contribua para o meu desenvolvimento profissional, aumentando meus conhecimentos de informática e me ajudando, para que eu possa colocar em prática o meu espírito empreendedor. Eu acredito que o JEP vai ser fundamental para a minha capacitação profissional (Aluno 9).

Muitos alunos consideram o JEP uma oportunidade concedida e que precisa ser aproveitada. Eles também vêm no curso uma possibilidade de acesso ao laboratório de informática, um espaço cada vez mais concorrido nas escolas que fazem parte do Programa. Isso pode ser detectado na fala do Aluno 10:

O JEP é uma boa oportunidade para pessoas quem não têm condições financeiras para fazer um curso completo. Eu achava que nós, que estamos concluindo o Ensino Médio, não íamos ter prioridade na sala de informática. Mas eu estava enganada. Para início estou amando! (Aluno 10).

O JEP tem contribuído para a inclusão digital e a democratização da Internet nas nossas escolas públicas, pois a Internet é implantada de imediato nas escolas do programa – só assim é possível realizar os cursos online – e esse recurso não se limita apenas à utilização com o JEP. Alguns alunos aprenderam a digitar e a utilizar a Internet durante o curso e em alguns casos as dificuldades sentidas foram grandes, porém várias situações de superação foram observadas, assim como diversas desistências e a ocorrência de muitos abandonos do curso.

Apesar das diversas dificuldades, na maioria dos depoimentos dos alunos pode-se visualizar o que já era perceptível nas observações realizadas ao longo da vigência do curso. As perspectivas dos alunos em relação ao curso são muito grandes. É observado que eles têm, no início do curso, muitas esperanças de mudanças em suas vidas, considerando que poderão montar seus próprios negócios. Eles também se empolgam com a utilização da Internet em seu cotidiano, como se pode ver no que dizem os Alunos 11 e 12:

Eu estou aprendendo muitas coisas novas. Coisas que eu não tinha acesso antes, como a Internet. Para mim, está sendo tudo novo. Estou descobrindo,

aprendendo como navegar na Internet e fico admirada com a facilidade com que ela nos ajuda, seja em pesquisas escolares ou em notícias (Aluno 11).

Espero que o JEP nos proporcione tudo o que esperamos dele, ou seja, uma mudança em nossas vidas como alunos concluintes do Ensino Médio, nos dando um maior preparo para o mercado de trabalho e transformando de modo espetacular nossos sonhos em realidade. Agradeço pela oportunidade (Aluno 12).

De acordo com a coordenação do JEP-AL, o programa além de incluir digitalmente os alunos e qualificá-los em empreendedorismo, desperta nos jovens todo o potencial criativo.

O JEP contribui para desenvolver nos estudantes a capacidade de planejar e montar um plano de negócio, e com responsabilidade, conhecimento, dedicação e perseverança administrar o próprio negócio, ter sua renda e se realizar profissionalmente. (Coordenadora).

#### **4.9- As contribuições do JEP na formação dos alunos**

Siqueira (2004), idealizador do JEP, analisa e divulga a geração de trabalho a partir de recursos naturais e de meios eletrônicos, propondo idéias criativas e instrumentos de capacitação; defendendo a disponibilização do acesso às novas tecnologias, uma vez que estas podem ser um meio fácil e barato para prover as necessidades de competência empreendedora aos pequenos e micro empreendedores. Também defende a introdução do empreendedorismo no currículo escolar. Para o autor, empreendedorismo significa ter criatividade, capacidade, coragem de correr riscos calculados, capacidade de planejamento e gestão, antever mudanças, motivação para desafios, identificar oportunidades e transformá-las em negócios.

É possível afirmar que o JEP tem contribuído para formar alunos autônomos, responsáveis e empreendedores. Quanto à criatividade, verifica-se que há uma complexidade para o seu desenvolvimento que não se restringe a um curso de empreendedores. É importante salientar que os alunos precisam querer aprender e precisam envolver-se profundamente, esforçar-se e buscar para que tenham um bom aproveitamento e aprendizado.

Nos cursos do JEP o aluno é conduzido a:

- **buscar informações** – ele precisa pesquisar para concluir o seu curso com a elaboração de um plano de negócios, estruturado com justificativa, objetivos, público alvo, instalações, concorrentes, custos iniciais e mensais envolvidos, além de outras informações que demandam estudos aprofundados;
- **estabelecer articulações com seus conhecimentos** – o aluno precisa dispor de várias informações, articulando-as com os conhecimentos que já possui. Seu raciocínio lógico e seus conhecimentos prévios são exigidos de várias formas durante os módulos do curso;
- **tomar decisões** – decidindo sobre o negócio a ser planejado e montado, escolhendo entre os campos do comércio, prestação de serviços e indústria, elegendo o nome de seu negócio;
- **elaborar nova organização** – na obtenção de informações e na construção do conhecimento durante os módulos do curso e na passagem pelo itinerário formativo, ele está sempre exercitando a elaboração de novas organizações no pensamento;
- **buscar a superação de obstáculos** – o aluno precisa superar diversos obstáculos durante o curso, seja na organização dos seus horários, na limitação para lidar com o computador, na falta de paciência para realizar todas as leituras, etapas, jogos e avaliações do curso ou na elaboração de seu plano de negócios;
- **resolver problemas** – no itinerário formativo o aluno se depara com problemas que ele precisa resolver, sejam problemas colocados por ele próprio em suas reflexões ou dispostos para sua resolução nas etapas do curso à medida que vai avançando;
- **enfrentar desafios** – a matrícula no JEP e a sua realização, passando por todas as suas etapas, já é um enfrentamento de desafio por parte dos alunos, além dos que lhes são dispostos no curso como a realização dos jogos e preenchimento de questionários em cada módulo.

Seguindo os módulos do curso oferecido pelo programa estabelece-se um processo de aprendizagem a distância, no qual os alunos não apenas utilizam as ferramentas disponíveis no geranegócio e/ou na Internet. Eles vão além, ganhando autonomia na construção do conhecimento, podendo compartilhá-lo, percebendo-se como sujeitos históricos, ativos e

protagonistas na transformação da sua realidade. Assim, há uma convergência com o que dizem os teóricos que defendem o ensino do empreendedorismo na educação básica e com o que se espera da EAD.

O programa JEP vem procurando trabalhar com uma prática pedagógica voltada para a construção do conhecimento. Não é possível afirmar que, no JEP, a aprendizagem colaborativa ocorre da forma ideal, mas ela vem sendo delineada à medida que o programa avança com a experiência obtida pelos instrutores, coordenação e gerenciamento do Geranegócio.

Isso converge para o que afirma Peters (2003, p.15), sobre a sociedade da informação que “aponta para os novos padrões de competências institucionais e pessoais a serem desenvolvidos, com o apoio obrigatório de sistemas de ensino e aprendizagem transformados”, promovendo, ao mesmo tempo, transformações estruturais em todos os sistemas.

O JEP oferece uma possibilidade de melhoria na formação dos alunos do Ensino Médio nas escolas públicas, ajudando-os a adquirir uma competência empreendedora e/ou qualificando-os para atender as exigências da sociedade neoliberal, realidade na qual as escolas estão inseridas.

Para Faria (2006, p. 21), “a facilidade de atualização de conhecimentos, em tempo real, é uma importante vantagem a ser considerada”, pois mudanças estão ocorrendo no contexto socioeconômico e no mercado de trabalho, o que exige uma reconceituação das propostas pedagógicas existentes. “Na sociedade da comunicação, o conhecimento se tornou uma força econômica muito grande”. Então, com a expansão das redes de informação, o profissional que quiser manter seu espaço precisa de constante renovação para acompanhar o mercado de trabalho.

A introdução do ensino do empreendedorismo e de noções de Internet para os alunos do JEP tem mostrado resultados no sentido de renovar as esperanças desses alunos, geralmente excluídos do ensino superior e do mercado de trabalho, porém com uma qualificação para que busquem novos caminhos e montem suas próprias microempresas, tendo possibilidades de obtenção de sucesso com o respaldo do embasamento teórico, além de apoio dos agentes financeiros conveniados.

Mesmo para os que não pretendem tornarem-se empresários, é importante o desenvolvimento das competências empreendedoras para o ingresso no mercado de trabalho. O próprio certificado recebido com a conclusão do curso já contribui para o enriquecimento do currículo desses alunos que têm poucas oportunidades.

#### 4.10- Resultados da aplicação dos questionários e análise dos dados

Foram aplicados 21 questionários com alunos do JEP no ano de 2006. Os alunos que responderam aos questionários representam uma pequena parte dos alunos que cursam o JEP. Além dos jovens, que aparecem nos quadros demonstrativos, muitos alunos adultos que cursam o noturno, como donas de casa e trabalhadores de modo geral, ingressam no programa.

Verifica-se a ausência dos alunos mais velhos – do turno noturno – alguns muito acima dessa faixa etária. Uma explicação para esse fato é a de que os alunos e alunas do turno noturno, em geral, trabalham e/ou têm ocupações com suas casas e filhos, por esse motivo não podiam comparecer ao curso oferecido durante a semana, pelo dia e presencialmente. No quadro 1 observa-se a faixa etária dos alunos que responderam aos questionários, com o predomínio de jovens com 17 anos de idade.

<b>Faixa etária dos alunos</b>	<b>%</b>
17 anos	38%
18 anos	23,8%
19 anos	19%
20 anos	9,5%
21 anos	4,7%

Quadro 1 – Dados Pessoais

No quadro 2 percebe-se o predomínio de mulheres no JEP, pois o número de pessoas do sexo feminino representa o triplo do número de pessoas do sexo masculino.

<b>sexo</b>	<b>%</b>
Masculino	23,8%
Feminino	76,1%

Quadro 2 - Sexo

A maioria dos alunos do JEP possui uma renda familiar muito baixa, o que pode ser detectado no quadro 3, onde consta que mais da metade dos alunos questionados tem renda familiar de 2 salários mínimos e um número considerável dispõe com sua família de apenas 1 salário mínimo.

<b>1 salário</b>	<b>2 salários</b>	<b>3 salários</b>	<b>Mais de 3 salários</b>
38%	52,3%	4,7%	9,5%

Quadro 3 – Renda Familiar

Em relação ao número de alunos com empregos, verifica-se no quadro 4 que a grande maioria está desempregada, apesar de várias tentativas para conseguir empregos.

<b>Alunos empregados</b>	<b>Alunos desempregados</b>
9,5%	90,4%

Quadro 4 – Alunos Empregados / Desempregados

No quadro 5 é possível constatar que um bom número de alunos já utilizava o computador e acessava a Internet, mas isso ocorria fora da escola.

<b>Utilizavam</b>	<b>Não utilizavam</b>
66,6%	33,3%

Quadro 5- Utilização do Computador antes do JEP

Quanto a frequência com que acessavam a Internet, antes da introdução do JEP na escola, as respostas do quadro 6 apontam que a maioria tinha um acesso ocasional, geralmente em *lan house*.

<b>ocasionalmente</b>	<b>freqüentemente</b>	<b>diariamente</b>	<b>nunca</b>
38%	19%	9,5%	14,1%

Quadro 6 – Acesso a Internet

Questionados sobre os locais de acesso ao computador e à Internet, a maioria declarou que recorre a *lan house*. É perceptível, diante dos números observados no quadro 7, que a Internet já está incorporada à vida desses alunos através desses estabelecimentos que se tornaram de baixo custo e fácil acesso para eles.

<b>casa</b>	<b>escola</b>	<b>trabalho</b>	<b>lan house</b>	<b>escola e lan house</b>
14,2%	14,2%	0%	66,6%	9,5%

Quadro 7 – Locais de acesso

Sobre a contribuição do JEP para a inserção no mercado de trabalho, os alunos não conseguiram comprovar, de fato. Isso pode ser verificado nas respostas do quadro 8, dada a questão: o JEP contribuiu de algum modo para sua inserção no mercado de trabalho? A maioria dos alunos optou pela opção talvez, o que demonstra uma incerteza.

<b>sim</b>	<b>não</b>	<b>talvez</b>	<b>não respondeu</b>
38%	14,2%	42,5%	9,5%

Quadro 8 – Contribuição para a inserção no mercado de trabalho

Os alunos, ao serem questionados sobre a pretensão de montarem o próprio negócio, responderam que sim, em sua maioria, como se pode constatar no quadro 9:

<b>sim</b>	<b>não</b>	<b>Não sabem</b>
76,1%	14,2%	9,5%

Quadro 9 – Pretendem montar o próprio negócio

No quadro 10 verifica-se que a contribuição do JEP para a melhoria dos conhecimentos relativos ao computador e à Internet foi sentida pela maioria dos alunos questionados.

<b>sim</b>	<b>não</b>
85,7%	23,8%

Quadro 10 – Contribuição do JEP na melhoria dos conhecimentos

Sobre as ferramentas disponibilizadas durante o JEP, no quadro 11 se pode constatar que a maior parte dos alunos as consideraram satisfatórias. Ninguém considerou as ferramentas péssimas. É interessante observar o elevado nível de desgaste sofrido durante o curso em função da lentidão na conexão com a Internet ou com eventuais problemas técnicos ocorridos, mas poucos mencionam esse aspecto.

<b>satisfatórias</b>	<b>razoáveis</b>	<b>péssimas</b>
95,2%	4,7%	0%

Quadro 11 – ferramentas disponibilizadas no curso

Quanto a contribuição do instrutor para o aprendizado dos conteúdos trabalhados, tendo como opções os itens muito, pouco e mais ou menos, a maioria dos alunos considerou que o instrutor contribuiu muito. Observe o quadro 12:

<b>muito</b>	<b>pouco</b>	<b>mais ou menos</b>
76,1%	9,5%	14,2%

Quadro 12 – Contribuição do instrutor

Em relação ao relacionamento com o instrutor, é perceptível no quadro 13 que ninguém considerou ruim. A maior parte dos alunos marcou o item excelente.

<b>excelente</b>	<b>bom</b>	<b>ruim</b>
71,4%	28,5%	0%

Quadro 13 – Relacionamento com o instrutor

No quadro 14, observa-se que a qualidade do curso foi considerada excelente por 90,4% dos alunos questionados. Ninguém considerou o curso ruim. Esse dado é curioso, pois muitos alunos revelaram na questão seguinte que tiveram dificuldades em alguma parte do curso.

<b>excelente</b>	<b>bom</b>	<b>regular</b>	<b>ruim</b>
90,4%	0%	9,5%	0%

Quadro 14 – Qualidade do curso

A etapa do curso na qual os alunos sentiram maior dificuldade, como está exposto no quadro 15, foi a Elaborando o Plano de Negócios. As etapas Internet e Plano de Negócios não foram marcadas. É preciso atentar para a contradição, pois se o curso foi considerado excelente por 90,4% dos alunos, não é possível ter essa percentual de dificuldade na

elaboração do Plano de Negócios, que faz parte do itinerário formativo – para a conclusão – no qual o aluno é orientado sobre os procedimentos a serem seguidos.

<b>Internet</b>	<b>Navegando no mundo dos negócios</b>	<b>Empreendedorismo</b>	<b>Plano de negócios</b>	<b>Elaborando o plano de negócios</b>
0%	9,5%.	9,5%	0%	80,9%

Quadro 15 – Dificuldades nas etapas do curso

Finalizando o questionário, a questão: Os conhecimentos adquiridos com o JEP ajudaram na sua inserção no mercado de trabalho? Verifica-se no quadro 16, de acordo com a opção mais marcada pelos alunos, que eles não consideram que o JEP contribuiu para seu ingresso no mercado de trabalho.

<b>muito</b>	<b>mais ou menos</b>	<b>pouco</b>	<b>nada</b>	<b>não responderam</b>
23, 8%	19%	14,2%	33,3%	9,5%

Quadro 16 – Contribuição do JEP para a inserção no mercado de trabalho

Antes da aplicação dos questionários, nas observações realizadas nas escolas mencionadas já era perceptível um maior número de alunas do sexo feminino, bem como um grande número de alunos de baixa renda e o grande número de alunos que estão desempregados e lutando para conseguir se inserir no mercado.

O surgimento e a proliferação dos estabelecimentos que oferecem conexão com a Internet, a baixo preço, denominados *lan house*, contribuíram para que muitos jovens da periferia e/ou de baixo poder aquisitivo tornassem-se usuários frequentes da Internet. Embora seja um fato constatado pelos instrutores o de que alguns alunos somente têm seu primeiro contato com o computador ao entrar para o JEP e, mesmo com várias dificuldades e maior lentidão que os demais alunos já usuários do computador e da Internet, têm conseguido seguir

adiante no curso, concluindo todos os módulos do itinerário formativo, adquirindo uma boa segurança no uso dos recursos dispostos na Internet.

É importante salientar que desde o momento que o aluno realiza sua matrícula e preenche a ficha de inscrição, ele está realizando um exercício que tem contribuído para melhorar sua noção de informática e sua habilidade na digitação.

Com o curso realizado, o aluno tem ampliado sua compreensão sobre o funcionamento de uma economia de mercado, podendo melhor avaliá-la na perspectiva da sua visão adquirida quanto aos fatores de produção, agentes econômicos, aspectos institucionais, formação de preços e direitos do consumidor.

A presença dos instrutores é apontada pelos alunos, especialmente nos depoimentos que escrevem na finalização do curso, como necessária e, de modo geral, os relacionamentos têm sido enriquecedores para as partes envolvidas. A satisfação dos alunos também tem sido uma constante nos depoimentos colhidos.

No JEP eles são direcionados e orientados para desenvolver um conjunto de competências que os tornam capazes de tomar decisões, traçar planos e organizar os recursos necessários para chegar ao sucesso. Deve-se ressaltar que esse sucesso não precisa ser compreendido necessariamente como sucesso financeiro.

O mais importante é que o JEP permite aos alunos um contato com a Internet, incentiva a pesquisa, estimula a reflexão e o aprendizado autônomo. Ajuda no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias aos alunos do Ensino Médio, úteis à vida e ao trabalho, previstas nos PCN do Ensino Médio, como por exemplo, “dominar conceitos computacionais, que facilitem a incorporação de ferramentas específicas nas atividades profissionais”. Além de outras, como as abaixo citadas, de acordo com os PCN / Ensino Médio (BRASIL, 2002):

- utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores; saber colocar-se como protagonista no processo de produção/recepção;
- utilizar as tecnologias básicas de redação e informação, como computadores;
- procurar e sistematizar informações relevantes para a compreensão da situação-problema;
- associar conhecimentos e métodos científicos com a tecnologia do sistema produtivo e dos serviços;

- traduzir os conhecimentos sobre a pessoa, a sociedade, a economia, as práticas sociais e culturais em condutas de indagação, análise, problematização e protagonismo diante de situações novas, problemas ou questões da vida pessoal, social, política, econômica e cultural.

Preparando-se adequadamente, o aluno, com as informações e conhecimentos adquiridos, estará sendo estimulado a refletir e a decidir sobre seu futuro. Provavelmente, caso precise tornar-se um empresário para inserir-se no mercado de trabalho, ele procurará empreender por oportunidade e não apenas motivado pela necessidade. Terá, então, maiores chances de obter êxito no seu empreendimento. Conseqüentemente, se esse aluno não se tornar um empresário, optando por outra trajetória como trabalhador, ele terá adquirido competências com o estudo do empreendedorismo que poderão lhe ser úteis pela vida inteira, seja qual for sua escolha para o futuro.

De acordo com Farrel (1993, p.166), “as circunstâncias são a razão número um que faz uma pessoa estabelecer-se por contra própria”. Nem sempre indivíduos empreendedores planejam tornarem-se empresários. Mas, qualquer indivíduo pode aprender a desenvolver a habilidade de empreender negócios dependendo das circunstâncias em que se encontre.

Pode-se afirmar que o programa deu início ao processo de introdução da Internet nas escolas estaduais de Alagoas. É evidente que ele contribuiu para a inserção digital no âmbito dessas instituições.

O JEP também contribuiu para a formação e qualificação dos alunos – proporcionando-lhes inclusive uma certificação de qualificação provavelmente útil para enriquecer seus currículos ou ajudá-los numa eventual prova de títulos em concursos. Porém, os dados colhidos sobre os resultados concretos dos investimentos de alunos oriundos do JEP para a formação de microempresas ainda demonstram que são casos isolados. Alguns poucos tiveram essa iniciativa.

Quanto à resolução do problema que deu origem a essa pesquisa, constata-se tanto nas observações como nos depoimentos e questionários que a inserção dos alunos no mercado de trabalho, em função do JEP não é uma realidade. Não é participando do JEP que os alunos terão assegurado vagas no mercado de trabalho ou a abertura de uma microempresa.

Entretanto, o programa JEP, introduzindo o empreendedorismo nas escolas estaduais, pode proporcionar aos alunos a oportunidade de descobrir suas aptidões, desenvolver competências e analisar criticamente a alternativa de empreender.

O JEP contribui na preparação para a vida, a medida em que melhora a autoestima dos alunos, os insere no mundo digital, amplia seus conhecimentos sobre a sociedade na qual estão inseridos, os ajuda a aprender a planejar e fornece certificados de qualificação que poderão ser importantes nas tentativas de colocação no mercado de trabalho. Isso representa um excelente caminho e demonstra a importância de programas como JEP.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Programas como o JEP podem melhorar a Educação Básica, possibilitando uma formação na qual todos os alunos tenham acesso a todas as áreas do conhecimento, através da EAD e da adoção do ensino do empreendedorismo nas escolas públicas.

O JEP tem contribuído para a melhoria do Ensino Médio, nas escolas nas quais ele está inserido, a medida em que ajuda os alunos na aquisição de competências úteis a vida e ao trabalho. Não esquecendo, evidentemente, a importância de oferecer a igualdade de oportunidades para a continuidade dos estudos no nível superior, numa universidade pública e gratuita na qual o jovem da escola estadual, com sua competência empreendedora, não necessite de ações afirmativas, como o sistema de cotas, para ingressar.

No JEP, a EAD é utilizada para proporcionar uma formação complementar que comumente não é colocada para os alunos. Oferecendo a oportunidade de enriquecer os estudos e complementar os conhecimentos. Os alunos aprendem a utilizar a Internet para adquirir novos conhecimentos, desenvolvem aptidões, habilitam-se a desenvolver autonomamente seu aprendizado e estudam empreendedorismo, refletindo sobre oportunidades de empreender em seu cotidiano. A grande contribuição do JEP se dá de fato na preparação para a vida e na inserção digital.

Daniel (2003, p. 50), considera que certas aprendizagens e determinadas habilidades para a vida são globais, destas pode-se citar a computação e a comunicação. No entanto, “o verdadeiro desafio da educação e do treinamento técnico e profissional não é global, é local”. Consiste em oferecer aprendizagem e habilidades para a vida apropriadas a cada realidade específica, contribuindo para transformações. E significa abrir oportunidades para que todos os excluídos possam adquirir habilidades para a vida.

No Brasil e especialmente no estado de Alagoas apresenta-se um alto grau de exclusão social, onde a exclusão digital também está presente. Isso conduz a novas formas de desigualdade no acesso a informação e ao conhecimento. O maior problema da educação hoje é que milhões de cidadãos não têm acesso a ela ou não a recebem de modo adequado e

suficiente. Quais providências são necessárias na formação educacional diante das novas demandas?

Deve-se trabalhar de acordo com a realidade dos alunos, que vivem em seu cotidiano numa superabundância de tecnologias audiovisuais e digitais. Diariamente utilizam a TV, o celular, a Internet. É preciso orientá-los na apropriação crítica dessas ferramentas, contribuindo para a sua inclusão consciente na sociedade da informação, para que saibam utilizá-las, filtrá-las, transformá-las em conhecimento. E isso o JEP vem realizando de forma promissora.

As emergentes demandas econômicas e sociais têm apontado para a necessidade da inclusão do tema empreendedorismo na escola. Apontam também sobre a necessidade de implantar políticas públicas ativas para a EAD nos âmbitos local, regional e nacional. A implantação e desenvolvimento de programas como o JEP, que já se insere por outros estados pode ser um dos caminhos a serem seguidos.

O presente estudo trouxe contribuições ao meio acadêmico, permitindo uma reflexão sobre o empreendedorismo e os jovens, mostrando a necessidade de discussões sobre alternativas para o desenvolvimento da sociedade e para a melhoria do precário quadro educacional, tanto no âmbito nacional como no alagoano. A pesquisa mostra que o JEP possui potencial para, através do ensino do empreendedorismo e da utilização da metodologia da EAD, tornar-se cada vez mais uma das formas de facilitação da inclusão social e digital em Alagoas, no âmbito da rede estadual de ensino.

Essa inclusão vem ocorrendo numa escala pequena, mas que tende a se ampliar e proporcionar a igualdade de oportunidades e condições de cidadania aos alunos, jovens e adultos, das escolas públicas.

Diminuir as desigualdades encontradas no meio heterogêneo que se encontra o sistema educacional brasileiro, será algo obtido apenas com a elevação do nível de escolarização, com a disponibilidade de acesso à tecnologia, a disseminação da Internet, a formação de professores, a manutenção de comunidades virtuais de aprendizagem e a geração de cursos a distância, como o próprio JEP.

Esses fatores poderão contribuir para a efetivação de mudanças no quadro de escolaridade da população brasileira, melhorando não apenas a qualificação para o trabalho, mas situando os indivíduos no mundo, no quadro geral das coisas e do universo em evolução.

O que realmente os brasileiros, e particularmente os alagoanos, precisam é de uma escola que se torne um instrumento para a democratização do saber, para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo sobre a realidade. A escola deve trabalhar no sentido de

recuperar os valores da cultura humana, livre pensadora e adaptada ao mundo da tecnologia.

Concluída a pesquisa, obtém-se a resposta ao problema que lhe deu origem: o JEP não contribui efetivamente para a inserção dos alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Alagoas no mercado de trabalho. A maioria dos alunos que participou do JEP, desde 2002, não montou microempresas. Também não foi possível comprovar que a participação no JEP tenha contribuído, de fato, para que os alunos conseguissem uma vaga no mercado de trabalho.

A hipótese elaborada, por sua vez, foi confirmada, pois ressalta a importância da contribuição do JEP para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio, capacitando-os para utilizar a Internet, fornecendo indicações de novos caminhos e opções para a sua inserção no mercado de trabalho, preparando-os para tornarem-se possíveis empreendedores e/ou melhorando a sua formação. E o JEP realmente contribui para a formação dos alunos concluintes do Ensino Médio, enriquecendo-a, conduzindo-os a uma qualificação, auxiliando-os a adquirirem habilidades necessárias na vida e exigidas pelo mercado de trabalho. Ao obterem maior autonomia nas pesquisas na Internet, os alunos passam a dominar um instrumento que pode ser usado para sua formação e/ou informação.

Certamente participar do JEP não significa a obtenção garantida de um emprego. Porém, cursar os módulos formativos do JEP, aprender empreendedorismo, contribui para a melhoria do desempenho do estudante, que se torna mais ativo, arrojado, criativo. Pois, no JEP o aluno é estimulado a ler, a pesquisar, a escrever, a refletir, a resolver problemas. O aluno que passa por essa experiência cresce em autonomia, responsabilidade e na postura diante da vida, obtendo uma qualificação que poderá ajudá-lo em vários momentos de sua vida.

Conforme a análise pode-se afirmar que uma formação consistente e uma qualificação adequada são os caminhos mais indicados para a inserção no mercado de trabalho. Pode-se, também, afirmar que o JEP tem potencial para minimizar, ainda que em pequena escala, os efeitos das desigualdades que se originam na precariedade educacional e sociocultural que persistem em Alagoas, particularmente.

## REFERÊNCIAS

ABRAEAD. **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**, 2006. Disponível em: [www.abraead.com.br/anuario/anuario2006.pdf](http://www.abraead.com.br/anuario/anuario2006.pdf) ). Acesso em: 23 set 07.

ADELL, J. Comunidades de aprendizaje em la formación presencial: más allá del curso online. **Actas de las I Jornadas Canarias sobre las TIC en la Docencia Universitaria**. Las Palmas de Gran Canaria, 2003.

ALVES, J. R. A nova regulamentação da EAD no Brasil. In: SILVA, M. (org.) **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

ANDRADE, A. F.; VICARI, R. M. Construindo um ambiente de aprendizagem a distância inspirado na concepção sociointeracionista de Vygotsky. In: SILVA, M.(org.) **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRADE, R.C. Empreendedorismo: um novo passo em educação. In: ACÚRCIO, M. R. (coord.); ANDRADE, R. C. **O empreendedorismo na escola**. Porto Alegre/ Belo Horizonte: Artmed / Rede Pitágoras, 2005.

ARETIO, L. G. **La educación a distancia**: de la teoría a la práctica. Barcelona: Ariel, 2001.

BACHA FILHO, T. Educação a distância, sistemas de ensino e territorialidade. In: FRAGALLE FILHO, R (org.). **Educação a distância**: análise dos parâmetros legais e normativos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARROS, D. M. **A educação a distância e o universo do trabalho**. Bauru: Edusc, 2003.

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 2003.

BRANCO, A. C. A portaria nº 2.253/2001 no contexto da evolução da educação a distância nas instituições de ensino superior no Brasil. In: SILVA, M. (org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

BRASIL. Lei nº 9394 de 23 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

BUENO, J. L. **O empreendedorismo como superação do estado de alienação do trabalhador**. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis, 2005.

BURBULES, N. C. A Internet constitui uma comunidade educacional global? In: BURBULES, N. C.; TORRES, C. A. e colaboradores. **Globalização e educação: perspectivas críticas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CARRILLO, J. A. Contribución de las teorías de enseñanza-aprendizaje al diseño de los procesos tecnológico-didácticos de enseñanza virtual. In: LORENZO M.; CARRILLO, J. A. y otros (org.) **Las organizaciones educativas en la sociedad neoliberal**. Vol. III. Granada: Grupo Editorial Universitario, 2001. Disponível em: <http://www.ugr.es/~sevimeco/biblioteca/distancia>. Acesso em 30 mai 07.

CARVALHO, F. G. **A formação empreendedora por meio da educação a distância: uma alternativa para o profissional do conhecimento**. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COOL, C.; MARTIN, E. A educação escolar e o desenvolvimento das capacidades. In: \_\_\_\_\_. et al.. **Aprender conteúdos & desenvolver capacidades**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DANIEL, J. **Educação e tecnologia num mundo globalizado**. Brasília: Unesco, 2003.

DEGEN, R. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

DELORS, J. et alli. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez / Unesco, 2000.

DOLABELA, F. Empreendedorismo e educação. **II Seminário Internacional de Empreendedorismo (Siempre)**. Abril de 2005. Disponível em: <http://ensino.univates.br/~siempre/noticias.htm>. Acesso em 23 mai. 07.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

\_\_\_\_\_. **Oficina do empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura, 1999.

DORNELAS, J. **Plano de Negócios, a ferramenta de gestão do empreendedor**. 2007 Disponível em: [http://www.administradores.com.br/conteudo.jsp?pagina=colunistas\\_artigo\\_corpo&idColuna=1404&idColunista=24260](http://www.administradores.com.br/conteudo.jsp?pagina=colunistas_artigo_corpo&idColuna=1404&idColunista=24260) . Acesso em: 07 jul 07.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e ser diferente em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor - entrepreneurship**: práticas e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Administrando para o futuro**: os anos 90 e a virada do século. São Paulo: Pioneira, 1992.

FARREL, L. C. **Entrepreneurship**: fundamentos das organizações empreendedoras. São Paulo: Atlas, 1993.

FARIA, E. T. EAD: desafios e propostas emergentes. In: FARIA, E. T. (org.). **Educação presencial e virtual**: espaços complementares essenciais na escola e na empresa. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

FERREIRA, S.L.; BIANCHETTI. L. **A construção de comunidades virtuais numa educação interativa**. Disponível em: [www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/118-TC-D2.htm](http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/118-TC-D2.htm). Acesso 17 set 04.

FILION, L. J. Empreendedorismo e Educação. **II Seminário Internacional de Empreendedorismo (siempre)**. Abril de 2005. Disponível em: <http://ensino.univates.br/~siempre/noticias.htm>. Acesso em 23 mai 07.

\_\_\_\_\_. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v.34, n.6, 1999.

\_\_\_\_\_. O Empreendedorismo como tema de estudos superiores. **Seminário A Universidade Formando Empreendedores**. Escola de Altos Estudos Comerciais (H.E.C.) de Montreal, CNI – IEL, 1991. Disponível em <http://www.epa.adm.br/empreend001.htm> . Acesso em 14 set 05.

FORMIGA, M. M. Evolução dos 100 anos da educação a distância no Brasil. In: BAYMA, F. (org.). **Educação corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências**. São Paulo: Pearson Prentice Hall / Fundação Getulio Vargas, 2004.

GEM (Global Entrepreneurship Monitor). **Empreendedorismo no Brasil**. 2004. Disponível em: [http://www2.rn.sebrae.com.br/uploads/pesquisa\\_gem\\_2004.pdf](http://www2.rn.sebrae.com.br/uploads/pesquisa_gem_2004.pdf). Acesso em 10 jul 07.

GENNARI, M. C. **Minidicionário de informática**. São Paulo: Saraiva, 1999.

GERANEGOCIO. **JEP/AL**. Disponível em: <http://www.geranegocio.com.br/jepal> . Acesso em 30 jul 05.

GERBER, M.E. **O mito empreendedor revisitado**. São Paulo: Saraiva, 1996.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GOHR, C.F.; EDVALDO, A.S. Aprender a empreender: um estudo do perfil empreendedor dos formandos de um curso de graduação em turismo. **Encontro Nacional de Empreendedorismo**. Florianópolis: Anais... ENE-UFSC, 2002.

GOMES, R.C.; CÂMARA, M.R.; GOMES, S.R. Empreendedor x empreendedor. **Encontro Nacional de Empreendedorismo**. Florianópolis: Anais... ENE-UFSC, 2002.

GRÁVAN, P. R. La flexibilización de los espacios de aprendizaje a través de entornos de trabajo colaborativos telemáticos. **III Congreso Internacional Virtual de Educación**, 2003 (CIVE 2003). Disponível em: <http://www.cibereduca.com>. Acesso em: 23 abr 04.

HERNÁNDEZ, J. M.; DÍAZ, J. V. **Formación de tutores y comunidades de aprendizaje**. Barcelona: Virtual Educa, 2005.

KYRILLOS, S. L. **O ensino profissionalizante na área de mecânica: novas práticas face às mudanças no mercado de trabalho**: a ótica de professores, alunos e profissionais de R. H. Dissertação de Mestrado. Universidade Bandeirante de São Paulo, 1998.

KUENZER, A. **Ensino médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educ. Soc.** vol.21, n°.70, p.15-39, Campinas, abr. 2000.

LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo**: criando riquezas. Recife: Bagaço, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LITWIN, E. Das tradições à virtualidade. In: LITWIN, E (org.) **Educação a distância**: temas para o debate de uma nova agenda educativa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LOBO NETO, F. J. Regulamentação da educação a distância: caminhos e descaminhos. In: SILVA, M. **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2006.

MAIA, C. **Guia brasileiro de educação a distância**: 2000 / 2001. São Paulo: Esfera, 2001.

MARTÍNEZ, J. G. Novas tecnologias e os desafios da educação. In: TEDESCO, J. C. (org.). **Educação e novas tecnologias**: esperança ou incerteza? São Paulo: Cortez / Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília: Unesco, 2004.

MATTA, A. E. **A educação a distância e as trans-urbanidades**. 2003. Disponível em: <http://www.abed.org.br/seminario2003/texto02.htm>. Acesso em 23 mai 07.

MATTOS, F. L. **Precariedade de práticas colaborativas em cursos online**: avaliação de uma experiência de formação de professores. XI ENDIPE, Goiânia, 2002.

MEC / Secretaria de Educação a Distância. **Regulamentação da EAD no Brasil**. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seed/> . Acesso em 22 jun 05.

MERCADO, L. P. **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação**. Maceió: Edufal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vivências com aprendizagens na Internet**. Maceió: Edufal, 2005.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAN, J. M. Tendências da educação pela Internet no Brasil. **Educação**. Maceió: Edufal, ano 12, n. 20, p. 53-76, jun. 2004.

\_\_\_\_\_. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In: SILVA, M. (org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Novos desafios na educação: a internet na educação presencial e virtual**. 2001. São Paulo. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>. Acesso em: 10 jul 07.

\_\_\_\_\_. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre: PGIE - UFRGS, vol. 3, n.1, set. 2000.

NEVES, C. M. Educação a distância: o esforço do governo. In: BAYMA, F. (org.). **Educação corporativa: desenvolvendo e gerenciando competências**. São Paulo: Pearson Prentice Hall / Fundação Getulio Vargas, 2004.

OLIVEIRA, L. P. Contribuições da disciplina internet à formação do professor pesquisador. In: VALENTE, J.A. ; PRADO, M.E.B. ; ALMEIDA, M.E. **Educação a distância via Internet**. São Paulo: Avercamp, 2003.

PABLOS, J. **Tecnología y educación**. Barcelona: Cedecs, 1996.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K.. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, O. **Didática do ensino à distância: experiências e estágio da discussão numa visão internacional**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

QUEIROZ FILHO, O. A. **O que é ser um empreendedor?** 2001. Disponível em: <http://www.widebiz.com.br/gente/omar/oquee.html> . Acesso em 7 jul 07.

RHEINGOLD, H. **The virtual community**: homesteading on the electronic frontier. Harper Perennial Paperback in USA, 1993. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book/index.html>. Acesso em 10 set 06.

RUIPÉREZ, G. **Educación virtual y eLearning**. Madrid: Fundación Auna, 2003.

SANTOS, E. S. Articulação de saberes na EAD online: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem. In: SILVA, M.(org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

SCHUMPETER, J. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEBRAE. **Avaliação do empreendedorismo no mundo**. 2007. Disponível em <http://www.sebrae.com.br>. Acesso em 07 out 07.

SEBRAE. **Referenciais para uma nova práxis educacional**. Brasília: Sebrae, 2001.

SILVA, M. **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

SIQUEIRA, C. A. **Grandes idéias para pequenos e micronegócios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Ática, 1998.

TIMMONS, J. **New venture creation**. Boston: Irwin McGraw-Hill, 1994.

VILELA, C. Empreendedorismo na escola. In: ACÚRCIO, M. R. (coord.); ANDRADE, R. C. **O empreendedorismo na escola**. Porto Alegre/ Belo Horizonte: Artmed / Rede Pitágoras, 2005.

**A N E X O S**

**ANEXO 1 - ENTREVISTA COM ALUNO DO JEP-AL / 2005**

DATA DA ENTREVISTA \_\_\_\_\_

- 1- Nome:
- 2- Escola em que faz o curso:
- 3- Instrutor:
- 4- Como você se tornou aluno do JEP?
- 5- Por que você resolveu participar do JEP?
- 6- Você acredita que o JEP pode trazer alguma contribuição para sua vida? Qual?
- 7- O que você acha do curso?
- 8- Quais dificuldades você está encontrando no curso?
- 9- O JEP corresponde as suas expectativas em relação à aprendizagem e ao proveito na sua vida prática?
- 10- Quais os seus planos para sua vida profissional?
- 11- Que dificuldade você está tendo com o uso da Internet no curso?

## **ANEXO 2 - ENTREVISTA COM EX-ALUNO DO JEP-AL**

DATA DA ENTREVISTA \_\_\_\_\_

1. Nome:
2. Escola na qual fez o curso:
3. Instrutor:
4. Como você se tornou aluno do JEP?
5. Por que você resolveu participar do JEP?
6. O JEP trouxe alguma contribuição para sua vida? Qual?
7. O que você achou do curso?
8. Quais dificuldades você encontrou durante o curso?
9. O JEP correspondeu as suas expectativas em relação à aprendizagem e ao proveito na sua vida prática?
10. Quais as suas realizações na vida profissional? O empreendedorismo está presente nessas realizações?
11. Que dificuldade você teve em relação ao uso da Internet no curso?
12. Você pretende se tornar um empresário, montando um pequeno negócio?

## **ANEXO 3 - ENTREVISTA COM INSTRUTOR DO JEP-AL**

DATA DA ENTREVISTA \_\_\_\_\_

- 1- Nome:
- 2- Escola:
- 3- Há quanto tempo atua como instrutor do JEP?
- 4- Como você se tornou instrutor do JEP?
- 5- Você acredita que o JEP pode contribuir para melhorar a vida de seus alunos? Como?
- 6- O que você acha do curso? Ele permite o aprendizado com facilidade?
- 7- Quais dificuldades você e seus alunos costumam encontrar durante o curso?
- 8- O uso da Internet ou da EAD dificulta o processo de aprendizagem de algum modo?
- 9- O JEP correspondeu às suas expectativas em relação à aprendizagem dos alunos?
- 10- Na sua opinião qual o potencial do programa em relação a educação no Estado?
- 11- Os seus alunos têm demonstrado o quê em relação à utilização dos conhecimentos obtidos durante o JEP e a sua aplicação na vida prática?

## **ANEXO 4 - ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO JEP-AL**

DATA DA ENTREVISTA \_\_\_\_\_

1. Quantos municípios alagoanos e quais as escolas que estão inseridas no programa?
2. De que modo ocorreu a evolução do JEP, do início do programa, da sua implantação, até hoje?
3. Na sua concepção, qual a contribuição que o JEP pode trazer para os alunos das escolas públicas?
4. Você acredita que o JEP pode contribuir para melhorar a vida desses alunos? Como?
5. O que você acha do curso? Ele permite um aprendizado com facilidade?
6. Quais as principais dificuldades que alunos e instrutores encontram durante o curso?
7. Quais os principais problemas enfrentados pelo Programa JEP desde a sua implantação? O que tem sido feito para superá-los?
8. Na sua opinião qual o potencial do Programa em relação à educação no Estado de Alagoas?
9. Quais os indicadores do sucesso do JEP no Estado?



mais ou menos  nada

**Explique:** \_\_\_\_\_

---

**12- No decorrer do curso, em qual das etapas você sentiu mais dificuldades?**

- Internet  Navegando  
 Empreendedorismo  Plano de Negócios  
 Elaborando o Plano

**Explique:** \_\_\_\_\_

---

**13- O que você achou do JEP, em relação à qualidade do curso?**

- excelente  bom  regular  ruim

**14- Seu relacionamento com o seu instrutor do JEP foi:**

- excelente  bom  regular  ruim

**15- Seu instrutor contribuiu para seu aprendizado, dos conhecimentos trabalhados?**

- muito  mais ou menos  pouco  nada

**16- As ferramentas disponibilizadas nos cursos do JEP foram:**

- satisfatórias  deixaram a desejar  ruins  péssimas

**17- O JEP contribuiu de algum modo para a sua inserção no mercado de trabalho?**

- sim  não  talvez